UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

TANYSE GALON

Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e
suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis

Ribeirão Preto

2015

TANYSE GALON

Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem Fundamental.

Linha de Pesquisa: Saúde do Trabalhador.

Orientadora: Profª Drª Maria Helena Palucci Marziale.

Ribeirão Preto

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Galon, Tanyse.

Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis, 2015.

225 p.: il.; 30 cm.

Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Fundamental.

Orientador: Maria Helena Palucci Marziale.

1. Catadores de Materiais Recicláveis. 2. Processo de Trabalho. 3. Saúde do Trabalhador. 4. Estudo Qualitativo. 5. Fotovoz.

GALON, Tanyse.

Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis.

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa
de Pós-Graduação Enfermagem Fundamental.

Aprovado em ____/____/____

Comissão Julgadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho ao meu pai Francisco José Galon, profissional da enfermagem, cujo trabalho desempenha com competência, dedicação e humanidade. Com seu trabalho e esforço de longos anos, concedeu-me a oportunidade do estudo, o que o torna parte desta conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante e pela graça sem limites. Espero conhecê-lo em minha existência e agradecê-lo face a face.

À Prof^ª Dr^ª Maria Helena Palucci Marziale, pela inspiração, competência, estímulo e companheirismo, essenciais na produção deste trabalho. Muito obrigada por estes oito anos de aprendizado.

Aos professores da comissão julgadora, pela atenção conferida ao meu trabalho, contribuindo de forma crucial na avaliação do estudo.

Aos professores da banca de exame de qualificação, que foram sábios e atenciosos nas colocações feitas, cooperando para a qualidade do trabalho.

À Prof^ª Dr^ª Elena Ronda, pela receptividade e ensinamentos durante o estágio de Doutorado Sanduíche no Exterior. Tal aprendizado e experiência foram cruciais para minha vida profissional e pessoal, bem como para o enriquecimento do presente estudo.

Aos meus pais, pela dedicação, amor, suporte e orações. Vocês são um presente de Deus.

Aos meus irmãos Jéssica e Neto, que me trazem o sorriso no rosto, a descontração, a alegria e a amizade.

Ao meu esposo João, pelo apoio, paciência, conselhos e troca de conhecimento no processo de desenvolvimento desta pesquisa. Você é meu melhor amigo, meu orgulho, minha inspiração, meu suporte.

À minha grande amiga Marina Belelli Barbosa, pelo auxílio fundamental na coleta de dados.

À Aline Coscrato, pelo trabalho cuidadoso ao transcrever as entrevistas.

Às minhas queridas amigas Darlene, Janaína, Tiemi e Rachel, por compartilharem uma grande amizade e as vivências pessoais e profissionais. Embora separadas pela distância ou pela correria do dia a dia, vocês estão em meu coração, sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas de laboratório e pós-graduação, Heloísa, Rafael, Camila, Adriane, Márcia Teles, Márcia Astres, Janete, Dnieber e Marília, pelo companheirismo e amizade no cotidiano dos estudos.

À Prof^a Dr^a Maria José Bistafa, pela inspiração em termos de competência, sabedoria e humanidade.

Aos funcionários do Serviço de Pós-Graduação da EERP-USP, por toda atenção, dedicação e atendimento de qualidade a mim oferecidos.

Aos meus colegas de trabalho da enfermagem de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (HCFMRP-USP) que me apoiaram e torceram por mim no processo de desenvolvimento da tese. Também agradeço aos pacientes que ali se encontram, pela lição de vida e experiência laboral e humana que me proporcionam diariamente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro.

Ao Programa de Mobilidade Internacional Santander, pelo financiamento do estágio de Doutorado Sanduíche no Exterior.

À Universidade de Alicante (Espanha) pelo acolhimento e oportunidades oferecidas, permitindo meu acesso a um vasto mundo de conhecimento científico e intercâmbio cultural.

Por fim, aos catadores e catadoras que participaram deste estudo. Foi emocionante estar com vocês, e já não sou a mesma pessoa após este encontro. Vocês merecem toda a valorização possível. Obrigada pelo trabalho que realizam!

“Oh, deixa eu falar uma coisa. Isso daí (o reciclável), quando fica velho, volta a ficar novo. E a gente, se a gente ficar velho, será que vai ficar novo de novo? Será que a gente vai sair novo do outro lado? (risos). Sai não!”.

Jair,
catador de material reciclável.

RESUMO

GALON, T. **Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis.** 2015, 225 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2015.

O trabalho dos catadores de materiais recicláveis, embora promova ganhos ambientais à sociedade e econômicos à cadeia de reciclagem, está inserido em um contexto de informalidade e invisibilidade social. Esses trabalhadores conferem ao lixo o caráter de nova mercadoria com valor de troca, porém sofrem o processo de desgaste da saúde. Este estudo teve como objetivo compreender o processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis, por meio da participação ativa dos próprios trabalhadores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com um grupo de catadores autônomos da cidade de Ribeirão Preto – SP, que vendem seus materiais para uma empresa de comércio de recicláveis. A coleta de dados foi desenvolvida entre maio e dezembro de 2013 por meio das seguintes etapas: 1. Observação do trabalho dos catadores durante o processo de venda dos materiais na empresa, com registro dos dados em diário de campo; 2. Entrevistas individuais e semi-estruturadas com 23 catadores, selecionados por meio da amostragem por saturação teórica; 3. Aplicação do método Fotovoz com a participação de dez catadores, visando compreender o cotidiano de trabalho e as circunstâncias que poderiam levá-los ao desgaste da saúde. Nesta etapa, os trabalhadores produziram e apresentaram suas fotografias em grupos de discussão, gerando temas de análise que foram complementados pelas entrevistas individuais, formando um *corpus* de materialidade essencial para o alcance dos objetivos da pesquisa. O referencial teórico adotado foi o materialismo histórico no estudo da saúde dos trabalhadores. Os dados foram analisados a partir da Hermenêutica-Dialética, que permitiu um salto interpretativo no encontro entre as categorias empíricas e analíticas. Os resultados foram descritos e analisados em torno de quatro categorias temáticas: Condição do catador no interior da cadeia produtiva; Cotidiano de trabalho: “O catador se vira como pode”; Cargas de trabalho: manifestações da precarização laboral; Do trabalho ao desgaste da saúde. Os catadores vivenciam um cotidiano laboral caracterizado pela falta de recursos instrumentais e pela desvalorização do trabalho, intensificadas por sua inserção desigual na cadeia de reciclagem, o que se materializa na baixa renda adquirida e no trabalho dominado e explorado. Os catadores também enfrentam cargas laborais, dentre elas a exposição a materiais biológicos, risco de atropelamento, peso excessivo no transporte dos recicláveis e preconceito e desvalorização do trabalho. Tais circunstâncias são agravadas pela ausência de recursos de segurança no trabalho, visto que estão inseridos no mercado informal, sem direitos trabalhistas. Como manifestações do desgaste da saúde, os catadores relataram problemas osteomusculares, ansiedade, estresse e ocorrência de acidentes de trabalho, situações que são potencializadas pela falta de acesso a serviços de saúde e pela necessidade de sobrevivência em detrimento da proteção à saúde. Por fim, considera-se que os catadores necessitam de valorização laboral e de políticas públicas efetivas voltadas à melhoria de suas condições de trabalho e saúde.

Palavras-chave: Catadores de Materiais Recicláveis, Processo de Trabalho, Saúde do Trabalhador, Estudo Qualitativo, Fotovoz.

ABSTRACT

GALON, T. From trash to merchandise, from work to health weathering: a study of the work process and its implications on the health of recyclable waste collectors. 2015, 225 f. Thesis (Doctor in Science) – School of Nursing, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

Even though it promotes environmental gains to the society and economic benefits to the recycling chain, the work of recyclable waste collectors is placed in the context of informality and social invisibility. These workers transform the waste in new merchandise with trade value, but suffer the health weathering process. This study aimed to understand the working process and its implications on the health of recyclable waste collectors through the active participation of the workers. This is a qualitative research, developed with a group of recyclable waste collectors of the city of Ribeirão Preto – SP, that sell their materials for a recycling company. Data collection was carried out between May and December 2013 and followed three steps: 1. Observation of workers on the sale process in the company, recording the data in a field diary; 2. Individual and semi-structured interviews with 23 collectors selected by saturation sampling; 3. Photovoice methodology with the participation of ten waste collectors, in order to understand the perceptions about the work and their implications for health. At this stage, workers produced and presented their pictures in discussion groups, generating central themes that were complemented by individual interviews, producing a set of materials that were essential to achieve the research objectives. The theoretical framework was the historical materialism in the study of the health of workers. Data was analyzed from dialectical hermeneutics, which allowed the scope of interpretation through the articulation between empirical and analytical categories. The results were described and analyzed through four themes: Condition of collector in the production chain; Work routine: "The collector does what he can"; Workloads: manifestations of precarious working conditions; From the work to health weathering. The recyclable waste collectors experience a labor characterized by a lack of instrumental resources and devaluation of work, intensified by their unequal insertion in the recycling chain, expressed by low income acquired and by the dominated and exploited labor. They also face various workloads, including exposure to biological materials, trampling risk, transport of high amount of recyclable materials and prejudice and devaluation of work performed. Such circumstances are aggravated by the lack of safety promotion resources at work, as they are inserted in the informal market and deprived of labor rights. As the health weathering manifestations, the collectors reported musculoskeletal problems, anxiety, stress and work accidents. These situations are enhanced by the lack of access to health services and the need for survival at the expense of health protection. Finally, it is considered that the recyclable waste collectors need more social recognize and effective public policies in order to improve the work and health conditions.

Keywords: Recyclable Waste Collectors, Working Process, Occupational Health, Qualitative Study, Photovoice.

RESUMEN

GALON, T. De la basura hasta la mercancía, del trabajo hasta el desgaste: estudio del proceso de trabajo y sus implicaciones en la salud de los recolectores de materiales reciclables. 2015, 225 f. Tesis (Doctorado en Ciencias) – Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

El trabajo de los recolectores de materiales reciclables, aunque promueva beneficios ambientales para la sociedad y económicos a la cadena de reciclaje, hace parte del contexto de la informalidad y la invisibilidad social. Estos trabajadores convierten basura en nueva mercancía con valor de cambio, pero sufren el proceso de desgaste de la salud. Este estudio tuvo como objetivo comprender el proceso de trabajo y sus consecuencias para la salud de los recolectores, por medio de la participación activa de los propios trabajadores. Es una investigación cualitativa, realizada con un grupo de recolectores de la ciudad de Ribeirão Preto - SP, que procuran una empresa comercial para la venta de los materiales. La búsqueda de datos se realizó entre mayo y diciembre de 2013 mediante las siguientes etapas: 1. Observación del trabajo durante el proceso de venta del material en la empresa, con registro de los datos en un diario de campo; 2. Entrevistas individuales y semi-estructuradas con 23 recolectores, seleccionados por medio de la saturación teórica; 3. Utilización del método Fotovoz con la participación de diez trabajadores, con el fin de comprender las condiciones de trabajo y las circunstancias que pueden llevarlos al desgaste de la salud. Los trabajadores produjeron temas centrales relacionados a las fotos que hicieron, que junto a las discusiones colectivas y entrevistas individuales, resultaron en un material esencial para el alcance de los objetivos de la investigación. El referencial teórico utilizado fue el Materialismo Histórico en el estudio de la salud de los trabajadores y la Hermenéutica-Dialéctica fue el método seleccionado para el análisis de datos, permitiendo la interpretación por medio del encuentro entre las categorías empíricas y analíticas. Los resultados fueron analizados por medio de cuatro temas: Condición del recolector en la cadena de producción; Cotidiano laboral: "El recolector hace lo que puede"; Cargas de trabajo: manifestaciones de la precariedad laboral; Del trabajo hasta el desgaste de la salud. Los recolectores viven un trabajo que se caracteriza por la falta de recursos instrumentales y desvalorización laboral, intensificadas por su inserción desigual en la cadena de reciclaje, que se materializa en bajos ingresos y en la utilización de una mano de obra dominada y explotada. Los recolectores también enfrentan diversas cargas de trabajo, entre ellas la exposición a materiales biológicos, riesgo de accidentes de tráfico, el exceso de peso en el transporte de los materiales y la discriminación y desvalorización laboral. Estas circunstancias se ven agravadas por la falta de recursos de promoción de la seguridad en el trabajo, ya que se insertan en un mercado informal que les priva de derechos laborales. Como desgaste, los trabajadores reportaron los trastornos musculoesqueléticos, ansiedad, estrés y la ocurrencia de accidentes de trabajo, situaciones que se intensifican por la falta de acceso a servicios de salud y por la necesidad de sobrevivir a costa de su protección. Por lo tanto, es importante considerar que los recolectores necesitan de valorización laboral y de políticas públicas destinadas a mejorar sus condiciones de trabajo y salud.

Palabras Clave: Recolectores de Materiales Reciclables, Proceso de Trabajo, Salud Laboral, Estudio Cualitativo, Fotovoz.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Índices de Reciclagem disponíveis para Alumínio, Papel e Plástico.....	57
Quadro 2 – Comparação dos custos de produção a partir da matéria-prima virgem e reciclada.....	58
Quadro 3 - Dados sociodemográficos dos catadores de materiais recicláveis entrevistados.....	105
Quadro 4 - Dados ocupacionais dos catadores de materiais recicláveis entrevistados.....	107

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Inserção dos catadores de materiais recicláveis no modo de produção capitalista .	37
Figura 2 – Etapas da gestão dos Resíduos Sólidos	50
Figura 3 – Fluxograma da cadeia de valor da reciclagem	54
Figura 4 - Cadeia de Reciclagem Pós-Consumo	55
Figura 5 – Processo de produção e saúde, segundo o referencial do materialismo histórico...	80
Figura 6 – Etapas da análise de dados, a partir do método Hermenêutico-Dialético	101
Figura 7 – Categorias e subcategorias desenvolvidas a partir da análise dos dados	111
Figura 8 – Fotografia produzida pela catadora Sandra	118
Figura 9 – Fotografia produzida pelo catador Samuel	125
Figura 10 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.....	126
Figura 11 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.....	129
Figura 12 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	129
Figura 13 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	130
Figura 14 – Fotografia produzida pela catadora Sandra	132
Figura 15 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	134
Figura 16 – Fotografia produzida pela catadora Sandra	139
Figura 17 – Fotografia produzida pelo catador Francisco	140
Figura 18 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	140
Figura 19 – Fotografia produzida pela catadora Ana	141
Figura 20 – Fotografia produzida pelo catador Antônio	142
Figura 21 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	143
Figura 22 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.....	145
Figura 23 – Fotografia produzida pela catadora Simone	146
Figura 24 – Fotografia produzida pela catadora Sandra	147
Figura 25 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.....	149
Figura 26 – Fotografia produzida pelo catador Francisco	150
Figura 27 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	152
Figura 28 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.....	158
Figura 29 – Fotografia produzida pelo catador Márcio	159
Figura 30 – Fotografia produzida pela catadora Simone	159
Figura 31 – Fotografia produzida pela catadora Sandra	161
Figura 32 – Fotografia produzida pela catadora Maria Aparecida	163
Figura 33 – Fotografia produzida pelo catador Francisco	165
Figura 34 – Fotografia produzida pelo catador Francisco	168
Figura 35 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	170

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 36 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.....	174
Figura 37 – Fotografia produzida pela catadora Maria Aparecida	176
Figura 38 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.....	181
Figura 39 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.....	183
Figura 40 – Fotografia produzida pelo catador Luiz	185

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRELPE	Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEMPRE	Compromisso Empresarial para Reciclagem
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
EPIs	Equipamentos de Proteção Individual
GEEs	Gases de Efeito Estufa
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NRs	Normas Regulamentadoras
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PET	Politereftalato de Etileno
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNRS	Política Nacional dos Resíduos Sólidos
SINIR	Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNEP	<i>United Nations Environment Programme</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO	24
2.1. O mundo do trabalho e a questão da informalidade	25
2.2. O universo da reciclagem e seus desdobramentos	38
2.2.1. A sociedade: consumismo e desperdício	39
2.2.2. O poder público: políticas de manejo dos resíduos sólidos	47
2.2.3. O mercado: inserção do catador na cadeia de reciclagem	53
2.2.4. O catador: contextos de vida, trabalho e saúde	60
2.3. A saúde relacionada ao trabalho	69
2.3.1. Histórico e paradigmas	69
2.3.2. O materialismo histórico no estudo da saúde dos trabalhadores	73
3. OBJETIVOS	82
3.1. Objetivo geral	82
3.2. Objetivos específicos	82
4. PRESSUPOSTOS	84
5. PERCURSO METODOLÓGICO	86
5.1. Caracterização do estudo	87
5.2. Campo e cenário da pesquisa	88
5.3. Participantes do estudo	89
5.4. Operacionalização do estudo	91
5.4.1. Primeira etapa: observação	91
5.4.2. Segunda etapa: entrevistas individuais	93
5.4.3. Terceira etapa: Fotovoz	94
5.5. Aspectos éticos	99
5.6. Análise dos dados	99

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	104
6.1. Caracterização dos participantes do estudo	105
6.2. Análise Qualitativa	110
6.2.1. <i>Condição do catador no interior da cadeia produtiva</i>	112
6.2.1.1. Trabalhadores descartados: desemprego e histórico laboral precário	112
6.2.1.2. Inserção desigual na cadeia de reciclagem	116
6.2.1.3. Do lixo à mercadoria	120
6.2.2. <i>Cotidiano de trabalho: “O catador se vira como pode”</i>	124
6.2.2.1. Rotina laboral: coleta, organização e venda dos recicláveis	124
6.2.2.2. Trabalho flexível: liberdade ou precarização laboral?	135
6.2.2.3. “Achado no reciclável!”: improvisação dos instrumentos de trabalho	138
6.2.2.4. Dificuldades e potencialidades na organização do trabalho	148
6.2.2.5. Relações de trabalho: da competitividade ao trabalho em equipe	152
6.2.3. <i>Cargas de trabalho: manifestações da precarização laboral</i>	156
6.2.3.1. Cargas biológicas: o perigo maior	157
6.2.3.2. Cargas mecânicas: o catador no trânsito	162
6.2.3.3. Cargas fisiológicas: o esforço físico pesado	166
6.2.3.4. Cargas psíquicas: preconceito e desvalorização do trabalho	169
6.2.3.5. Ausência de medidas de proteção: descuido ou falta de recursos?	175
6.2.4. <i>Do trabalho ao desgaste da saúde</i>	179
6.2.4.1. Problemas osteomusculares	180
6.2.4.2. Acidentes de trabalho	183
6.2.4.3. Ansiedade e estresse	189
6.2.4.4. “Eu tomo um remédio e boa, eu não procuro médico não”	192
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS	202
APÊNDICES	215
ANEXOS	224

1

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

A precarização estrutural do trabalho em escala global é uma realidade que vem sendo discutida por pesquisadores da sociologia do trabalho, da saúde coletiva e de áreas afins, devido às repercussões desse processo nas condições de vida e saúde de trabalhadores ao redor do mundo. Um grande contingente de homens e mulheres encontra-se exercendo trabalhos parciais, precários, instáveis, temporários, ou estão inseridos em uma ampla lista de desempregados, situações que afetam diretamente suas condições de vida e saúde (ANTUNES, 2010).

O universo de trabalhadores que fazem parte da economia informal é amplo (ACKERMANN, 2007). Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), embora nos últimos dez anos o Brasil tenha apresentado uma redução no percentual de trabalhadores inseridos na informalidade (de 47% em 2010 para 33% em 2013), estes valores ainda são preocupantes (IPEA, 2014).

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT), há uma forte relação entre informalidade e desigualdade, na qual se perpetuam os ciclos de pobreza, a baixa renda, uma maior exposição a acidentes de trabalho sem proteção legal, e uma maior incidência de trabalho infantil e discriminação por idade, gênero e etnia (OIT, 2013a). Segundo a referida fonte, esta situação se agrava ao nível dos países Latino-Americanos e do Caribe, sendo que nestas regiões, 47% dos trabalhadores de setores não agrícolas encontram-se no mercado informal, destacando-se que no trabalho rural a informalidade é intensamente presente (OIT, 2013a). Ademais, é elevado este índice entre os jovens na América Latina, sendo que 55,6% dos ocupados somente conseguem emprego no mercado informal, o que implica em instabilidade social e carência de proteção e direitos (OIT, 2013b).

Na informalidade, além de ser comum a remuneração abaixo do valor mínimo legal, os trabalhadores são privados dos benefícios de seguridade social, são menos incentivados à sindicalização e não se encontram cobertos por medidas de proteção à saúde. Sem o registro em carteira de trabalho não há garantia de cobertura financeira em casos de doenças e acidentes ou em casos de negligência por parte dos empregadores, abusos e situações de perigo, visto que “(...) o trabalhador encontra-se fora do controle do Estado” (IRIART et al., 2008, p.166).

O conceito de saúde, situado em uma dimensão global, inclui o trabalho como ação humana que afeta diretamente a saúde dos indivíduos. Entretanto, grande parte dos trabalhadores informais ainda representa uma população à margem das estatísticas de saúde do trabalhador. Não há registro adequado dos acidentes de trabalho e doenças que atingem esse grupo, tornando desconhecida sua morbimortalidade ocupacional (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

Os trabalhadores sem vínculos formais, sem proteção e sem direito à assistência à saúde precisam ser investigados. Dentro do campo da saúde do trabalhador, segundo Minayo-Gomez e Lacaz (2005, p. 800):

Pesquisar, nomear e distinguir o imenso contingente de trabalhadores socialmente desprotegidos [...] constitui um grande desafio acadêmico.

O trabalho dos catadores de materiais recicláveis faz parte desse contexto de trabalho informal, instável e precário. Investigar esses trabalhadores torna-se importante visto que, além do crescimento do número de catadores no país, o trabalho com os resíduos sólidos pode desencadear importantes problemas de saúde pública, principalmente entre aqueles que adquirem renda a partir desses resíduos (PORTO et al., 2004).

Estatísticas mostram que essa atividade laboral tem sido adotada por muitos brasileiros. Segundo dados do Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE), em 1999, existiam no Brasil em torno de 150 mil catadores. Em 2009, este número elevou-se para aproximadamente um milhão de catadores, evidenciando a forte ascensão da atividade no país (CEMPRE, 2010).

Em 2002, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) oficializou o trabalho dos catadores, incluindo-o na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), com a seguinte descrição: “Catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis” (BRASIL, 2002). A inclusão dessa atividade na CBO foi oriunda de uma luta que se iniciou no final dos anos 80, momento em que, no Brasil, intensificou-se a organização dos catadores na busca de reconhecimento e melhoria das condições de trabalho (BAEDER, 2009). Entretanto, embora o trabalho dos catadores tenha sido reconhecido enquanto profissão oficializada, os recicladores urbanos permanecem na invisibilidade e desvalorizados enquanto trabalhadores (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

Os catadores apresentam, em sua maioria, uma baixa escolaridade, o que torna ainda maior a sua distância do mercado formal de trabalho. Eles coletam os materiais recicláveis nos grandes lixões e aterros sanitários, ou nas ruas das cidades, onde comumente utilizam um “carrinho de mão” próprio ou emprestado pelos depósitos de sucata, manuseando o lixo urbano e separando os materiais reaproveitáveis (DIAS, 2002). Outros têm buscado a formação de associações e cooperativas, visando desenvolver um trabalho coletivo com melhores condições de trabalho e maior geração de renda (MAGERA, 2005; IPEA, 2013).

A atual sociedade capitalista encontra-se, contraditoriamente, em um contexto de produção, consumo e descarte excessivo de bens e insumos (BAUMAN, 2008), ao mesmo tempo em que vivencia discussões e pautas políticas voltadas para a preocupação com o controle ambiental (MAGERA, 2005). Vários discursos políticos, econômicos, ambientais e midiáticos sobre o trabalho dos catadores de materiais recicláveis definem esta atividade como algo positivo para a sociedade, promovendo benefícios ambientais e econômicos. Entretanto, a dura realidade enfrentada por esses trabalhadores demonstra um cotidiano de trabalho imerso na precariedade, sem valorização social.

Estudo realizado na cidade de Santo André – São Paulo estimou que o trabalho dos catadores proporcionou uma economia anual para o município de três milhões de reais. Além disso, identificou-se que os mesmos coletavam mais materiais recicláveis que a prefeitura local (CORRÊA, 2005). Sendo assim, embora inserido na informalidade, o trabalho dos catadores contribui para a lógica de acumulação do capital (BOSI, 2008), contrário às concepções de que o trabalho informal está aquém de um mercado de trabalho rentável (ALVES, M.A., 2001). No entanto, embora seja uma atividade que reduza os gastos públicos empregados na coleta de resíduos e alimente a cadeia de reciclagem, evidencia-se na prática que o trabalho dos catadores é ainda mal remunerado e realizado sob circunstâncias precárias (SANTOS; SILVA, 2009). Esses trabalhadores ainda permanecem isolados, sem proteção, sem direitos e sem condições dignas de trabalho, fatores que influem diretamente nas condições de saúde dessa população (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

Estudo relacionado às condições de saúde de catadores de um aterro sanitário no Rio de Janeiro identificou relatos de problemas de saúde frequentes entre esses trabalhadores, tais como gripes e resfriados, dores osteomusculares, níveis pressóricos elevados, problemas respiratórios, digestivos e dermatológicos, além do consumo frequente de bebidas alcoólicas e das ocorrências de

acidentes de trabalho envolvendo materiais perfurocortantes, contusões, quedas e atropelamentos (PORTO et al., 2004).

No aspecto psicossocial, por ter como objeto de trabalho aquilo que é desprezado, o catador tem sua atividade negativamente vista pela sociedade, o que culmina no desgaste mental dos trabalhadores. Santos e Silva (2009) identificaram que o que mais os aflige é o olhar que a sociedade em geral tem acerca do trabalho que realizam, o que resulta em sentimento de desvalia.

Frente aos acidentes de trabalho, adoecimento e morte de inúmeros trabalhadores brasileiros, políticas públicas têm sido implantadas visando à promoção, prevenção e assistência à saúde no trabalho. Dentre elas, destaca-se a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (BRASIL, 2012), reconhecendo que:

Art. 3º Todos os trabalhadores, homens e mulheres, independentemente de sua localização, urbana ou rural, de sua forma de inserção no mercado de trabalho, formal ou informal, de seu vínculo empregatício, público ou privado, assalariado, autônomo, avulso, temporário, cooperativados, aprendiz, estagiário, doméstico, aposentado ou desempregado são sujeitos desta Política.

Art. 7º A Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora deverá contemplar todos os trabalhadores priorizando, entretanto, pessoas e grupos em situação de maior vulnerabilidade, como aqueles inseridos *em atividades ou em relações informais e precárias de trabalho*, em atividades de *maior risco para a saúde*, submetidos a formas nocivas de *discriminação*, ou ao trabalho infantil, na perspectiva de superar desigualdades sociais e de saúde e de buscar a equidade na atenção (grifo nosso).

Parágrafo único. As pessoas e os grupos vulneráveis (...) devem ser identificados e definidos a partir da análise da situação de saúde local e regional e da discussão com a comunidade, trabalhadores e outros atores sociais de interesse à saúde dos trabalhadores, considerando-se suas especificidades e singularidades culturais e sociais.

Por conseguinte, uma contínua investigação das condições de trabalho e saúde dos trabalhadores informais é necessária, tanto no meio acadêmico quanto no interior dos serviços de saúde, para que as medidas de proteção à saúde laboral, estabelecidas legalmente, sejam

efetivadas, uma vez que esse grupo de trabalhadores tem direitos que muitas vezes não são reconhecidos.

Dentre os pesquisadores que têm direcionado uma atenção especial ao mundo do trabalho, encontram-se os enfermeiros. O papel da enfermagem no campo da saúde do trabalhador é imprescindível para a ação multidisciplinar necessária à atenção à saúde laboral, que deve ir além da atuação dos enfermeiros especialistas, envolvendo predominantemente as ações e planejamentos de trabalho dos enfermeiros generalistas no interior dos serviços de saúde. Os profissionais de enfermagem, bem como toda a equipe de saúde em todos os níveis de complexidade, devem estar preparados para o atendimento aos trabalhadores, independentemente de sua inserção no mercado de trabalho. Como define a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (BRASIL, 2012), toda a rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) deve ser atuante nas ações integradas de saúde do trabalhador, com o objetivo de prestar uma assistência eficaz, humanizada e coerente com a realidade vivida por esses grupos.

Como problematizam Dall'Agnol e Fernandes (2007), os trabalhadores sem vínculos formais de trabalho crescem numericamente, integrando a clientela dos serviços públicos de saúde, demandando um interesse e olhar cuidadoso da enfermagem e demais profissões da área.

Por conseguinte, para além do cotidiano de trabalho no atendimento a esses homens e mulheres, a enfermagem tem como responsabilidade a luta pelo direito à saúde, sendo esta uma missão universal da profissão, em um contexto de tantas desigualdades na qualidade e no acesso aos serviços de saúde. A luta não apenas por medidas curativas, mas, sobretudo, pelas ações de prevenção e promoção da saúde, torna-se então papel essencial da enfermagem. Neste sentido, desvincular a importância do trabalho na vida de homens e mulheres ao se pensar na saúde coletiva é desconsiderar a complexidade do campo e desempenhar uma visão reducionista do processo saúde-doença.

Sendo assim, por meio da participação ativa dos catadores de materiais recicláveis, este estudo buscou compreender o processo de trabalho que desenvolvem e as implicações dessas condições na saúde desses trabalhadores informais.

2

CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE
INVESTIGAÇÃO

2. CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Com a finalidade de compreender o momento histórico, econômico, político e cultural em que se insere o trabalho do catador de materiais recicláveis, inicialmente serão apresentados os aspectos históricos e as características do trabalho na sociedade capitalista, com destaque para a informalidade, na qual se situa a atividade do catador. Na sequência, adentraremos nos condicionantes específicos relacionados ao trabalho dos catadores, ou seja, no universo da reciclagem e seus desdobramentos, abordando aspectos como: a história do manejo dos resíduos e as políticas atuais envolvidas; o comportamento da sociedade, do poder público e do mercado frente ao trabalho dos catadores; o funcionamento da cadeia de reciclagem propriamente dita; e uma apresentação geral sobre quem são esses homens e mulheres que vivem da reciclagem informal. Por fim, serão apresentados os principais paradigmas da saúde do trabalhador e o olhar adotado neste estudo para a compreensão do fenômeno trabalho-saúde.

A contextualização do objeto de pesquisa apresentada a seguir não visa descrever apenas o cenário do grupo estudado, mas trazer elementos analíticos que contribuirão no entendimento da conformação do processo de trabalho e suas implicações nas condições de saúde dos catadores. Essas discussões servirão para o enriquecimento dos resultados empíricos que serão apresentados, permitindo um salto analítico na compreensão da relação trabalho-saúde vivenciada por esses trabalhadores.

2.1. O mundo do trabalho e a questão da informalidade

A palavra trabalho, na linguagem do cotidiano, apresenta vários significados. No sentido emocional, ora denota dor, suor e fadiga, ora simboliza prazer, conquista e utilidade. De modo geral, o trabalho caracteriza-se como uma ação humana que transforma matéria em objeto de cultura. É o homem agindo pra sobreviver e construir a si mesmo (ALBORNOZ, 1988).

Na língua portuguesa, a palavra trabalho tem origem no latim *tripalium*, que consiste em um instrumento formado por três paus pontiagudos, utilizado por agricultores para esfiapar ou rasgar, no trato dos cereais. Entretanto, a maioria dos dicionários registra *tripalium* como um instrumento

de tortura, definição compartilhada com o verbo do latim vulgar *tripaliare*, que significa torturar (ALBORNOZ, 1988; MICHAELIS, 2009).

No decorrer da história e nas diferentes culturas, a concepção de trabalho apresentou heterogeneidades. Na Grécia antiga, a prática material produtiva (o trabalho físico e braçal) ocupava um lugar secundário na sociedade da época. Para o pensamento grego, a liberdade só poderia ser encontrada na ociosidade ou no trabalho meramente intelectual. Dos homens livres faziam parte, portanto, os filósofos ou políticos. Neste sentido, o trabalho físico desempenhado por escravos e mulheres era considerado servil e humilhante (ALBORNOZ, 1988).

A tradição judaico-cristã também influenciou na conceituação de trabalho. Para ela, a atividade é labuta e penosidade, oriundas das consequências do pecado, visto que no relato bíblico Adão é condenado ao cansaço e suor para sua sobrevivência, enquanto Eva sofreria fortes dores de parto, para geração de seus descendentes (BÍBLIA SAGRADA, 2005).

Ainda no campo religioso, o significado do trabalho sofreu mudanças ao longo da história, seja com a reforma protestante de Martinho Lutero (trabalho enquanto base da vida, modo de servir a Deus, vocação e virtude), seja no cristianismo de Calvino (trabalho associado à idéia de predestinação), para citar alguns exemplos (ALBORNOZ, 1988).

O sociólogo alemão Max Weber, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (WEBER, 1989) articula a concepção protestante de trabalho com os interesses da burguesia. O autor entendia que, para afirmá-los, a classe burguesa utilizou as concepções positivas de trabalho construídas pelo protestantismo, dentre elas o trabalho como expressão do amor ao próximo e manifestação da fé verdadeira e prática, conseguindo então angariar forças ideológicas para legitimar processualmente o sistema capitalista.

No Renascimento, entre os séculos XVI e XVII, a consciência filosófica do trabalho enquanto atividade humana sofreu intensas mudanças. O trabalho prático, longe de escravizar ou degradar o homem, torna-se condição necessária de sua liberdade e legitimação. Com o Iluminismo no século XVIII, o domínio do homem sobre a natureza por meio de sua atividade técnica (articulação da teoria com a prática) exaltaria ainda mais a atividade humana prática, valorizando as artes mecânicas e afirmando a cultura, a técnica, a ciência e o trabalho humano (ALBORNOZ, 1988).

Entretanto, em contraposição ao discurso de exaltação do trabalho, Rousseau, contrariando os pensadores de seu tempo, problematiza que a atividade social no trabalho, na técnica, na arte ou na política transformou não apenas a natureza, mas o próprio homem também de modo negativo, culminando em formas de degradação da humanidade. Esta concepção antecipa as futuras proposições de Marx sobre a relação trabalho-capital (ALBORNOZ, 1988).

Para Karl Marx, analista crítico do idealismo alemão, dos economistas ingleses e dos utopistas franceses, o significado do trabalho será construído a partir de seu caráter ontológico, bem como de sua historicidade, materialidade e complexidade. Para ele, o trabalho é o processo no qual o ser humano media, regula e controla seu metabolismo com a natureza, transformando-a e sendo por ela transformado. O trabalho consiste então em uma atividade na qual se encontra a essência do ser humano e, em síntese, são as condições materiais de existência do homem que determinam sua consciência e seu ser (MARX, 1988).

Para Marx, o ser humano enquanto ser social diferencia-se dos demais a partir do trabalho, visto que homens e mulheres são seres com consciência. Por conseguinte, eles definem o objeto de seu trabalho, sua forma e seu desenho antes mesmo de sua concepção material. Clarificando essa afirmativa, Luckács (1978, p.8) define que “trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios”. De maneira figurada e simplificada, o próprio Marx explica: “O que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto ergue a construção em sua mente antes de erguê-la na realidade” (MARX, 1988, p.59).

A definição de trabalho para Marx, no sentido histórico-ontológico, é concebida como uma unidade natural entre o homem e os meios de produção da vida. O trabalhador aparece como sujeito que, por meio de seu instrumento de trabalho, como extensão de si mesmo, atua sobre a natureza, produzindo valores de uso que satisfaçam suas necessidades humanas (ALVES, 2007).

No entanto, se podemos definir trabalho como ação humanizadora ou finalidade central do ser social, no contexto do capitalismo ele transforma-se em “trabalho assalariado, alienado, fetichizado” (ANTUNES, 2004, p.8). Neste contexto, o trabalho perde seu sentido ontológico, sofrendo bruscas mudanças. O capitalismo é o único modo histórico de produção em que a força de trabalho é mercadoria. Sendo assim, o trabalho deixa de ser uma ação humana transformadora da

natureza e de si mesmo que dignifica o homem, para tornar-se meio essencial de valorização do capital, voltado para a produção de mercadorias visando à acumulação da mais-valia, a qual o próprio trabalhador não se apropria (ALVES, 2007).

Como grande analista do capitalismo no século XIX, Marx problematiza que o trabalhador, sob a lógica do capital, encontra-se alienado, ou seja, incapaz de antever aquilo que ele produz em sua totalidade, despossuído dos instrumentos de seu trabalho, estando ele mesmo na posição de mercadoria enquanto força de trabalho comprada. Nesse sentido, o trabalho humano reduz-se a uma ação sem projeto e, portanto, desumana, sem o exercício de uma consciência livre e emancipada (ANTUNES, 2004).

Destaca-se ainda que a degradação da força de trabalho implica também na degradação da saúde do trabalhador, visto que, na medida em que ele vende e tem explorada a sua força de trabalho, vende também sua mente e seu corpo, resultando em processo de adoecimento e deterioração da saúde (LAURELL; NORIEGA, 1989). Portanto, é nessa significação de trabalho construída por Marx e discutida por autores contemporâneos sob sua influência, que esta pesquisa ancorar-se-á.

Considerando que para a análise do trabalho na atualidade é necessário situá-lo no contexto do capitalismo, torna-se importante compreender de forma heurística as fases históricas deste sistema, definidas por Alves (2007) como primeira, segunda e terceira modernidade do capital. Para o autor, “é através deste desenvolvimento histórico que poderemos apreender a manifestação essencial da natureza da categoria de capital” (ALVES, 2007, p.24). Para os autores do presente estudo, fazer este resgate histórico permitirá situar o trabalho do catador neste sistema, que afeta diretamente a conformação do processo de trabalho desses homens e mulheres, e que terá repercussões na saúde laboral desses trabalhadores.

O modo de produção capitalista, por todo o período de sua existência e metabolismo, legitima velhas formas e cria novas maneiras de prosseguir e manter o cerne principal e a finalidade ontológica de reprodução sócio-metabólica do capital, a produção de mais-valia, expressa na fórmula geral do capital: dinheiro – mercadoria – dinheiro acrescido de valor ou D-M-D (MARX, 1988; ALVES, 2007).

A primeira modernidade do capital situa-se no início do século XVI ao fim do século XVIII e início do século XIX. Refere-se ao momento histórico do capitalismo comercial e manufatureiro, com as sociedades europeias ocidentais ainda imersas em relações sociais tradicionais e dominadas pela classe aristocrático-feudal, na lógica do capital mercantil. Este período é também denominado de época da “acumulação primitiva”, momento em que surgem o trabalho assalariado e a divisão do trabalho (ALVES, 2007, p.25).

Na primeira modernidade do capital, no contexto da manufatura e da cooperação simples, momento anterior ao modo de produção capitalista propriamente dito, já era possível verificar a extração de sobretrabalho por meio do aumento da carga horária laboral, o que Marx denomina de extração da mais-valia absoluta. Entretanto, embora o capitalista fosse proprietário dos meios de produção, sua intervenção sobre o processo de produção era indireta. A esse processo Marx denominava de subsunção formal do trabalho ao capital (MARX, 1988). Esta se baseava na relação estritamente monetária entre proprietário e trabalhador, em que este se submete àquele devido à sua dependência econômica, não havendo uma intensa relação de hegemonia e subordinação entre ambos (ALVES, G., 2001).

Nesse contexto, o processo de trabalho capitalista ainda se caracterizava como processo de trabalho, no qual o trabalhador possuía certa autonomia e controle material sobre os meios de produção (ALVES, 2007, p.40). O trabalhador continuava na condição de vendedor de mercadorias e o produto do seu trabalho era por ele apropriado e utilizado (ALVES, G., 2001).

Na medida em que o capitalista intensifica o volume de capital empregado no processo produtivo, contrata mais operários e participa menos do processo real de produção, o trabalhador passa a enfrentar maior carga e exploração no trabalho, momento em que o capitalismo inicia sua legitimação (MARX, 1988).

A segunda modernidade do capital tem início com a Primeira e a Segunda Revolução Industrial (séculos XIX e XX), período em que se estabelece de forma mais consistente o modo de produção capitalista. Nesse momento histórico estão presentes os sistemas maquinários e a grande indústria, com a atuação da burguesia e do proletariado. É neste período que ocorre também a transição da subsunção formal do trabalho ao capital à subsunção real do trabalho ao capital. Isto ocorre pela transformação total da natureza real do processo de trabalho, pelas modificações na

produtividade do trabalho e pelas mudanças na relação entre o capitalista e o operário (ALVES, 2007).

A subsunção real do trabalho ao capital, característica dessa segunda fase do capitalismo, expressa-se por meio da intensa exploração da força de trabalho pelo capitalista, que já domina todo o processo de produção. Produz-se não mais com base nas necessidades, mas sob a lógica da escala de produção. Busca-se a “produção máxima com o mínimo de trabalho possível” (ALVES, G., 2001, p.16). Exige-se do trabalhador não a extensão do tempo de trabalho (que produz a mais-valia absoluta), mas sim a intensificação do ritmo de trabalho e o aumento da produtividade (produzindo a mais-valia relativa). Isso se torna possível por meio do desenvolvimento da indústria e do papel da máquina no processo de produção (ALVES, G., 2001).

Na segunda modernidade do capital, Karl Marx e Frederick Engels vivenciam e elaboram suas críticas ao sistema capitalista. É em meio à primeira crise sistêmica do capitalismo e às revoluções sociais do século XIX que o Manifesto Comunista é elaborado e divulgado (ALVES, 2007).

Neste período também ocorrem a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Surgem os Estados Nacionais, destacando-se os Estados Unidos da América enquanto potência mundial. Processos de colonização, descolonização e ocidentalização do terceiro mundo se intensificam e a ciência exerce papel crucial no desenvolvimento do capitalismo, estabelecendo a Organização Científica do Trabalho (Taylorismo) e o Fordismo, por meio da produção em massa. Trata-se também de um momento “marcado por luta de classes e resistências operário-sindicalistas” (ALVES, 2007, p. 29).

A crise da segunda modernidade do capital irá ocorrer nos anos de 1960, anunciando a terceira modernidade do capital, que compreende o período entre o final do século XX até o presente momento. A terceira modernidade do capital é caracterizada por Alves (2007) como a modernidade do precário mundo do trabalho e da barbárie social, com impactos cruciais na subjetividade dos trabalhadores.

Para a discussão sobre a terceira modernidade do capital, é necessário abordar a crise estrutural mundial do capitalismo nos anos de 1970, na qual se institui o conceito de Estado Neoliberal, implementando-se políticas que impulsionaram o processo do novo complexo de reestruturação produtiva a nível global, culminando em novas formas de precarização do trabalho.

Desenvolvido no decorrer do século XX, no contexto da segunda modernidade do capital, o padrão produtivo Taylorista-Fordista era dominante, cujos cenários eram a fábrica e a indústria, fundamentado na produção em massa, em unidades produtivas concentradas e verticalizadas, “com controle rígido dos tempos e movimentos, no qual atuavam o proletariado coletivo e de massa, sob forte despotismo e controle fabril” (ANTUNES, 2010, p. 28).

A partir das lutas de classe do proletariado organizado, conquistas sociais e políticas foram sendo alcançadas, como o desenvolvimento da legislação do trabalho (leis trabalhistas, previdência social e seguridade social) produzindo um “Estado Social”, chamado *Welfare State*, ou “Estado de bem-estar social”, onde o homem moderno é apresentado como um sujeito de direitos, dotado de um emprego digno e com capacidade de ascensão salarial e, portanto, social. Essa ação do Estado, em resposta às reivindicações da classe trabalhadora, até conseguiu criar o falso ideário de um “Estado-Providência”, mas continuou legitimando a precarização do trabalho, considerando que muitos homens e mulheres ainda se encontravam fora da gama de direitos trabalhistas (ALVES, 2007).

No final do século XX, nas décadas de 1970 e 1980, os traços de uma crise estrutural do capital começaram a emergir. Entre os indícios dessa crise, manifestavam-se uma ociosidade no setor produtivo, um excesso de mercadorias e estoques e uma redução da produtividade e da lucratividade das corporações, devido à intensificação da competição internacional aos efeitos da crise do petróleo em 1973. No longo período de expansão do pós-guerra, um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e novas especificidades do poder político-econômico desequilibraram-se, dando início a uma época de rápidas mudanças e incertezas futuras (LOMBARDI, 1997).

Paralela à crise estrutural do capital, ocorre a crise do Estado Social, com a formação progressiva de um Estado Neoliberal. A partir de meados da década de 1970, nessa nova conformação do Estado, inicia-se um processo de redução das barreiras à lógica do mercado. Na era neoliberal, muitas empresas estatais passaram para o domínio e controle dos interesses das grandes corporações capitalistas, por meio de processos de privatização sem precedentes, tornando o mercado o protagonista da produção e reprodução social (ALVES, 2007; ANTUNES, 2010).

A crise estrutural resultou na criação de novos métodos de produção e gestão da força de trabalho, ou seja, na implementação de um complexo e vasto processo de reestruturação produtiva, visando recuperar o ciclo de reprodução do capital (ANTUNES, 2010). Transformações no mundo do trabalho, incluindo o avanço tecnológico, as mudanças políticas e sindicais, entre outras metamorfoses do capital, culminaram na substituição do binômio Taylorismo-Fordismo por um novo processo produtivo: o Toyotismo (ALVES, 2007; ANTUNES, 2010).

Essa forma de organização do trabalho surge a partir da fábrica Toyota no Japão, na década de 1950, expandindo-se pelo ocidente capitalista. Tem como características básicas uma produção vinculada à demanda, variada e bastante heterogênea, fundamentada no trabalho em equipe. Possui como nexos o *just in time* (melhor aproveitamento possível do tempo de produção), funcionando segundo o sistema *kanban* (placas ou senhas de comando para reposição de peças e estoque que devem ser mínimos), e por meio da terceirização, dos programas de qualidade total, dos sistemas de remuneração flexível e da realocação geográfica de diversas empresas (ALVES, G., 2001; ANTUNES, 2010).

No Toyotismo, a produção em série e em massa vai conferindo lugar à flexibilização da produção e à especialização flexível. O despotismo mescla-se com a manipulação do trabalho, intensificando a interiorização do trabalho alienado. Nesse contexto, exige-se que o trabalhador seja polivalente. Ao invés de trabalhar isolado, ele atua em equipe. Ele produz não só para a venda do produto a pessoas que não conhece, mas para satisfazer seu grupo de trabalho e sua empresa (MINAYO-GOMES; THEDIM-COSTA, 1997; ANTUNES, 2010).

Os defensores do Toyotismo argumentam que, sobre essa ótica, há enriquecimento das tarefas, satisfação dos consumidores e controle de qualidade. No entanto, verifica-se a partir disso uma redução do número de trabalhadores assalariados, um aumento da carga de trabalho, uma maior pressão e exigências sobre o trabalhador e a perda de força dos sindicatos, resultando em renovação e intensificação da precariedade laboral (ANTUNES, 2010).

O processo de reestruturação produtiva nos países de capitalismo tardio, como o Brasil, apresenta algumas distinções dos países de capitalismo central. Nos países emergentes, são mais graves a precarização do trabalho e a deterioração das condições de vida dos trabalhadores, com a existência de relações de trabalho ainda mais frágeis (ALVES, 2007).

No Brasil, presencia-se nos anos de 1980 uma fase inicial do Toyotismo, com alterações mais profundas desse processo produtivo já na década de 1990, cuja crise gerou altas taxas de inflação e baixo crescimento da economia brasileira. É neste período que a informalização do mercado de trabalho e a precarização assumem proporções significativas a partir da abertura do país para capitais financeiros internacionais (ALVES, 2007).

As reformas neoliberais e a situação da macroeconomia naquele período aceleraram o processo de reestruturação produtiva no país, favorecendo a degradação do mercado de trabalho brasileiro, com alto índice de desemprego total nas regiões metropolitanas e deterioração dos contratos salariais, devido ao aumento do número de trabalhadores informais e da terceirização nas grandes empresas, com o objetivo de reduzir custos. Intensificou-se a desigualdade social, concentrando a riqueza do país e tornando mais precário o mundo do trabalho (ALVES, 2009).

Neste período, denominado “terceira modernidade do capital” presenciamos, portanto, conforme sintetiza Antunes (2010): 1. Uma desproletarização do trabalho industrial e fabril, ou seja, uma diminuição da classe operária industrial tradicional, principalmente nos países de capitalismo avançado, embora se mantendo em alguns países de terceiro mundo; 2. Expansão do trabalho assalariado no setor terciário ou de serviços, no qual se presencia a subproletarização, identificada na expansão do trabalho parcial, temporário, subcontratado, precário e terceirizado; 3. Incorporação do trabalho feminino no setor de serviços, em situação precária e desigualdade de gênero; 4. Exclusão dos mais jovens e mais velhos, inserindo-os nesse contexto de trabalho instável; 5. Danosos impactos do desemprego estrutural na vida de milhares de brasileiros. Sendo assim, constata-se um processo de heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora, gerando desemprego e/ou inserção dos trabalhadores na informalidade.

O “empreendedorismo”, conceito atual no mundo do trabalho, apresenta a idéia de que o trabalhador, no mercado de trabalho informal, teria a possibilidade de desenvolver suas atividades com maior autonomia, sem a presença de um “patrão” e sem horários de trabalho pré-determinados, o que possibilitaria ao trabalhador alcançar maior liberdade e possibilidade de melhor remuneração. No entanto, muitos trabalhadores informais enfrentam condições de trabalho precárias, como instabilidade financeira e perda de direitos e benefícios sociais. Portanto, no ideal do empreendedorismo, nega-se a influência da política econômica e dos interesses do capital sobre

a informalidade, colocando o trabalhador na situação de único responsável pelo seu próprio destino (MATSUO, 2009).

Dentre as inúmeras transformações no mundo do trabalho descritas anteriormente, destaca-se o mercado informal e suas consequências nas condições laborais e de saúde dos trabalhadores. Trata-se de uma problemática em expansão e um tema que necessita de discussões, especialmente no campo da saúde do trabalhador.

A definição de informalidade é heterogênea, representando um tema controverso e polêmico entre distintas áreas (economistas, sociólogos, juristas e senso comum) e inexistindo um pleno consenso entre as diversas abordagens. Os conceitos de formalidade e informalidade já não são mais dualistas devido à atual multiplicidade do mundo do trabalho, no qual a informalidade tem se tornado um processo cada vez mais complexo. Novas informalidades surgem, ao mesmo tempo em que se mantêm velhas composições de trabalho informal. Assim sendo, sua definição torna-se um desafio (MATSUO, 2009).

Sobre as diversas concepções de informalidade, verifica-se que na década de 1970 era predominante uma abordagem dualista, que culminou na dicotomização setor formal/setor informal, em que ambos eram analisados separadamente e independentes entre si (ALVES, M.A., 2001). O setor informal era visto como uma produção organizada com pouco capital, com mercados menos competitivos e pouco regulamentados, com técnicas de trabalho arcaicas e com a participação de um pequeno número de trabalhadores, geralmente desenvolvendo um trabalho domiciliar com a colaboração de membros da família (CACCIAMALI, 1983).

Segundo Alves, M.A. (2001, p. 55), a definição da OIT, que introduziu o conceito de Setor Informal, considerava a organização da economia urbana como resultado da coexistência de setores “modernos” (setor formal) e setores “atrasados” (setor informal), ou seja, “uma concepção dual”, que se tornou a compreensão predominante neste período.

Influenciando essa lógica polarizada entre setor formal e setor informal, a “Teoria da Marginalidade” (NUN, 1978; QUIJANO, 1978) considerava que os trabalhadores informais consistiam naqueles que não faziam parte dos setores mais modernos e dinâmicos da economia e que, portanto, não estavam integrados à produção do capital. Nesta teoria, o trabalho informal não era considerado resultante e consequente do processo de acumulação capitalista (ALVES, M.A., 2001).

A partir da segunda metade da década de 1970, contrários às análises dualistas, autores como Kowaric (1977), Paoli (1978), Souza (1980) e Cacciamali (2000) iniciaram vários debates, demonstrando que o trabalho informal está diretamente imbricado e interligado com o trabalho formal, considerando a atividade informal como “intersticial e subordinada ao movimento do capital” (ALVES, M.A, 2001, p. 147). A discussão da informalidade nesse contexto aflora-se oriunda das transformações no mundo do trabalho nas décadas de 1980 e 1990, com a crise estrutural do capital, o neoliberalismo e o processo de reestruturação produtiva, que resultaram em mudanças na conformação da informalidade e, portanto, na sua interpretação, que irá demandar uma análise crítica e que abarque toda a complexidade do momento histórico, político e econômico vigente.

Nesse período, com as ações do Estado neoliberal (abertura econômica e as privatizações), com a flexibilização das relações de trabalho e com a crescente degradação das condições laborais, houve uma diminuição dos postos de trabalho formais, aumentando o desemprego e ampliando o mercado informal (ACKERMANN, 2007).

Com a reestruturação produtiva, as características iniciais do trabalho informal sofreram transformações. Segundo Pochmann (2000), a informalidade passa a se manifestar também no trabalho terceirizado, na subcontratação da força de trabalho, na produção organizada em redes, e no trabalho flexibilizado, que é desempenhado fora do ambiente da empresa. Cacciamali (2000), definindo a heterogeneidade da informalidade, refere que a economia informal manifesta-se na evasão e na sonegação fiscais, nas microempresas, no comércio de rua, na contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, no trabalho temporário, no trabalho em domicílio, entre outros.

No novo paradigma que se instaura, a informalidade é entendida em sua complexidade, diretamente articulada e subordinada ao mercado formal, sendo um instrumento do modo de produção capitalista que, por meio da flexibilização e da precarização do trabalho, cria e recria novas formas de informalidade objetivando a valorização do capital.

Sobre essa questão, Alves, M.A. (2001, p. 148) problematiza:

As novas formas flexíveis de produção foram criadas pelo capital, mesclando o trabalho informal, parcial, temporário, precário, com formas de trabalho assalariado com ou sem registro em carteira. Esse foi um grande conjunto de

estratégias criadas (...) para manter a subordinação da classe trabalhadora, de forma a atender as exigências internacionais de valorização do capital. Houve uma ampliação dessas formas de trabalho em vários setores produtivos. Entendemos que os trabalhadores informais também foram inseridos nesse novo contexto de reestruturação produtiva do capital, inclusive dando origem a algumas atividades totalmente novas. Pode-se dizer que está havendo uma crescente informalização do mercado de trabalho.

Este fenômeno de articulação entre mercado formal e informal, tão presente na sociedade contemporânea, pode ser observado no trabalho do catador. Ele se encontra inserido no circuito econômico da reciclagem, no qual formalidade e informalidade laboral se mesclam, percorrendo desde a estruturação tecnológica de ponta entre as indústrias recicladoras, até a informalidade precarizada e obsoleta do trabalho dos catadores (MONTENEGRO, 2011).

Neste sentido, se o trabalho assalariado tem sofrido intenso processo de precarização, tornando-se desregulamentando, fragmentado e flexibilizado, o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, trabalho inserido na informalidade, torna-se ainda mais precário, abarcando um grande contingente de novos trabalhadores. Verifica-se que muitos dos que se tornam catadores emergem do desemprego, oriundos da crise estrutural do trabalho assalariado, ou adentram nesta atividade devido a uma história crônica de pobreza e baixo nível educacional, situações que os afastam do mercado formal. Sobre esta questão, Costa (2010, p.172) afirma que:

A população passou predominantemente a encontrar sua fonte de renda no mercado de trabalho informal, com suas mais variadas formas de trabalho autônomo, ambulante, temporário, irregular, precário. [...] Foi notório o *crescimento do número de antigas atividades jamais reconhecidas como trabalho regular ou regulamentado*: guardadores de carro nas ruas, *catadores de lixo*, outdoors humanos ambulantes, carregadores de feira, trabalhadores domésticos casuais, etc. Essa nova *informalidade urbana*, que se expande em modalidades diversas de atividades, contribuindo para uma heterogeneidade ainda maior do mercado de trabalho, tem como marca a precariedade das condições de trabalho e de vida, a negação dos princípios mais elementares de cidadania, a perpétua reprodução da pobreza e das desigualdades sociais (grifo nosso).

Para a compreensão do trabalho dos catadores de materiais recicláveis enquanto trabalhadores informais, adotamos uma visão que vai ao encontro do que problematizou Bosi

(2008), definindo que a atividade dos catadores, tida como uma livre escolha do trabalhador, que negocia de forma autônoma o produto do seu trabalho à margem da lógica de mercado, é errônea e anula o momento histórico e material em que o catador e tantos outros trabalhadores informais se inserem. Reiterando essa afirmativa, Gonçalves (2004, p.16) expõe que:

[...] é um grande engano considerar que esses catadores são supérfluos do ponto de vista da acumulação global, porque vivem dos restos da sociedade. Eles se encontram integrados à economia, ainda que pela via mais perversa de um trabalho informal socialmente não reconhecido. Embora a reciclagem do lixo seja um negócio economicamente rentável, o ciclo de comercialização tem se conservado à margem da legalidade, fazendo com que o trabalho dos catadores seja o elo inicial de uma engrenagem econômica, que se reproduz em condições de marginalidade, na ausência quase absoluta de direitos trabalhistas e na compra de mercadorias por parte dos intermediários e das fábricas de modo informal.

Por conseguinte, as relações de trabalho, embora tenham sofrido mudanças (flexibilização do trabalho, desemprego e aumento do trabalho informal), não alteraram a essência de seu conteúdo com relação à lógica do capital. Consideramos então que, no trabalho informal, especificamente na atividade dos catadores, há a manifestação de um trabalho explorado, organizado e articulado com o processo de acumulação capitalista (BOSI, 2008).

O diagrama a seguir visa sintetizar o caminho teórico até aqui realizado, buscando contextualizar os catadores em um mundo do trabalho inserido no modo de produção capitalista, com repercussões na conformação do trabalho e da saúde deste grupo laboral.

Figura 1 – Inserção dos catadores de materiais recicláveis no modo de produção capitalista.

Portanto, as transformações no mundo laboral, no contexto do capitalismo nesta terceira modernidade do capital, resultaram em precarização intensa das condições de trabalho. No contexto da informalidade e da invisibilidade social, a reciclagem informal ganha espaço, aumentando o contingente de trabalhadores atuando nesta atividade.

Destaca-se que a síntese apresentada na figura 1 não constitui uma explicação única para o surgimento e a precarização do trabalho do catador. Trata-se de um primeiro passo analítico para se compreender este universo. Por conseguinte, a discussão a seguir se volta para o contexto específico da reciclagem, mostrando como a atuação histórica da sociedade, do poder público e da lógica de mercado interferem no processo trabalho-saúde dos catadores.

2.2. O universo da reciclagem e seus desdobramentos

A seguir, serão apresentados aspectos do contorno social, econômico, político e cultural que influem nos espaços de trabalho e nas condições de reprodução dos trabalhadores da reciclagem informal, sendo eles:

- A sociedade: consumismo e desperdício – O intuito será compreender esses comportamentos que emergem na sociedade contemporânea mundial, levando-a a uma despreocupação com a produção excessiva de resíduos sólidos, acentuando a movimentação da cadeia de reciclagem e interferindo no cotidiano de trabalho dos catadores;

- O poder público: políticas de manejo dos resíduos sólidos – O propósito deste tema será o de apresentar, em termos de políticas públicas, quais as dificuldades que o país enfrenta hoje no gerenciamento dos resíduos sólidos e as metas propostas para as melhorias, cujos desafios e contradições irão interferir na categoria laboral dos catadores;

- O mercado: a cadeia de reciclagem – O objetivo será elucidar o processo produtivo no qual os catadores se inserem, descrevendo seu funcionamento e as formas de inserção desses trabalhadores;

- O catador: contextos de vida, trabalho e saúde - Por fim, será apresentada uma síntese do que há na literatura científica sobre o contexto de vida, trabalho e saúde dos catadores, com o

objetivo de apresentar ao leitor algumas peculiaridades deste grupo, principal elo da cadeia de reciclagem e objeto-protagonista do estudo.

Embora os temas estejam apresentados de forma fragmentada para fins didáticos, destaca-se que os mesmos se encontram interligados, formando uma rede de aspectos que influem no objeto de estudo: o processo de trabalho e suas implicações na saúde dos catadores.

2.2.1. A sociedade: consumismo e desperdício

A transformação da natureza para a sobrevivência dos indivíduos e coletividades gera resíduos ou lixo, aquilo que é descartado ao término de seu uso, utilidade ou interesse de quem o produz. Embora a conformação do lixo e as suas formas de manejo tenham se alterado ao longo da história e se difiram em cada tipo de sociedade, a visão dos seres humanos sobre seus rejeitos pouco se modificou e ainda representa algo que se deseja excluir e esquecer. A palavra “lixo” é definida como “aquilo que se varre para tornar limpa uma casa, rua, jardim, etc.; (...) imundice, sujidade; escória, ralé” (MICHAELIS, 2009). Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (ABNT, 2004), lixo é definido como os “restos das atividades humanas, consideradas pelos geradores como inúteis, indesejáveis ou descartáveis.” Neste sentido, essas definições mostram que o lixo que produzimos, por ser algo a lançar-se fora da vista humana, não tem representado um assunto ou problema de grande interesse no cotidiano social, situação que tem isentado a responsabilidade dos seres humanos enquanto geradores (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

Até a revolução industrial, o lixo era composto predominantemente por material orgânico. Nos tempos mais remotos, grupos nômades abandonavam “os restos” ao procurarem outros espaços para a sobrevivência. O lixo não os acompanhava, sendo degradado pelo tempo. Porém, ao começaram a se fixar nas cidades, os seres humanos passaram a conviver mais próximo aos resíduos, chegando a despejá-los nas ruas, o que gerava mau cheiro intenso e proliferação de animais e doenças (BAEDER, 2009). A peste bubônica ou peste negra é um exemplo das consequências deste convívio intenso com grandes quantidades de rejeitos, fato que dizimou metade da população européia no século XIV a partir da proliferação e contaminação de ratos (RUSSO, 2003).

Com as epidemias alcançando as populações, surge uma maior preocupação em controlar o descarte e a disposição final dos resíduos. Em países como Inglaterra e França, no contexto dos séculos XIV e XV, há relatos de normativas, dentre elas a retirada do lixo da frente das casas uma vez por semana, a fiscalização de excessos de produção de resíduos e as cobranças de impostos destinadas aos encargos de seu gerenciamento. Entretanto, predominavam-se formas insuficientes de manejo e higiene por parte das populações e governos locais (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

A alternativa de colocar os resíduos para além dos muros das cidades não foi efetiva. Com a Revolução Industrial, o êxodo rural e o processo de urbanização, não só a produção de resíduos cresceu como também se modificaram as características do lixo produzido. Não havia apenas o material orgânico, mas também os rejeitos de indústrias, comércios, portos, propriedades agrícolas e construção civil, aumentando a toxicidade dos produtos descartados e as preocupações com seu manejo (MIZIARA, 2008; DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

Com os importantes avanços científicos a partir do século XIX, concomitantes ao progresso industrial, a questão dos resíduos passou a ser vista como um problema econômico e de saúde pública, surgindo políticas de saneamento básico devido à necessidade de se manter uma mão-de-obra saudável, fatores que expandiram as ações de reforma sanitária nos países europeus (FIGUEIREDO, 1995).

No Brasil, documentos históricos do século XVII indicam que poderes municipais liberavam decretos para a população organizar seus dejetos, limpando a frente de suas casas, contudo no sentido de higienizar apenas os espaços públicos, principalmente em dias de festejos. Ou seja, o manejo dos resíduos não era ainda um sistema técnico e bem estabelecido em termos políticos. Isso se evidencia pelo fato dos resíduos serem alojados em locais ou valas próximos às casas, o que não afastava o lixo dos aglomerados populacionais (MIZIARA, 2008).

Uma maior preocupação com os resíduos surge no país a partir das grandes epidemias nos séculos XIX e XX, como a Febre Amarela. O lixo, que era de cuidado individual e privativo, passa a ser uma questão pública, na qual os envolvidos não eram apenas as autoridades locais e a população, mas também os médicos, os engenheiros sanitaristas, os empresários das indústrias, entre outros pares (MIZIARA, 2008).

Relatos e documentos históricos no Brasil indicam que aqueles que trabalhavam com os resíduos faziam parte dos grupos socialmente desfavorecidos. O manuseio do lixo enquanto trabalho ou atividade de limpeza das cidades sempre esteve atribuído a grupos sociais de baixa renda e com pouco ou nenhum reconhecimento social, sofrendo forte preconceito e exclusão (BAEDER, 2009). Segundo Miziara (2008, p.3):

[...] a necessidade de limpeza das ruas apoiava-se mais em valores morais e intenções punitivas do que em um ideário sanitário. Quem realizava esse trabalho de recolhimento das sujeiras eram os considerados excluídos da sociedade: negros e mulatas forras e os fora da ordem “presos”, estes também vinculados à imagem de dejetos.

Dentre as minorias estavam os imigrantes, os negros, as prostitutas, os doentes mentais, os pobres e os sucateiros, vistos pelos demais como “restos sociais” (MIZIARA, 2008). Nesse sentido, os trabalhadores do “lixo” vivenciam historicamente a exclusão social e desempenham, na visão da sociedade, uma função subalterna e de pouco valor.

Destaca-se que mesmo com o advento da industrialização, com as mudanças no manejo dos resíduos e com a criação progressiva de políticas públicas preocupadas com o gerenciamento dos “restos”, ainda permanece a visão societária de que aquilo que é eliminado e denominado lixo já não faz parte da responsabilidade dos consumidores. Também se mantém uma percepção desvalorizadora daqueles que trabalham com os resíduos, embora os mesmos desempenhem uma função imprescindível que, caso não houvesse, afetaria negativamente o ambiente e o bem estar dos seres humanos.

A importância do gerenciamento dos resíduos sólidos no mundo e da valorização dos trabalhadores envolvidos emerge com força ao se analisar os dados estatísticos sobre o tema. Segundo informações da *United Nations Environment Programme* (UNEP) da Organização das Nações Unidas (ONU), foram gerados em 2012 aproximadamente 1,3 bilhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos no mundo, sendo que a previsão para 2025 é de 2,2 bilhões de toneladas (UNEP, 2013). Como fatores do crescimento da produção de resíduos a nível mundial, os processos de urbanização, industrialização, expansão da população e desenvolvimento econômico contribuem para o aumento da complexidade e da nocividade dos resíduos para o meio ambiente e para a saúde

humana (UNEP, 2013). Concomitantemente, identificou-se que 3,5 bilhões de pessoas ou metade da população mundial não têm acesso a serviços de gerenciamento de resíduos, sendo os lixões a céu aberto o destino do lixo em grande parte dos países subdesenvolvidos (UNEP, 2013). Em síntese, mais resíduos sólidos estão sendo produzidos e pouco tem sido feito para gerenciá-los.

Com o avanço tecnológico e o aumento na produção de bens de consumo nas sociedades, a conformação do lixo se modificou intensamente, com a chegada também dos resíduos eletrônicos e nucleares. Segundo dados presentes no documento *E-waste World Map* (ONU, 2013), em 2012 foram produzidos 49 milhões de toneladas de resíduos eletrônicos no mundo, também denominados “e-lixo”, representando 7 kg por habitante, com estimativas de uma produção de 65,4 milhões de toneladas em 2017. Os Estados Unidos foi o país que mais produziu resíduos eletrônicos em 2012, com 29,8 kg por habitante, seis vezes mais do que a China, que ficou em segundo lugar na lista (ONU, 2013).

A cultura do consumo sem limites também se destaca como um fator complexo e crucial na enorme produção de resíduos sólidos urbanos a nível global. Este tema se torna crucial na presente discussão, visto que o consumismo desenfreado e o descarte rápido e excessivo de produtos são movimentos atualmente adotados para a progressão econômica dos países capitalistas e que envolvem não apenas interesses de governos e instituições privadas, mas também padrões de comportamento da sociedade. Neste sentido, Demajorovic e Lima (2013, p.7) questionam: “Sociedade do consumo e ponto final? É assim que nos definimos, sem maiores consequências?”.

A sociedade contemporânea tem sido denominada uma sociedade de consumidores. O ato de consumir em excesso se tornou um comportamento imperativo alimentado pelo sócio-metabolismo do capital, levando homens, mulheres e até crianças ao desejo desenfreado de comprar, mesmo que em seguida aquilo seja visto como velho, obsoleto e indesejável.

Segundo Mészáros (2002), a busca pela durabilidade dos produtos e pela sua utilização a longo prazo foi uma realidade predominante até o século XIX. Com o Pós-Segunda Guerra Mundial, intensificaram-se os avanços produtivos voltados para a rápida venda, consumo e desperdício, levando à formação processual de uma cultura do consumo, consumo este “artificial”, visto que se compra para se descartar prematuramente (ZANETI; SÁ; ALMEIDA, 2009).

Nos novos padrões de consumo, o capitalismo avança sem limites para além da produção de valor de uso, visto que esse movimento limitaria a própria lógica de sua reprodução (MÉSZÁROS, 2002). A expansão do poder de compra também para as massas de trabalhadores, utilizando-se as facilidades de crédito, somadas ao trabalho midiático voltado para a “tentação do consumo” e a “compra do novo”, têm gerado a falsa idéia de que consumir é um ato de busca da felicidade e afirmação social (BAUMAN, 2010). A sociedade do consumo tornou-se imersa em uma cultura do consumismo¹, impregnada nos ideários de uma sociedade que passa a ter no ato de comprar o seu principal lazer (TASCHNER, 2000; BAUMAN, 2010).

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, um dos teorizadores da sociedade do consumo, a compreensão da atual conjuntura parte da análise daquilo que ele denominou de “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001). Este termo está interligado ao axioma “tudo o que é sólido se desmancha no ar” elaborado por Marx, que se remete ao ideal desenvolvimentista da burguesia, levando ao surgimento do capitalismo enquanto modo de produção:

O constante revolucionar da produção, a ininterrupta perturbação de todas as relações sociais, a interminável incerteza e agitação distinguem a época burguesa de todas as épocas anteriores. Todas as relações fixas, imobilizadas, com sua aura de ideias e opiniões veneráveis, são descartadas; todas as novas relações, recém-formadas, se tornam obsoletas antes que se ossifiquem. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens (MARX, 2002, p. 338).

Este sólido fragmentando-se representa a fluidez da sociedade que se instaura a partir da grande revolução da burguesia, na qual tudo é e pode ser transformado e adaptado visando manter a essência deste sistema: a soberania do capital sobre todos os demais aspectos da vida e das relações humanas e materiais (BAUMAN, 2010).

¹ As definições de consumo e consumismo se diferem. Consumo é entendido como o “ato ou efeito de consumir; gasto, dispêndio”, enquanto o termo consumismo é caracterizado pela “produção e consumo ilimitados de bens duráveis, sobretudo artigos supérfluos”, denotando o hábito da compra em excesso e para além das necessidades básicas (MICHAELIS, 2009).

Para se entender o paradigma da modernidade líquida, Bauman a contrapõe à “modernidade sólida”. O autor comenta que as revoluções econômicas, culturais, sociais e científicas a partir do século XV se deram com a superação dos obstáculos do controle do Clero e dos dogmatismos e doutrinas sociais e econômicas vigentes, ou as tradições que restringiam as iniciativas renascentistas. Era preciso “derreter estes primeiros sólidos” para que o racionalismo, a ciência e a liberdade de pensamento (na arte, na filosofia, etc.) pudessem encontrar espaço para o pleno desenvolvimento. Este processo abriu as portas para a “nova burguesia”, que financiava todo este complexo projeto de mudança. O progressivo “derretimento dos sólidos” foi concedendo maior autonomia à burguesia, fortalecendo, entretanto, apenas um elemento: a econômica. Nesse sentido, enquanto a vida foi se liquefazendo, mais sólidos foram se tornando os interesses econômicos dominantes (BAUMAN, 2001, p.11).

Segundo o referido autor, a sociedade vive o auge da liquefação dos sólidos ou a modernidade líquida, na medida em que, como os fluidos, ela não se fixa no espaço ou no tempo, mas movimentase e invade qualquer um deles, em um constante cambiar onde a novidade, as incertezas e as inconstâncias são um imperativo (BAUMAN, 2010). Ficar no mesmo emprego, pensar da mesma forma, manter o estilo de se vestir, ter sempre os mesmos e poucos amigos ou ter aqueles antigos móveis ou velho carro soam, nessa sociedade líquida, como um comportamento desajustado e obsoleto (BAUMAN, 2001).

Influenciando estes modos de vida, os movimentos da economia também se liquefazem, revolucionando seus meios de produção. Entretanto, segundo Berman (1986, p.93), as agitações do sistema capitalista, as readaptações e as constantes crises são situações que têm levado ao próprio fortalecimento do sistema enquanto forças motoras, ainda que cada crise se apresente mais intensa e destrutiva. Em outros termos, abaixo de todas as liquefações, a economia vai se solidificando, visto que permanece um fundamento para os demais “líquidos”. Com a globalização, as demandas instantâneas e a soberania do mundo virtual, tempo não pode ser perdido e ficar estático não é aceitável. Neste contexto, o ato de consumir salta para o movimento do consumismo, e a busca do “novo” (que quase instantaneamente se torna “velho”), tem gerado atos compulsivos de compra e descarte (BAUMAN, 2008).

Consumir desenfreadamente no contexto da sociedade contemporânea não possui como finalidade o aproveitamento da maior variedade possível de produtos ou de uma relação duradoura com os mesmos. Em realidade, ter poder de consumo confere aos indivíduos um poder social na competitiva corrida que os cerca, e o que satisfaz não é usufruir daquilo que se comprou, mas o simples ato da compra e seu significado social. A hipervalorização do consumo se reflete também nos mecanismos atuais de valoração de cada país, cujos critérios principais têm sido o Produto Interno Bruto (PIB), a riqueza gerada e o poder de compra – acima mesmo da qualidade de vida dos indivíduos para além das possibilidades de consumo, como o lazer gratuito, a saúde ou a educação (BAUMAN, 2010).

A banalização e exacerbação do ato de comprar, aliadas ao ideal de que “é preciso comprar o novo”, têm culminado na obsolescência dos produtos², sobre a qual Bauman comenta:

A alegria de livrar-se de algo, o ato de descartar e jogar no lixo, esta é a verdadeira paixão do nosso mundo. A capacidade de durar não joga mais a favor das coisas. Dos objetos e dos laços, exige-se apenas que sirvam durante algum tempo e que possam ser destruídos ou descartados de alguma forma quando se tornarem obsoletos – o que acontecerá forçosamente. Assim, é preciso evitar a posse de bens, em particular daqueles que duram muito e que não são descartáveis com facilidade. O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável (BAUMAN, 2010, p.41).

Esse movimento de busca constante do “novo produto” tem sido influenciado sobremaneira pelos meios midiáticos. Um exemplo é visto na propaganda do *Ultrabook*TM, um computador de última geração. No comercial televisivo denominado *Ultrabook*TM Conversível (INTELBRASIL, 2013), um jovem com um antigo computador (embora ainda em pleno funcionamento) sente-se envergonhado ao ver seu amigo com o novo e avançado *notebook*. Neste momento, o personagem “atrasado” se vê voltando no tempo, ambientado no Egito Antigo. Sua bicicleta se transforma em um antigo meio de transporte a cavalo, satirizando o comportamento retrógrado daquele que ainda não

² A obsolescência dos produtos se refere ao processo em que estes se tornam inutilizáveis de forma acelerada. Há a obsolescência perceptiva, na qual os consumidores conferem (subjetivamente) aos produtos comprados a redução de sua vida útil mesmo que eles ainda estejam em condições de uso. Há também a obsolescência programada, na qual o produto já é planejado para ter uma vida reduzida, considerada uma estratégia de mercado (ALMEIDA, 2014).

adquiriu o “novo”. Por fim, surge o slogan: “Fora com o velho. Dentro com o *Ultrabook*”. Sobre tal questão, Antunes (2011) refere que:

Podemos também mencionar a indústria de computadores, expressão dessa tendência depreciativa e decrescente do valor de uso das mercadorias, onde um sistema de softwares torna-se obsoleto e desatualizado em tempo reduzido, obrigando o consumidor a adquirir a nova versão ou perder seu maquinário quando tem que fazer uma reposição, pois o custo de uma peça a ser trocada frequentemente excede o preço de um novo equipamento, o que leva ao descarte precoce de uma máquina computacional (ANTUNES, 2011, p.413).

Este exemplo evidencia o movimento atual no qual “(...) a durabilidade física dos objetos de desejo não é mais exigida” (BAUMAN, 2008, p.90) e os consumidores “(...) precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente expostos a novas tentações, (...) em estado de perpétua suspeita e pronta insatisfação (BAUMAN, 2008, p.91).

Os mecanismos econômicos (de facilitação de compra/crédito) e midiáticos (comerciais televisivos e propaganda maciça via *internet*) têm gerado uma sensação coletiva na qual os desejos estão sempre insatisfeitos, e o desejo gera apenas mais desejo, o que Bauman denomina de “desejo perene” (BAUMAN, 2001, p.150). E na medida em que muito se compra e logo se deseja outra coisa, acelera-se também o ato de lançar ao lixo tudo aquilo que não mais interessa (BAUMAN, 2010).

No Brasil, a ampliação do consumo tem sido evidenciada nas estatísticas nacionais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a evolução do poder de compra da população, constatada pelo aumento de 4,1% da massa de rendimento médio do trabalhador (entre fevereiro de 2013 e fevereiro de 2014) foi determinante para a expansão no volume de vendas do segmento de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (IBGE, 2014). As compras *online* também apresentaram progressão significativa nos últimos anos, acompanhando o aumento da renda da população. Dados indicaram que em 2013 houve um crescimento de 28% no comércio eletrônico e um aumento de 32% nas compras online, em comparação ao ano de 2012. Entre os produtos de maior movimentação via eletrônica estavam os artigos de moda e acessórios, seguidos por cosméticos e perfumaria, eletrodomésticos, livros, telefonia, casa e decoração, eletrônicos, esportes e brinquedos/jogos. Para 2014, a expectativa de crescimento foi de 20% com relação a

2013, com um faturamento de aproximadamente 34,6 bilhões de reais (INFO, 2014). Estes dados evidenciam que um único *clik* no computador tem levado à comodidade das compras rápidas e sem necessidade de deslocamento, fatores que também favorecem os atuais comportamentos consumistas.

O elevado consumo também gerou consequências sobre a produção de resíduos sólidos. Dados da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE) indicou que o Brasil apresentou o maior aumento na produção de lixo nos últimos 10 anos, com geração de 76.387.200 toneladas de resíduos sólidos urbanos em 2013, 4,1% maior que em 2012 (ABRELPE, 2013). A elevada produção de resíduos está relacionada ao aumento da renda e do consumo, entretanto o país ainda não se encontra preparado para uma gestão ambiental de qualidade, visto que muito é descartado nos lixões, sem controle dos impactos ambientais (ABRELPE, 2013).

Frente a esta problemática do elevado consumo e da produção do desperdício, o Brasil tem buscado formas de lidar com o excesso de resíduos, no entanto de forma lenta e enfrentando dificuldades estruturais. O manejo dos resíduos sólidos no país apresenta avanços e retrocessos: normas e leis estão sendo produzidas visando seu gerenciamento eficaz, porém as políticas ainda não foram aplicadas em grande parte do país e o consumo e o descarte excessivos se apresentam em ascensão. Como contradições do capital, a questão do lixo tem sido abordada como nunca antes fora pela economia, com o tema “sustentabilidade” percorrendo o discurso das empresas; entretanto, a oferta de produtos, as facilidades e estímulos para a compra e o consumo e descarte excessivos têm gerado uma série de problemas socioambientais, visto que a obsolescência dos produtos é forte mecanismo atual de sustentação do próprio capital (MÉSZÁROS, 2002).

A legislação brasileira voltada para o manejo dos resíduos sólidos, assim como suas conquistas e dificuldades teóricas e de aplicação, serão temas tratados a seguir.

2.2.2. O poder público: políticas de manejo dos resíduos sólidos

Na sociedade atual, com a expansão populacional urbana e com o aumento da produção de resíduos descartáveis e menos duráveis, tornaram-se intensas as demandas voltadas para a criação e

efetivação de políticas públicas direcionadas ao gerenciamento dos resíduos sólidos. No Brasil, nos últimos dez anos, surgiram políticas importantes visando apontar os problemas enfrentados e buscar medidas conjuntas envolvendo poder público, privado e sociedade para a responsabilização no manejo desses resíduos.

Em termos de gerenciamento de resíduos sólidos no mundo, dois panoramas gerais são observados. Nos países desenvolvidos, o destino dos resíduos são predominantemente os aterros sanitários ou incineradores³. No Japão, aproximadamente 80% dos resíduos são enviados para incineração, enquanto em países como Turquia, China e Austrália, mais de 60% deles são enviados para aterros sanitários (ABRELPE, 2013). Por conseguinte, os desafios nestes países estão voltados para a redução do lixo gerado, ampliação da reciclagem e aprimoramento de tecnologias para a redução dos poluentes. Por outro lado, nos países em desenvolvimento (dentre eles o Brasil) predomina-se a destinação dos resíduos aos lixões ou queima a céu aberto, sem controle dos impactos ambientais, o que indica a necessidade de desenvolvimento de medidas urgentes para o gerenciamento adequado desses resíduos (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

Para a gestão nacional dos resíduos sólidos, podemos destacar, dentro de um arcabouço legal, a Lei Federal de Saneamento Básico (BRASIL, 2007), a Política Nacional sobre Mudança do Clima (BRASIL, 2009), a Lei Federal de Consórcios Públicos (BRASIL, 2005) e a Política Nacional de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010).

Na Lei Federal de Saneamento Básico são definidas diretrizes para a prestação de serviços de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, passando pela infra-estrutura, coleta, transporte e tratamento, até a disposição final dos resíduos de forma adequada. Como ação voltada para os trabalhadores, esta política estabelece a dispensa de licitação para a contratação e remuneração de

³ Nos aterros sanitários, o lixo é compactado e recoberto, utilizando-se de tecnologias que evitem a contaminação das águas subterrâneas e do ar. Para sua instalação, é necessária a autorização de um órgão ambiental, com cumprimento de uma série de medidas de redução de impacto no meio-ambiente, dentre elas a impermeabilização do solo, drenagem das chuvas e tratamento do chorume, substância resultante da decomposição de matéria orgânica. Na incineração do lixo, este é decomposto por queima em câmaras de combustão em altas temperaturas, reduzindo consideravelmente a massa dos resíduos, necessitando, porém, de controle dos gases liberados na queima e dos resíduos restantes, que também podem ser danosos ao meio-ambiente. O enfoque unicamente nessas ações tem sofrido críticas, com a justificativa de que incinerar ou enviar o lixo aos aterros sanitários não reduz os padrões excessivos de consumo e os comportamentos societários de intenso descarte (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

associações e cooperativas de catadores, buscando desburocratizar e facilitar a formação destas, referindo que tal projeto pode produzir uma melhor geração de renda com a reciclagem (BRASIL, 2007).

A Política Nacional sobre Mudança do Clima volta-se para a questão da gestão dos resíduos sólidos ao estabelecer como objetivo a redução de Gases de Efeito Estufa (GEEs), definindo como meta a recuperação do metano nos locais de tratamento dos resíduos sólidos (por exemplo, nos aterros sanitários) e o aumento da reciclagem em 20% até 2015 (BRASIL, 2009).

A Lei Federal de Consórcios Públicos tem como uma de suas metas favorecer a interlocução dos municípios pequenos com os de maior porte, visando integrar as ações para superar as fragilidades de gestão dos resíduos. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2005), com equipes técnicas capacitadas, os diversos municípios integrados por meio desses consórcios poderão ser gestores mais eficientes do conjunto de instalações necessárias para o funcionamento do gerenciamento dos resíduos, dentre elas as locais de triagem, os aterros, os pontos de entrega de resíduos etc. Os municípios que realizarem esses consórcios públicos, quando bem estabelecidos, terão prioridade no acesso aos recursos da União, visando melhorar a qualidade dos serviços prestados (BRASIL, 2005).

Por fim, destaca-se a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) de 2010, cujo objetivo central é estabelecer diretrizes para a gestão integrada e o gerenciamento dos resíduos sólidos, incluindo como corresponsáveis os geradores, o poder público e os consumidores (BRASIL, 2010).

Com a PNRS, foram estabelecidas algumas terminologias e esclarecimentos sobre os diferentes termos que utilizamos para definir os “restos” ou aquilo que desprezamos. O termo “lixo” constitui-se um termo genérico e informal, sendo substituído por “resíduos sólidos”. Estes são materiais, substâncias, objetos ou bens descartados que ainda têm a possibilidade de algum tratamento ou recuperação, por exemplo, a reutilização e a reciclagem. Por outro lado, os resíduos sólidos que já não possuem possibilidade de tratamento por processos tecnológicos e economicamente viáveis são denominados “rejeitos”, necessitando obrigatoriamente de uma destinação final adequada (BRASIL, 2010, p.2). Em síntese, resíduos devem ser reaproveitados ou reciclados, enquanto apenas os rejeitos devem ter uma disposição final (BRASIL, 2012).

Nesse sentido, os catadores de materiais recicláveis não possuem como objeto de trabalho os rejeitos, mas os resíduos sólidos com o potencial de serem reciclados. Segundo a política, esses resíduos se constituem não mais como materiais inutilizáveis, mas como um “bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania” (BRASIL, 2010, p.3).

Como principal normativa da PNRS, a ordem de prioridade na gestão dos resíduos é redefinida e apresentada como ação obrigatória a ser cumprida pelos municípios, sendo composta pelas seguintes etapas: não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento e disposição final ambientalmente adequada.

Figura 2 – Etapas da gestão dos Resíduos Sólidos.
Fonte: BRASIL, 2012, p.23.

A PNRS supera a concepção de que a única ação necessária envolveria apenas a destinação final dos resíduos, sendo enviados para aterros sanitários ou processos de incineração controlada. Assim sendo, inclui-se na lei a responsabilidade dos geradores e consumidores (empresas e cidadãos) e a participação de catadores no processo (BRASIL, 2010; BRASIL, 2012).

Segundo a PNRS, as ações envolvem, prioritariamente: 1. A necessidade de não geração de produtos, principalmente aqueles altamente descartáveis, com materiais de alto impacto ambiental e que não permitam sua reciclagem; 2. Diminuição na produção de resíduos sólidos a partir da redução do consumo supérfluo e de medidas cotidianas, como evitar a utilização de sacolas plásticas nos supermercados, levando a sua própria sacola durável, entre outras; 3. A reutilização de materiais (por exemplo, usar como rascunho o verso de folhas usadas); 4. A reciclagem, com a sociedade separando os materiais recicláveis na fonte e com a atuação de cooperativas de catadores até a chegada do material na indústria; 5. E por fim, após todo o processo descrito anteriormente, o

tratamento e a disposição final dos rejeitos. Neste sentido, segundo a política, desprezar no lixo aquilo que se produz ou se consome não deverá isentar os produtores e a sociedade de sua responsabilidade sobre os resíduos (BRASIL, 2010; BRASIL, 2012).

Definidos como principais instrumentos para a aplicação efetiva da PNRS, encontram-se a coleta seletiva, o sistema de logística reversa, o Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos (SINIR) e o incentivo à formação de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis (BRASIL, 2010).

Na coleta seletiva, o objetivo central é a separação dos materiais recicláveis na fonte (consumidores, comerciantes, etc.), que serão recolhidos ou poderão ser enviados a postos de coleta, sendo posteriormente encaminhados a cooperativas de catadores. Estes obterão materiais em maior quantidade e de melhor qualidade (reciclável não misturado ao lixo orgânico, por exemplo) e poderão desenvolver seu trabalho com maior geração de renda e melhores condições de trabalho (BRASIL, 2010; BRASIL, 2012).

No sistema de logística reversa, a lei define que o setor empresarial terá a obrigatoriedade de se responsabilizar pelos produtos após o seu consumo, sendo os resíduos recaptados e inseridos novamente em seu ciclo de vida ou em outros ciclos produtivos. Destaca-se que essas ações não serão de responsabilidade dos serviços públicos de manejo de resíduos, mas sim dos próprios fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes. A lei define que a logística reversa deverá ser aplicada prioritariamente para os seguintes tipos de resíduos: agrotóxicos e óleos lubrificantes com suas embalagens, pilhas e baterias, pneus, lâmpadas fluorescentes e produtos eletrônicos (BRASIL, 2010).

O SINIR terá como objetivo coletar e sistematizar os dados relativos ao gerenciamento dos resíduos sólidos nos diversos locais, bem como agrupar dados referentes aos produtores de resíduos perigosos, que deverão cadastrar-se, elaborando um plano de manejo desses resíduos segundo as exigências da normativa. Planos estaduais e municipais, buscando a articulação entre microrregiões e municípios, serão aspectos importantes para a efetivação do plano (BRASIL, 2010; BRASIL, 2012).

Como principal normativa no gerenciamento dos resíduos sólidos no Brasil, a PNRS volta-se diretamente para os catadores de materiais recicláveis, definindo que os mesmos deverão ser incluídos no sistema de manejo dos resíduos sólidos, com o objetivo de retirá-los dos lixões, aterros

e ruas para desenvolverem um trabalho dentro das cooperativas, considerando que estas podem oferecer melhores condições de trabalho (BRASIL, 2010; BRASIL, 2012; IPEA, 2013).

Para além dos projetos políticos nacionais voltados para o manejo dos resíduos sólidos e inclusão dos catadores (ou para além da letra da lei), as situações concretas que envolvem tal tema remetem a um confronto entre o ideal e o real. Algumas contradições se apresentam, sendo duas destacadas:

1. Embora a PNRS defina a priorização da redução da produção e do consumo, bem como a reutilização e reciclagem dos produtos, o país tem centrado suas ações de mercado a partir do aumento da oferta e da manutenção de uma cultura consumista, produzindo de fato uma sociedade do consumo. Em síntese, esta sociedade não tem sido alertada quanto à importância da redução do desperdício, da separação dos recicláveis ou das demais ações de preservação ambiental, mas sim influenciada a comportamentos de compra e descarte excessivos, favorecendo o avanço do capital. Assim sendo, o Estado, que tem produzido um arcabouço legislativo voltado para as questões ambientais, é o mesmo que vivencia o auge das políticas neoliberais, com abertura sem limites ao capital, cujas ações envolvem a intensa exploração dos recursos naturais e humanos;

2. Por outro lado, os catadores, embora tenham reivindicado seus direitos em alguns espaços, ainda enfrentam a invisibilidade de sua atividade, o trabalho precário e sem recursos nos lixões ou nos espaços urbanos e, quando atuam em cooperativas de reciclagem, vivenciam a falta de apoio das prefeituras, sem capacitação, com dificuldades de infraestrutura e sem proteção da saúde laboral (IPEA, 2013). Neste sentido, os municípios, que são responsáveis centrais no manejo dos resíduos sólidos (poder público), bem como empresas e indústrias da cadeia de reciclagem (mercado), têm angariado redução de custos e lucro a partir do trabalho de homens e mulheres em situação de desemprego e sem qualificação condizente com as exigências do mercado de trabalho, adotando a reciclagem informal como única alternativa para a sobrevivência imediata. Além disso, o não envolvimento da sociedade para com as questões ambientais, evidenciado também pelo predominante descarte inadequado dos resíduos sem sua devida separação na fonte, tem afetado o trabalho dos catadores, que encontram dificuldades e falta de valorização no desempenho de seu trabalho.

Por conseguinte, essas contradições precisam ser debatidas para que seja possível avançar na discussão sobre a atividade desses trabalhadores, superando um discurso retórico e contraditório que culmina na perpetuação da precarização das condições de trabalho e saúde dos catadores.

No universo da reciclagem, no qual o catador se insere diretamente, as situações de exploração se tornam ainda mais concretas e palpáveis. Embora sejam o elo principal desta cadeia produtiva, os catadores ainda enfrentam barreiras de inserção econômica e social.

2.2.3. O mercado: inserção do catador na cadeia de reciclagem

Vários são os condicionantes que culminaram na expansão da cadeia de reciclagem no Brasil. Dentre eles, podemos destacar: 1. O aumento dos padrões de consumo, descarte e produção de resíduos sólidos; 2. Uma maior discussão das questões ambientais, especialmente a partir da década de 1980, o que demandou a expansão de leis e programas voltados para a reciclagem; 3. A mudança na conformação do lixo, que passou a ser composto não apenas de material orgânico, papel e papelão, mas também de plástico, vidro, metal, até as embalagens longa vida, de Politereftalato de Etileno (PET) e o lixo eletrônico (computadores, celulares, etc.), demandando a busca de medidas de reutilização e reciclagem desses materiais de alto impacto ambiental; 4. As ações do legislativo, tornando obrigatória a recuperação de resíduos por meio da logística reversa e definindo a obrigatoriedade da criação de programas de coleta seletiva nos municípios; 5. O interesse do mercado, voltado para a redução de custos de produção a partir da utilização da matéria-prima reciclada; 6. O avanço tecnológico, a partir do qual novos produtos podem ser reciclados para os mais diversos fins; 7. Por fim, o grande contingente de homens e mulheres que adotam como fonte de sustento a coleta informal de materiais recicláveis, também fazendo parte desta cadeia de produção as empresas e indústrias de reciclagem que dependem do trabalho de catadores (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013; IPEA, 2013).

A reciclagem é definida como o processo de transformação dos resíduos sólidos a partir da alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com o objetivo de inserir tais produtos novamente na cadeia produtiva de origem ou em outras cadeias de produção, desenvolvendo-se sobre condições legalmente estabelecidas (BRASIL, 2010, p. 2).

A cadeia de reciclagem é composta por diversas etapas ou ações, dentre elas o descarte de resíduos, a coleta, a triagem, a produção dos fardos ou materiais prensados, a comercialização, a logística do transporte, a compra do material reciclado pela indústria, e por fim a formação do produto renovado (SANTOS et al., 2011). Cada material com potencial de reciclagem (vidro, papel, papelão, plástico, alumínio, entre outros) é separado segundo suas características físicas, sendo que cada um deles possui um valor e um processo específico de reciclagem (IPEA, 2013).

A figura 3 apresentada abaixo descreve os diversos atores da cadeia de reciclagem e as relações entre eles, formando um escopo representativo dos participantes deste mercado.

Figura 3 – Fluxograma da cadeia de valor da reciclagem.
Fonte: IPEA, 2013, p. 12.

A cadeia de reciclagem envolve a participação dos consumidores, dos catadores (organizados ou não), do poder público dos municípios (coleta seletiva com ou sem catadores e a coleta comum), as empresas terceirizadas, os intermediários ou comerciantes com empresas de pequeno, médio e grande porte, as indústrias de reciclagem e o Estado, atuando por meio de políticas ou legislações

que regulamentam o sistema. Esses dados evidenciam a heterogeneidade dos participantes desta cadeia produtiva em termos sociais e econômicos, bem como a complexidade do campo, cujos atores possuem diferentes interesses (CEMPRE, 2010; DEMAJOROVIC; LIMA, 2013; IPEA, 2013).

Na cadeia de reciclagem pós-consumo, segundo Aquino, Castilho e Pires (2009), temos como principais atores os recicladores ou indústrias de reciclagem, os grandes sucateiros e aparistas, os médios sucateiros, as cooperativas e os pequenos sucateiros, e na base os catadores, principal elo da reciclagem, como descrito na Figura 4 a seguir.

Figura 4 - Cadeia de Reciclagem Pós-Consumo.
Fonte: AQUINO; CASTILHO; PIRES, 2009.

Os catadores correspondem aos trabalhadores inseridos no mercado de trabalho informal, responsáveis pela coleta e separação dos materiais recicláveis, que são vendidos para as pequenas empresas ou pequenos “sucateiros”. Estes, também inseridos na informalidade, realizam a venda dos materiais para empresas maiores, que comumente aceitam a compra apenas de recicláveis em grande quantidade (por isso a dificuldade do catador em vender diretamente para tais empresas). Os catadores em cooperativas, devido à sua maior produção pelo trabalho coletivo, estão um degrau acima dos catadores autônomos, buscando melhor rentabilidade, embora ainda permaneçam abaixo

na pirâmide. Acima, estão os médios e grandes intermediários, que possuem maior capacidade de processamento dos materiais, formando os fardos ou materiais prensados. Por fim, encontram-se no topo da pirâmide as indústrias, que realizam a reciclagem propriamente dita (AQUINO; CASTILHO; PIRES, 2009; DEMAJOROVIC; LIMA, 2013; IPEA, 2013).

Na movimentação da cadeia de reciclagem, avanços foram conquistados a partir de normativas nacionais estabelecendo a importância da valorização dos materiais recicláveis, a criação de programas de coleta seletiva nos municípios e a formação de cooperativas e associações de catadores como protagonistas da reciclagem. Entretanto, embora tenha crescido o número de municípios no país que realizam a coleta seletiva (de 81 municípios em 1994, para 766 em 2012), ainda é baixa a sua cobertura no Brasil, sendo que apenas 12% da população brasileira têm acesso a tal serviço (CEMPRE, 2013, p. 23). Também foi identificado que o país perde anualmente em torno de oito bilhões de reais por deixar de reciclar resíduos que são encaminhados para lixões ou aterros (IPEA, 2013). Neste sentido, o país ainda tem descartado muitos materiais com potencial de reciclagem, ao mesmo tempo em que muitos catadores ainda permanecem nas ruas ou lixões, distantes da possibilidade de atuarem sob melhores condições de trabalho (IPEA, 2013; DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

Embora existam dificuldades, a rentabilidade da cadeia de reciclagem tem sido evidenciada por dados estatísticos no país que demonstram uma importante participação do Brasil no setor (IPEA, 2013). O documento denominado “Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil – 2013”, da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), apresenta dados recentes da produção de diversos materiais recicláveis, dentre eles o alumínio, o papel e o plástico, como descrito no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Índices de Reciclagem disponíveis para Alumínio, Papel e Plástico.
 Fonte: ABRELPE, 2013, p.35.

Esses materiais estão entre os mais reciclados no país. Os dados acima demonstram uma estabilidade no volume de reciclagem no Brasil entre 2010 e 2012, entretanto, o país mantém-se entre os que mais produzem materiais reciclados no mundo (ABRELPE, 2013). De acordo com os dados do CEMPRE (2013, p. 30), o Brasil é líder mundial na reciclagem de latas de alumínio (recicla 97,9% delas), sendo também progressivo o crescimento da reciclagem de garrafas PET, influenciada pelos interesses das indústrias para com as fibras sintéticas produzidas a partir deste material. Destaca-se ainda que em 2004 existiam 32 indústrias de reciclagem no país, progredindo para 93 indústrias recicladoras em 2012, com mais de cinco anos de existência, demonstrando a rentabilidade do mercado da reciclagem no Brasil (CEMPRE, 2013).

O Quadro 2 abaixo apresenta uma comparação entre os custos de produção a partir de matéria-prima virgem em comparação com os custos a partir de materiais reciclados.

CUSTOS DE PRODUÇÃO*			
	matéria-prima virgem	matéria-prima reciclada	vantagem econômica
Aço	552	425	127
Alumínio	6.162	3.447	2.715
Celulose	687	357	331
Plástico	1.790	627	1.163
Vidro	263	143	120

* R\$ (reais) por tonelada.

Quadro 2 – Comparação dos custos de produção a partir da matéria-prima virgem e reciclada.

Fonte: CEMPRE, 2013, p. 41.

Com a utilização de alumínio reciclado em substituição à matéria-prima virgem, a vantagem econômica chega a ser de R\$2.715,00 (reais) por tonelada produzida, demonstrando que a atividade é de interesse econômico para as indústrias e para a economia do país (CEMPRE, 2013). Observa-se que a redução de custos obtida a partir da reciclagem do alumínio e do plástico é exorbitante, sendo justamente estes dois produtos os de maior interesse econômico no interior da cadeia produtiva. Destaca-se que o mercado da reciclagem, com a coleta, a triagem e o processamento dos materiais em indústrias recicladoras, gerou só em 2012 um faturamento de 10 bilhões de reais no Brasil, sendo que a expectativa para os próximos anos é de valorização do setor, com aumento e expansão de seu parque industrial (CEMPRE, 2013, p. 11).

Para além dos benefícios econômicos, a reciclagem também propicia redução de danos ao meio ambiente, visto que reduz a necessidade de extração de matéria-prima e, portanto, a exploração de recursos naturais, diminuindo também a quantidade de resíduos sólidos que são destinados aos aterros sanitários, aumentando sua vida útil (UNEP, 2013; IPEA, 2013). Entretanto, observa-se que o caminho da reciclagem no país tem sido orientado pelos interesses de mercado, no qual a preocupação é priorizar a reciclagem de produtos rentáveis, e não de todos os tipos de materiais com potencial de transformação (papel e vidro, por exemplo), considerando que eles também geram impactos ambientais.

Embora a cadeia de reciclagem tenha avançado em termos de produtividade e movimentação financeira, a situação de catadores, base desta cadeia, ainda se encontra precária e subjugada. Com uma distribuição de renda desigual e inseridos na informalidade, esses trabalhadores encontram-se dependentes das empresas intermediárias no processo de venda dos materiais recicláveis, sem poder de negociação (IPEA, 2013).

Segundo dados do CEMPRE (2014), entre julho e agosto de 2014 o preço a ser pago pelo papelão, um dos materiais mais coletados por catadores, era de R\$0,38/Kg. Entretanto, destaca-se que este preço é referente a um material prensado e limpo, ou seja, este seria o ganho das empresas maiores ou das cooperativas no processo de venda para a indústria, visto que são elas que produzem os materiais prensados e enfardados. Por conseguinte, o catador autônomo recebe um valor inferior a este pela venda do papelão às empresas menores, o que evidencia sua baixa remuneração. Segundo publicação do CEMPRE, no final da cadeia de reciclagem, o preço sob os materiais recicláveis a ser pago pelas indústrias pode ser quatro vezes superior ao inicialmente pago aos catadores (CEMPRE, 2010).

O Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2012) destaca que 99% dos materiais recicláveis que chegam às indústrias passam pelas mãos de catadores, entretanto, a renda média adquirida por eles na reciclagem informal é de aproximadamente R\$571,00 (reais) mensais, cujo valor apresenta certa sazonalidade, o que reitera sua inserção desigual (IPEA, 2013).

Portanto, olhar para a cadeia de reciclagem evidencia a existência de várias contradições no interior do processo, que influem nas condições de trabalho e saúde dos catadores. Estes trabalhadores têm recebido a menor parcela do valor gerado na cadeia de reciclagem, porém, contribuindo com o maior volume do que é coletado (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013, p.58). Embora sejam a base da cadeia e indispensáveis para a existência de seus demais atores, verifica-se um trabalho extenuante, de alta produtividade e pouca rentabilidade, mas em ascensão, visto que a luta pela sobrevivência na informalidade tem movimentado esses trabalhadores a realizarem esta atividade, apesar da precariedade das condições em que ela se desenvolve (LEAL et al., 2002). Resíduos retirados das ruas a partir do trabalho dos catadores, com melhora do meio ambiente e da qualidade de vida da população, têm se dado a partir do adoecimento desses trabalhadores.

Aquilo que nas mãos do catador é visto como resto ou lixo vai se tornar, no topo da cadeia de reciclagem, matéria-prima reciclada com importante redução de custos para outras empresas que dependem deste material. A discrepância espacial, tecnológica, social e econômica entre a base (catador) e o topo (indústria) culmina, portanto, na alienação de que o trabalho do catador está desvinculado de um forte mercado de trabalho, resultando na desvalorização desses trabalhadores. Como pensar que a redução de custos com matéria-prima reciclada (alumínio) adquirida pelas grandes empresas automobilísticas do país é oriunda do trabalho desses homens e mulheres puxando seus carrinhos de mão nas ruas das cidades? O discurso deve ser de inclusão social de catadores devido sua baixa renda e escolaridade, ou de reconhecimento desses homens e mulheres enquanto trabalhadores fundamentais da cadeia produtiva da reciclagem?

O trabalho dos catadores de materiais recicláveis surge não só como uma tentativa de controle da produção de lixo, tornando-o reaproveitável, mas principalmente de transformação do lixo em nova mercadoria vendável, que gera lucro para o topo da pirâmide a partir da baixa remuneração daqueles que são a base e o elo principal da cadeia da reciclagem (BOSI, 2008). O passo fundamental e primário consiste, portanto, em assumir a importância laboral deste grupo, propiciando um cotidiano com melhores condições de trabalho e proteção da saúde, onde os catadores possam ser dotados de direitos e reconhecidos, de fato, como trabalhadores.

Sobre as condições laborais dos catadores, identificam-se avanços e conquistas, concomitantes a velhos e novos desafios por enfrentar. O texto a seguir apresenta um panorama geral da situação de vida desses trabalhadores, descrita a partir da literatura científica e de outras fontes importantes, buscando um olhar para as condições de trabalho e saúde que vivenciam.

2.2.4. O catador: contextos de vida, trabalho e saúde

Durante a fase exploratória deste estudo, foi realizado um resgate das pesquisas científicas publicadas nos últimos anos por estudiosos no Brasil e nos demais países da América Latina (onde é intensa a atividade do catador), com o objetivo de compreender este grupo e buscar novos elementos e formas de olhar para seu contexto de vida, trabalho e saúde. Uma revisão da literatura

do tipo *scoping review*⁴ foi desenvolvida, sendo encontrados 53 estudos com os mais diversos focos, métodos e perspectivas na busca da compreensão do universo dos catadores. Alguns resultados destes trabalhos serão discutidos a seguir.

Contribuindo também para a elaboração deste tópico de discussão, serão apresentadas informações oriundas do relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) denominado “Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável”, produzido em 2013 (IPEA, 2013), que se baseou nos dados do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012), complementados pelos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012 (IBGE, 2012). Embora estes dados sejam decorrentes de pesquisas autodeclaratórias, fato que pode culminar na perda de informações, o relatório do IPEA é uma importante contribuição para o conhecimento sobre os catadores, possibilitando a identificação de dados quantitativos nacionais sobre as condições socioeconômicas e laborais deste grupo, informações que também contribuirão para a composição deste tópico.

Quanto ao contingente nacional de homens e mulheres trabalhando como catadores de materiais recicláveis, as estimativas se divergem, não havendo uma identificação fidedigna do total desses trabalhadores no país. Segundo o CEMPRE (2010), existem no Brasil aproximadamente um milhão de catadores, enquanto para o IPEA (2011) este número se encontra em torno de 400 a 600 mil catadores. No relatório do IPEA de 2013 os dados apontaram um total de 387.910 homens e mulheres declarando-se catadores, sendo que seus indicadores e respectivos resultados basearam-se neste total (IPEA, 2013). Entretanto, os autores assumem a possibilidade de que este contingente seja maior (IPEA, 2011, 2013).

A categoria laboral dos catadores apresenta certa heterogeneidade em sua composição (IPEA, 2013). Alguns deles exercem a atividade há longos anos ou desde a infância, a partir da influência de familiares que também desenvolvem este trabalho (PORTO et al., 2004; CARMO, 2009; MACIEL et

⁴ A *Scoping Review* tem como objetivo sintetizar e disseminar dados da literatura científica sobre um determinado fenômeno e identificar as lacunas existentes relacionadas ao tema. Neste tipo de revisão da literatura, 1. A inclusão ou exclusão de estudos não considera a qualidade dos trabalhos, mas sim sua relevância para a discussão do tema; 2. Consiste em um caminho exploratório, incluindo todos os resultados dos estudos encontrados; 3. Possui como potencial a possibilidade de identificar lacunas de conhecimento sobre o campo investigado; 4. É desenvolvida por meio de um processo de consulta, no qual especialistas da área discutem os resultados buscando contextualizá-los (ARKSEY; O'MALLEY, 2005; LEVAC; COLQUHOUN; O'BRIEN, 2010).

al., 2011). Outros adotam a reciclagem informal devido contingências como o desemprego, aliado a um baixo nível de escolaridade, o que dificulta sua reinserção no mercado de trabalho formal (BRAGA, 1999; IPEA, 2013). Também existem aqueles que atuam somente na reciclagem informal, enquanto outros associam a coleta de recicláveis a outras formas de renda (trabalho formal, aposentadorias ou pensões) visando complementá-la (FERREIRA, 2005; SILVA; LIMA, 2007; BALLESTEROS et al., 2008; IPEA, 2013).

O perfil desses trabalhadores consiste predominantemente de homens e mulheres adultos jovens, com idades entre 20 e 50 anos (LEAL et al., 2002; ORTÍZ, 2002; PORTO et al., 2004; FERREIRA, 2005; NETO et al., 2007; SILVA; LIMA, 2007; BALLESTEROS et al., 2008; ROZMAN et al., 2008; KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009; BAZO; STURION; PROBST, 2011), sem descartar, no entanto, a presença de crianças e idosos envolvidos na atividade (ORTÍZ, 2002; MEDEIROS; MACEDO, 2006; BOSI, 2008; KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009). Segundo dados do IPEA (2013), a média de idade entre os catadores no Brasil é de 39,4 anos. Aproximadamente metade deles possui idade entre 30 e 49 anos, 25,5% possuem idade entre 18 e 29 anos, 6,5% têm idade acima de 70 anos e 2,1% ainda não atingiram a idade adulta (IPEA, 2013).

A proporção entre homens e mulheres trabalhando com a reciclagem informal se difere, sendo mais comum a presença de homens adultos jovens trabalhando sozinhos nas ruas (FERREIRA, 2005), e mulheres e homens mais idosos em associações e cooperativas (PORTO et al., 2004; MARTINS, 2005; MACIEL et. al., 2011). O IPEA identificou que 68,9% dos trabalhadores da reciclagem informal são homens e 31,1% são mulheres, apontando que este menor contingente de mulheres pode estar relacionado ao fato delas conciliarem o trabalho fora de casa com as atividades do lar, bem como devido à possibilidade de, no momento da pesquisa, as participantes não descreverem o exercício dessa atividade caso ela seja entendida apenas como complementar (IPEA, 2013). Quanto à raça, 66,1% se identificaram como negros. Algumas disparidades se apresentam entre as regiões, sendo que no Nordeste do país 82% dos catadores são negros, enquanto na região Sul o percentual é de 41,6% (IPEA, 2013).

Com relação ao nível de escolaridade, o perfil geral é de catadores com ensino básico ou fundamental incompletos, bem como trabalhadores que não sabem ler e escrever (PORTO et al., 2004; FERREIRA, 2005; MEDEIROS; MACEDO; 2006; SILVA; LIMA, 2007; BOSI, 2008; ROZMAN et al.,

2008; KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009; ROZMAN et al., 2010 ; MACIEL et al., 2011; BAZO; STURION; PROBST, 2011 ; JESUS et al., 2012). O relatório do IPEA indica que 20,5% dos catadores se declararam analfabetos, percentual mais elevado que o nacional, que indica 9,4% de analfabetismo entre os brasileiros. Também foi identificado que apenas 24,6% dos catadores com 25 anos ou mais terminaram o ensino fundamental, enquanto apenas 11,4% destes terminaram o ensino médio (IPEA, 2013).

A maioria dos catadores no Brasil se encontra nas regiões Sudeste (41,6%) e Nordeste (30%), enquanto o menor contingente se encontra na região Norte (5,6%) (IPEA, 2013). No país, 93,3% dos catadores residem em áreas urbanas (IPEA, 2013), enfrentando condições precárias de moradia (PORTO et al., 2004; ALENCAR; CARDOSO; ANTUNES, 2009; BORTOLI, 2009), sendo que apenas 49,8% dos domicílios brasileiros com pelo menos um catador apresentavam esgotamento sanitário adequado (IPEA, 2013). Estudo de Cavalcante e Franco (2007) com catadores de um lixão de Fortaleza identificou que a maioria desses trabalhadores morava ao redor do lixo em casebres, em condições estruturais insalubres. Destaca-se ainda a presença de moradores de rua sobrevivendo da coleta de recicláveis (VELLOSO, 2005; ROZMAN et al., 2008; JESUS et al., 2012), vivenciando uma situação habitacional ainda mais precária.

Como histórico laboral ou profissões anteriores ao trabalho da reciclagem, predominam atividades relacionadas à construção civil, agricultura, serviços gerais e trabalho doméstico (LEAL et al., 2002; PORTO et al., 2004; BOSI, 2008), sendo, no geral, atividades sem grande reconhecimento social (MACIEL et al., 2011). Quanto à formalização da força de trabalho dos catadores, apenas 38% declararam-se empregados com relação contratual formalizada (enquanto catador ou devido a um trabalho concomitante), enquanto 61,4% encontravam-se na informalidade. Esse percentual sofre variação a depender da região do país, sendo que no Norte, 71% dos catadores são trabalhadores informais (IPEA, 2013).

Segundo Juncá (2004), estes trabalhadores podem ser definidos como: 1. Catadores de rua autônomos, associados ou cooperados; 2. Catadores de lixões e/ou aterros, autônomos, associados ou cooperados; 3. E catadores de unidades de triagem subordinados informais, associados, cooperados ou assalariados. Neste sentido, o trabalho também é heterogêneo quanto ao local de trabalho e sua forma de organização.

Diversos estudos investigaram as condições de trabalho de catadores que atuam diretamente em lixões ou aterros controlados/sanitários (BRAGA, 1999; LEAL et al., 2002; ORTÍZ, 2002; PORTO et al., 2004; CAVALCANTE; FRANCO, 2007; NETO et al., 2007; PERELMAN, 2010). Nestes locais, os trabalhadores desenvolvem sua atividade em meio às “montanhas de lixo” despejadas pelos caminhões, buscando os materiais recicláveis misturados ao lixo domiciliar, comercial, industrial e hospitalar. Neste caso, o trabalho demanda esforço e risco no processo de procura, seleção e organização dos materiais recicláveis para a venda, visto que se encontram em meio à diversidade de dejetos ali presentes.

No lixão ou aterro é comum o trabalho familiar, onde crianças e jovens auxiliam na busca de materiais (PORTO et al., 2004). A atividade consiste em coletá-los com as próprias mãos ou com a ajuda de instrumentos improvisados (pás, escavadeiras), buscando materiais como papel, papelão, plástico, ferro ou alumínio, em meio à circulação de tratores, caminhões e animais (BRAGA, 1999). Verifica-se também uma falta de infra-estrutura básica para suporte aos catadores, como refeitórios ou banheiros (PORTO et al., 2004). Nessa condição, muitos trabalhadores passam a se alimentar no próprio espaço de trabalho, retirando do lixo alimentos para consumo próprio, comumente desprezados por estarem fora do prazo de validade (ORTÍZ, 2002; PORTO et al., 2004).

Os catadores de rua autônomos também vivenciam dificuldades no desenvolvimento do seu trabalho. Eles coletam os materiais recicláveis presentes em sacos ou tambores de lixo, alocando-os em seus carrinhos de mão e conduzindo entre 30 a 1000 kg de materiais por dia, a depender do tipo de material que coletam e do nível de produtividade laboral que alcançam (GUTBERLET; BAEDER, 2008). O trabalho normalmente se inicia antes da passagem dos caminhões de coleta de lixo municipais, ou consiste em recolher os materiais diretamente de clientes específicos com os quais entram em contato informalmente, como lojas ou supermercados, que frequentemente fornecem papelão, papel ou garrafas de plástico em horários e dias específicos definidos aos trabalhadores (BOSI, 2008; PALACIO; GUZMÁN; SALAZAR, 2008).

A venda dos materiais também é feita aos atravessadores ou empresas intermediárias. Os catadores chegam a selecionar mais de um local para a comercialização dos materiais, buscando melhores preços e locais, evitando carregarem suas cargas por longas distâncias. Também existem aqueles que vendem para um comprador específico, com o qual estabelece um vínculo por meio do

empréstimo diário do carrinho ou permissão para morar no depósito (SILVA; LIMA, 2007), entretanto sem possuir vínculo empregatício formal ou garantia de proteção aos riscos que o trabalho oferece (MACIEL et al., 2011).

O trabalho nas associações e cooperativas, estimulado pela legislação nacional como uma forma de inserção social do catador, é feito de forma coletiva, mais organizada e entendida como uma possibilidade de maior poder de negociação com o topo da cadeia de reciclagem. Nestes espaços, além dos catadores separarem os materiais coletivamente, eles podem manejá-los gerando maior rentabilidade, prensando-os para a formação dos fardos, blocos de material reciclável que podem ser vendidos por melhor preço e diretamente para indústrias de reciclagem, a depender da qualidade do material e da escala de produção (HERÉDIA; SANTOS, 2007). A PNRS (2010) entende que a realização de parcerias com os municípios e com a sociedade por meio da coleta seletiva permitirá que esses trabalhadores alcancem tais metas.

Entretanto, apesar de todas as conquistas obtidas com essas iniciativas, ainda são escassas as cooperativas bem organizadas, com melhores condições laborais, elevada produção, diversas parcerias e crescimento (STERCHILE; BATISTA, 2011), aspectos que não representam a realidade concreta da maioria das cidades dos países Latino-Americanos (MEDINA, 1999). Prevalece ainda a existência de associações e cooperativas com dificuldades de funcionamento e auto-sustentação (STERCHILE; BATISTA, 2011).

Neste sentido, é intensa a participação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) na luta pelos direitos da categoria. Este grupo surgiu em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, sendo posteriormente fundado em 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis ocorrido em Brasília, com a presença de mais de 1700 trabalhadores (MNCR, 2014).

Nesta ocasião, o movimento lançou a Carta de Brasília, documento no qual expressou os objetivos da organização e as reivindicações de quem sobrevive deste trabalho. O MNCR criou uma página na *internet* (www.mncr.org.br), na qual são apresentados todo o histórico do movimento e suas ações sociais e políticas ao longo de sua trajetória, buscando conquistar espaços para que os catadores tenham voz, expressa na frase: “Catador organizado, jamais será pisado!”, presente nas várias páginas do *site* (MNCR, 2014).

O MNCR tem participado de diversos momentos de decisão política no país, buscando reivindicar melhores condições para sua classe trabalhadora. Suas demandas centrais são descritas a seguir:

Uma das bandeiras de luta do MNCR é o devido pagamento pelo trabalho prestado à sociedade, já que está provado que o trabalho dos catadores é mais eficiente na coleta seletiva que os caminhões e aparatos do setor privado (...), reivindicando a contratação dos serviços das cooperativas pelas prefeituras, no Brasil (...)

O MNCR é contra os lixões a céu aberto e luta pela transformação desses em aterros sanitários com a devida transferência dos catadores que neles trabalham para galpões com estrutura suficientes que garanta a sobrevivência de todos, além de creches e escolas para as crianças (...).

O MNCR luta pela coleta seletiva feita pelos catadores por acreditar que nós somos os primeiros agentes ambientais a reciclar a matéria prima que grande parte da sociedade chama de lixo (MNCR, 2014).

A partir dessas reivindicações e por meio da participação social, o MNCR tem atuado em diversos eventos nacionais e internacionais de discussão do meio ambiente, bem como no processo de elaboração de políticas públicas. A inclusão dos catadores nessas decisões tem ocorrido com o objetivo de se efetivarem como trabalhadores reconhecidos e protagonistas no mercado da reciclagem. No entanto, são grandes os desafios, visto que muitos trabalhadores ainda se encontram aquém da consciência de classe trabalhadora e do senso de coletividade, situação acentuada pela informalidade de seu trabalho.

Segundo o IPEA, apenas 10% dos catadores desenvolvem um trabalho coletivo e mais organizado em cooperativas e associações (IPEA, 2013). Neste sentido, o presente trabalho optou pela investigação das condições de trabalho e saúde dos catadores de rua autônomos, visto que representam o maior contingente dentro do universo da reciclagem informal. Além disso, são mais comuns os estudos sobre catadores atuantes em lixões/aterros ou em associações e cooperativas, sendo escassos os estudos sobre este trabalho no espaço da rua.

O trabalho dessa categoria de catador demanda atenção especial devido às características específicas de sua atividade. Esses trabalhadores não se encontram *in locus* como os catadores de lixões, aterros, cooperativas e associações, mas desenvolvem seu trabalho em um constante

deslocamento pelas ruas, concorrendo espaço com o trânsito ou com a calçada dos pedestres, por meio de um trabalho mais solitário e também desprovido de recursos, transportando cargas pesadas de material por longas distâncias (MAGERA, 2005). Por outro lado, devido à dispersão desses trabalhadores pelas ruas ou centros urbanos, o acesso aos mesmos torna-se difícil, sendo mais comuns os estudos com catadores agrupados.

A partir das condições de trabalho precárias e de sua forma de inserção no mercado laboral (informalidade), os catadores enfrentam situações cotidianas que podem levá-los a acidentes de trabalho e a diversas formas de desgaste da saúde ou adoecimento. De acordo com Ferreira e Anjos (2001, p.692), estão presentes nos resíduos sólidos urbanos:

- Agentes físicos: odor oriundo do lixo que pode causar mal-estar, cefaléias e náuseas nos trabalhadores; ruídos no local de trabalho (trânsito, máquinas de prensagem do lixo, barulho dos caminhões em lixões e aterros), que podem gerar estresse ou perda parcial ou permanente da audição; poeira, desencadeando problemas na visão ou respiratórios; movimentação de cargas pesadas de materiais recicláveis ou transporte manual desses materiais, resultando em doenças osteomusculares; e objetos cortantes e perfurantes, que podem ocasionar ferimentos e cortes, transmitindo doenças como hepatite, tétano, entre outras.

- Agentes químicos: presença no lixo de pilhas, baterias, óleos e graxas, pesticidas, solventes e tintas, produtos de limpeza, cosméticos, remédios e aerossóis. Metais pesados como chumbo, cádmio e mercúrio têm efeito acumulativo e podem gerar doenças graves como o câncer e patologias do sistema nervoso. Os pesticidas e herbicidas, por exemplo, podem causar intoxicações agudas nos trabalhadores.

- Agentes biológicos: microorganismos patogênicos podem ser transmitidos através de lenços de papel, curativos, fraldas, papel higiênico, absorventes, preservativos, seringas e agulhas. Agentes como o *Ascaris lumbricoides*, *Entamoeba coli* e *Schistosoma mansoni* comumente causam distúrbios intestinais, e o vírus da Hepatite B também pode ser contraído, visto sua capacidade de resistir em ambiente adverso. Além desses, tantos outros microorganismos podem causar dermatites ou infecções de pele.

Gonçalves (2004), investigando o trabalho de catadores de um lixão no Rio de Janeiro, retrata que esses trabalhadores coletavam material reciclável expostos a sol ou chuva, organizando seu

próprio ritmo de trabalho e posicionamento físico. Conviviam com o odor dos gases oriundos do lixo, com a fumaça intensa produzida pela combustão dos gases, com a presença de insetos (moscas) em grande quantidade, estando propensos a contrair várias doenças ou sofrerem acidentes de trabalho. Apresentavam queixas de dor de cabeça, dor no corpo e cansaço. A situação mostrou-se agravada pelo fato de que grande parte dos catadores não fazia uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), tal como luvas e botas apropriadas.

Esse mesmo estudo, investigando também catadores que trabalham em um galpão de reciclagem, identificou queixas de dor na coluna devido à posição corporal no manuseio do lixo, bem como quedas, queimaduras e presença de urina de rato nos sacos de lixo (GONÇALVES, 2004).

Estudo de Porto et al. (2004) identificou os principais sinais e sintomas relatados por catadores de um aterro sanitário, constatando dores osteomusculares, insônia, ardência nos olhos, coceira, enjôo, emagrecimento, dores abdominais e manchas na pele. Também foram identificados problemas com bebidas alcoólicas entre os catadores, sendo que 31,6% relataram consumo frequente de bebida; 79,8% disseram que colegas bebem e 31,6% relataram que a bebida provoca algum tipo de problema no trabalho de coleta de recicláveis.

Para Cavalcante e Franco (2007), o maior perigo existente constatado no trabalho dos catadores de um lixão foi a possibilidade de perfurações e cortes por vidros, lâminas e lascas de madeira, entre outros objetos encontrados no lixo. Os referidos autores identificaram também, no relato dos catadores, casos de micoses nos pés e mãos, muitas vezes decorrentes do uso de várias vestimentas sobrepostas, favorecendo o desenvolvimento de microorganismos.

Com relação à procura de serviços de saúde quando estão doentes ou sofrem acidentes, 75,6% afirmaram procurar atendimentos em postos de saúde ou prontos-socorros perto de suas residências. No entanto, apenas 51,2% dos catadores relataram acreditar que o trabalho com o lixo gera danos à sua saúde (ALMEIDA et al., 2009).

Nos aspectos psicossociais, os catadores também enfrentam cargas e estigmas com relação ao seu trabalho. Ao lidarem com aquilo que a sociedade despreza, esses trabalhadores se tornam invisíveis. Estudo de Santos e Silva (2009) sobre o olhar do catador com relação ao seu próprio trabalho mostrou depoimentos de quase ou nenhum reconhecimento social, expressando a vontade de sair dessa ocupação e desejando aos filhos “um futuro melhor”.

Deste modo, os estudos sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos catadores demonstram que eles enfrentam processos de adoecimento oriundos de seu contexto de trabalho, além de vivenciarem uma precarização mais basal, a das condições sociais gerais, envolvendo moradia, acesso à educação e saúde, entre outras.

Na questão do adoecimento relacionado ao trabalho, o que o presente estudo procura avançar é no olhar voltado para as condições laborais e de saúde dos catadores para além da mera identificação dos “riscos ocupacionais”. Entendemos que esta visão não abarca a complexidade do processo de trabalho por eles vivenciado, que é materializado pelo processo de valorização capitalista, no qual a exploração da força de trabalho gera por um lado progresso do capital, mas também degradação das condições de trabalho e saúde.

O campo de estudo da saúde relacionada ao trabalho é vasto, sofrendo transformações ao longo da história com as modificações do mundo laboral. Existe atualmente uma série de paradigmas que influem no modo de olhar e investigar a saúde dos trabalhadores, a partir de um olhar multidisciplinar (e em alguns momentos, interdisciplinar), no qual atuam as ciências da saúde, as ciências sociais, a engenharia, a filosofia, dentre outras áreas. Neste estudo, consideramos que o materialismo histórico representa um referencial teórico enriquecedor na compreensão da relação trabalho e saúde, contribuindo para um olhar mais amplo e que reconhece a historicidade, a complexidade e inter-relação dos aspectos mais fecundos que envolvem os fenômenos sociais.

2.3. A saúde relacionada ao trabalho

A seguir, serão apresentados os diferentes paradigmas ou a evolução dos conceitos e práticas do campo da saúde do trabalhador, com destaque para a descrição do referencial teórico aqui adotado, o materialismo histórico no estudo da saúde dos trabalhadores.

2.3.1. Histórico e paradigmas

A complexidade do tema e as demandas do campo da saúde relacionada ao trabalho justificam as suas diversas abordagens, olhares e atores envolvidos. Ao longo da história de sua

existência, coexistem velhas e novas formas de se pensar e agir dentro do campo, e as discussões e desafios não cessam. Estudos de Mendes e Dias (1991), Minayo-Gomez e Thedim-Costa (1997) e Lacaz (2007) contribuem sobremaneira na elucidação do histórico, conceitos e práticas do campo de investigação da relação trabalho/saúde, apresentando os caminhos trilhados e as transformações dos modos de se pensar a articulação do mundo do trabalho com a saúde dos trabalhadores.

A título de elucidação, o campo trabalho/saúde pode ser dividido em três grandes paradigmas: a Medicina do Trabalho, a Saúde Ocupacional e a Saúde do Trabalhador. O presente estudo considera a importância de todos eles para a construção desta área de investigação, mas adota o paradigma da Saúde do Trabalhador para compreender as transformações na realidade dos trabalhadores.

A Medicina do Trabalho surge no contexto do século XIX, na era da Revolução Industrial. O espaço era predominantemente fabril, com a atuação do coletivo de operários em trabalhos pesados e desgastantes. Com isso, empregadores passam a se preocupar com as condições de saúde desses trabalhadores, porém no sentido de que a falha no seu desempenho levaria a prejuízos do processo de produção (MENDES; DIAS, 1991).

Por conseguinte, a medida adotada foi a de inserir a figura do médico dentro do processo produtivo e do cotidiano de trabalho. Este passou a desenvolver o papel de administrador da saúde laboral, a partir de medidas prescritivas, utilizando-se da teoria da unicausalidade (para cada doença um agente etiológico), e com uma visão mecanicista dos corpos dos trabalhadores, nos quais as peças danificadas deveriam ser recuperadas. Estas ações deram origem aos Serviços de Medicina do Trabalho, cuja implementação foi progressiva, com a coordenação do médico, figura central de confiança do empregador e a serviço de seus interesses, distante da defesa dos trabalhadores e de suas condições de existência nos espaços de trabalho (MENDES; DIAS, 1991; MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

Com a institucionalização dessas medidas a partir do surgimento e da atuação da OIT, definindo normas e leis para o funcionamento desses serviços, a ciência se volta para a investigação da saúde desses trabalhadores, com as fábricas se apropriando deste conhecimento para desenvolver uma administração científica do trabalho. A produção de Taylor, ampliada por Ford, culmina no estudo dos movimentos dos corpos que trabalham, visando à redução das faltas no

trabalho e da queda do rendimento, com a meta de gerar aumento da produtividade (MENDES; DIAS, 1991).

Com a Segunda Guerra Mundial, no contexto da industrialização e da máquina competindo espaço com os trabalhadores, os custos com o adoecimento e os acidentes de trabalho começam a preocupar os empregadores, a partir do aumento das indenizações relacionadas a danos decorrentes do exercício laboral. Além disso, as mudanças na conformação dos processos de trabalho com o avanço tecnológico, junto à insatisfação coletiva dos trabalhadores, culminam no questionamento das medidas de saúde e segurança no trabalho (MENDES; DIAS, 1991; LACAZ, 2007).

Com isso, as ações passam a ter enfoque não apenas no trabalhador-indivíduo, mas, sobretudo, no ambiente de trabalho, com foco na multidisciplinaridade e na higiene industrial, voltando o olhar para a indústria como elemento produtivo central do período. Esta conformação é então definida como Saúde Ocupacional, que, utilizando da racionalidade científica e da articulação entre a medicina, a administração e a engenharia, vão intervir nos locais de trabalho a partir do controle dos riscos ambientais (MENDES; DIAS, 1991; MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997; LACAZ, 2007).

Com esse novo paradigma, novas legislações foram produzidas, com destaque para a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) na década de 1970 e com o surgimento das Normas Regulamentadoras (NRs), visando direcionar as ações obrigatórias das empresas voltadas à saúde dos trabalhadores. Também surgem e se expandem os cursos de especialização no Brasil, *latu sensu* e *strictu sensu*, visando formar profissionais especializados para atuarem dentro do campo da Saúde Ocupacional (MENDES, DIAS, 1991).

Apesar de suas contribuições, a insuficiência dessas ações começa a ser identificada devido às práticas com enfoque na medicalização, de cunho individual, voltadas apenas para os trabalhadores inseridos no mercado formal. Ainda influenciada pela Medicina do Trabalho, a Saúde Ocupacional manteve sua visão mecanicista, com ações sem interlocução ou integração efetiva dos diferentes profissionais, sem acompanhar as mudanças nos processos de trabalho (o mundo do trabalho não era só o espaço da indústria ou do mercado formal), e com os riscos sendo entendidos como processos naturais a serem contornados, sem buscar o porquê de seu surgimento. Além disso, os

trabalhadores mantinham-se sem participação ativa nos modos de pensar e agir na saúde laboral (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

Os movimentos sociais na Europa, na década de 1960 (com destaque para o maio de 1968), representaram um momento na história de muitas transformações e questionamento da vida, desconstruindo pensamentos arraigados, dentre eles a concepção sagrada do trabalho. A importância da participação dos trabalhadores se renova, com a intensa atuação por meio de cartas e legislações em países como Alemanha, França, Inglaterra, Canadá e especialmente Itália, por meio de uma luta que se inicia na transformação do olhar sobre a saúde dos trabalhadores (MENDES; DIAS, 1991; MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997; LACAZ, 2007).

Neste período, intensificam-se as discussões sobre a mudança no mundo do trabalho, com o surgimento de novas atividades laborais, queda da soberania da indústria, progressão do setor de serviços e o desenvolvimento de novas tecnologias, como a automação e a informatização dentro dos processos de trabalho, gerando, por fim, mudança no perfil dos trabalhadores (MENDES; DIAS, 1991).

A teoria da multicausalidade do processo saúde-doença, que trabalha com o conceito de fatores de risco ambientais, característica da Saúde Ocupacional, também passa a ser questionada. Suas raízes na medicina do trabalho e sua visão desvinculada do processo de trabalho sob influência da valorização do capital geraram discussões acadêmicas e por parte dos próprios trabalhadores. Neste sentido, a saúde começou a ser repensada (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997; LACAZ, 2007).

Na década de 1980, período de transição democrática no Brasil, a atuação da Saúde Pública foi marcante, sendo entendida a partir da Teoria da Determinação Social do Processo Saúde-Doença. Sua finalidade foi a de superar a relação causa-efeito ou múltiplas causas individuais na geração de adoecimento, buscando incluir o confronto capital-trabalho e a subjetividade nas discussões sobre o fenômeno saúde. O paradigma da Saúde do Trabalhador foi ganhando espaço, no qual se tornou essencial o estudo dos processos de trabalho, dos processos de produção do capital e do reconhecimento do papel ativo dos trabalhadores na conformação do campo (LACAZ, 2007).

Para a Saúde do Trabalhador, o trabalho é espaço de determinação, porém de resistência, sendo inúmeras as suas contradições entre o individual e o coletivo, entre o biológico e o social,

entre o técnico e o político, e entre o particular e o geral. A VIII Conferência Nacional de Saúde e a I Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores, a partir desse olhar complexo e crítico, tiveram efeitos importantes na elaboração da Constituição de 1988, tornando a saúde um direito universal e colocando em pauta esses conceitos como importantes na transformação do cotidiano de homens e mulheres trabalhadores (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

A Saúde do Trabalhador compreende um conjunto de práticas teóricas interdisciplinares e interinstitucionais, construídas sob influência da Saúde Coletiva, da Medicina Social Latino-Americana e das lutas e experiências italianas. Ela se configura em um novo paradigma, utilizando-se especialmente do campo das ciências sociais, com destaque para as teorias marxistas, desdobrando-se ainda em outras teorias que continuamente vão agregando qualidade e amplitude às discussões. O centro de sua análise também se volta para o processo de trabalho, entendido como gerador de processos de adoecimento físico e mental nos trabalhadores (MINAYO-GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1997).

A Saúde do Trabalhador também reconhece a multiplicidade e complexidade do mundo do trabalho, que envolve não apenas os trabalhadores formais assalariados, mas também os terceirizados, os subcontratados, os informais e os marginalizados, compondo um mundo heterogêneo (LACAZ, 2007). Por isso, o campo considera a importância da participação ativa dos trabalhadores nas discussões sobre o universo trabalho/saúde, “(...) deixando de dizer apenas não, para também indicarem soluções para os problemas sociais, políticos e econômicos” (RODRIGUES, 1995, p.120).

Assim, a presente pesquisa se baseia na utilização do materialismo histórico para o estudo da saúde dos trabalhadores, que se situa no interior do paradigma da Saúde do Trabalhador, sendo descrita a seguir.

2.3.2. O materialismo histórico no estudo da saúde dos trabalhadores

A essência do pensamento marxista na compreensão do desenvolvimento social pode ser definida da seguinte forma:

Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 1983, p.24).

O mundo material é a premissa com que Marx trabalha para entender os fenômenos sociais. Em outras palavras, as bases materiais, entendidas como condições primárias da vida humana, são fatores determinantes na concepção das instituições, dos valores, das ideias, enfim, de todo o modo pelo qual o homem, na transformação da natureza por meio do trabalho, organiza a sociedade (SKALINSKI; PRAXEDES, 2003; ANTUNES, 2004; ALVES, 2007).

Na visão marxista, o materialismo histórico-dialético constitui-se como princípio fundamental na compreensão do processo de desenvolvimento social, o qual influencia diretamente na relação trabalho/saúde. O materialismo histórico pode ser definido como o caminho teórico que elucida a dinâmica do real na sociedade, enquanto a dialética refere-se ao método de abordagem dessa realidade (MINAYO, 2004).

Nesta perspectiva, os fenômenos de saúde são compreendidos como resultado da organização social para a produção e consumo. Portanto, transformações no modo de produção e reprodução social de um determinado momento histórico geram igualmente transformações na saúde humana (PERNA; CHAVES, 2008).

Segundo Laurell e Noriega (1989), entender a saúde a partir deste paradigma implica conhecer a concretude do processo de trabalho como elemento essencial para a compreensão dos determinantes da saúde do trabalhador, permitindo uma investigação sobre como se constitui o nexo biopsíquico dessa coletividade. Para tal, é necessário dividi-lo em seus elementos constitutivos para analisá-los, reconstruindo-o novamente como processo global, “resgatando seu movimento dinâmico com relação à saúde do trabalhador” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.106).

Para Marx (1988), os elementos do processo de trabalho são:

-Finalidade: a atividade orientada com um fim, ou o trabalho propriamente dito;

-Objeto: o objeto de trabalho, que é a matéria a ser transformada, tanto em seu estado bruto ou resultante de um tratamento (trabalho) prévio;

-Meios: instrumentos ou meios de trabalho utilizados pelo trabalhador nesse processo (ferramentas, habilidades, etc).

Na concepção marxista, o processo de trabalho, em sua dimensão originária e ontológica, apresenta a seguinte definição:

O processo de trabalho enquanto processo humano-genérico, intrínseco a toda forma societária de desenvolvimento da espécie *homo sapiens*, determinação natural sócio-ontológica do processo de hominização e de humanização, tende a assumir a forma de atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, de se apropriar os elementos naturais às necessidades humanas. É como disse Marx, “a condição necessária do intercambio material entre o homem e a natureza; é a condição natural eterna da vida humana” (ALVES, 2007, p.33).

No sentido primário, o homem em seu processo de trabalho transforma a natureza, é dono de seus meios/instrumentos de produção, produz valores de uso e objetiva e exterioriza aquilo que é necessário para atender às suas necessidades humanas. No entanto, com o modo de produção capitalista, o processo de trabalho se instaura como processo de valorização (MARX, 1988). Isso significa que o processo de trabalho adquire novas determinações sociais, modificando sua natureza intrínseca. Ele se torna processo de valorização, que é o processo de trabalho voltado para a produção de mercadorias e valores de troca, visando à acumulação de mais-valia e a autovalorização do capital (ALVES, 2007).

O processo de trabalho, sendo transformado em processo de produção do capital, resulta em estranhamento ou alienação, no sentido de perda: o produto passa a dominar o trabalhador, o produto e os instrumentos não pertencem mais a ele, e o trabalhador perde o controle sobre sua vida material, não sendo mais o gestor pleno do seu processo de trabalho (ALVES, 2007).

Portanto, para o entendimento desta categoria analítica, é fundamental a compreensão do processo de produção em que ela se insere, cujos elementos constituintes sofrem transformações ao longo do desenvolvimento e sócio-metabolismo do capital.

Nessa mesma lógica de compreensão, Laurell e Noriega (1989) destacam que é preciso remeter o estudo da saúde ao conceito de processo de produção, com seus dois aspectos: o processo de valorização (de produção de mais-valia) e o processo de trabalho (de produção de bens). Embora sejam elementos de um todo articulado, esses aspectos podem ser diferenciáveis, o que permite uma análise da relação entre ambos. Desta forma, o “processo de trabalho é a materialização do processo de valorização e divisão do trabalho, e somente decifrável a partir dele” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p. 105).

Na compreensão do processo de valorização, o pesquisador precisa remeter-se à sua lógica concreta a partir do seguinte questionamento: quais as estratégias empregadas pelo capital, em um momento histórico específico, para extrair mais-valia dentro do processo de trabalho estudado? Neste sentido, discutem-se aspectos como a concorrência intercapitalista, as formas de geração de lucro, a incorporação de tecnologias e a apropriação e controle sobre os trabalhadores (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.105).

A análise do processo de trabalho, segundo Laurell e Noriega (1989, p.106), possui duas vertentes: uma técnica e outra social. Ou seja: 1. A análise não se limita apenas à compreensão das características físicas, químicas e mecânicas do objeto de trabalho, mas busca também desvendar por que e como ele chega a sê-lo desta maneira; 2. Da mesma forma, os instrumentos de trabalho ou a tecnologia devem ser compreendidos não apenas na sua conformação técnica, mas como materializações da relação entre capital e trabalho; 3. Por fim, o trabalho deve ser entendido não só como processos corporais, mas também como uma expressão concreta da relação de exploração, decorrentes de sua organização e divisão. Assim sendo, após a compreensão desses aspectos, analisa-se a relação entre eles, reconstruindo a dinâmica do processo de trabalho.

Para Laurell e Noriega (1989), a análise do processo de produção é ponto fundamental para a compreensão de um importante aspecto da vida dos trabalhadores: a saúde. Adotando como perspectiva esse processo na sociedade capitalista, organizador da vida social, torna-se possível estudar o modo como os grupos sociais trabalham e sofrem desgaste, permitindo uma análise das formas de resistência dos trabalhadores frente à exploração no trabalho e as formas que eles encontram para, mesmo doentes, manterem-se no processo produtivo, adaptando-se a ele.

Enquanto a saúde ocupacional utiliza o conceito de “risco” para caracterizar os elementos danosos presentes no ambiente laboral (perspectiva ainda dominante nas atuais práticas concretas em saúde do trabalhador), a compreensão da relação trabalho/saúde enquanto processo social procura adotar o conceito de cargas de trabalho, considerando a totalidade dessa articulação, que é dinâmica e contraditória (MINAYO-GOMES; THEDIM-COSTA, 1997; LAURELL; NORIEGA, 1989).

O conceito de cargas de trabalho foi elaborado considerando a inter-relação entre o processo de produção e o processo saúde-doença. Cargas de trabalho podem ser definidas como elementos do processo de trabalho que interagem entre si e com o corpo de forma dinâmica, desencadeando alterações no processo biopsíquico, manifestando-se em desgastes físicos e psíquicos potenciais ou estabelecidos (LAURELL; NORIEGA, 1989; LAURELL, 1993; FACCHINI, 1994a).

As cargas de trabalho são classificadas em dois grupos distintos: as de materialidade externa ao corpo, ou seja, passíveis de identificação, independente do corpo do trabalhador (cargas físicas, químicas, biológicas e mecânicas); e as de materialidade interna, que só podem ser pensadas e identificadas por meio do corpo do trabalhador (fisiológicas e psíquicas) (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.110).

Segundo Laurell e Noriega (1989, p.111), as cargas de trabalho podem ser caracterizadas como:

- Cargas físicas: ruído, vibrações, temperatura, iluminação, ventilação, umidade, resultantes de características peculiares do processo de trabalho;
- Cargas químicas: substâncias químicas em formas de poeira, pó, gases, fumaça, vapores, líquidos, entre outras;
- Cargas biológicas: parasitas, bactérias, vírus, fungos, entre outras, advindas do contato com organismos animais ou vegetais;
- Cargas mecânicas: contusões, fraturas, feridas e outras lesões relacionadas ao objeto de trabalho, às tecnologias utilizadas e às condições ambientais e materiais;
- Cargas fisiológicas: esforço físico e visual, movimentos, deslocamentos e posturas adotadas no trabalho, turnos noturnos e rotativos, horas prolongadas de trabalho e intensificação do ritmo de trabalho;

- Cargas psíquicas: estresse oriundo dos efeitos do processo de trabalho. São determinantes presentes no ritmo e na intensidade do trabalho, no controle, na atenção e responsabilidade frente ao trabalho, no relacionamento interpessoal, na atividade supervisionada, no medo do desemprego, entre outras.

Utilizadas como elementos analíticos, as cargas de trabalho permitem esclarecer as relações entre o desenvolvimento de determinado trabalho e a ocorrência de agravos à saúde dos trabalhadores (FACCHINI, 1994b). Durante sua análise, o pesquisador busca identificar esses elementos no processo de trabalho, compreendendo as diferentes manifestações das cargas laborais que afetam os trabalhadores. Entretanto, Laurell e Noriega (1989) ressaltam que durante a análise, essa etapa por si só é insuficiente para a compreensão real das cargas de trabalho. Para os autores, “decompor e agrupar as cargas nos diferentes tipos não é senão um primeiro passo analítico” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.113).

A segunda etapa no processo de investigação consiste na reconstrução das cargas de trabalho, articulando-as com a lógica global do processo de trabalho, enquanto processo técnico e campo de manifestação do processo de valorização do capital. Desenvolvendo este caminho analítico, que busca compreender o fenômeno em sua totalidade e singularidade simultâneas, o pesquisador consegue identificar novos elementos de compreensão do seu objeto de estudo, os quais não seriam identificados se a análise se baseasse apenas no campo da identificação das manifestações das cargas de trabalho (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Vinculado ao conceito de cargas, encontra-se o conceito de desgaste (LAURELL; NORIEGA, 1989). Para os referidos autores, a categoria “processo de desgaste” é necessária para que se possa reconstruir uma representação coerente da relação entre processo de produção e nexos biopsíquico de uma coletividade, ou seja, “da forma histórica específica de nela ocorrer o processo biológico e psíquico” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.115).

Desgaste é definido como “(...) perda de capacidade efetiva e/ou potencial, biológica e psíquica” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.115). Esse conceito permite estabelecer as transformações negativas nos processos biopsíquicos humanos, originadas pela interação dinâmica das cargas de trabalho. Assim, desgaste não é compreendido como um desvio de uma condição ideal de saúde, mas sim como um processo histórico e dinâmico. Também não é considerado um processo

irreversível, visto que o trabalhador pode ter recuperadas suas perdas de capacidade efetiva e/ou desenvolver potencialidades outrora prejudicadas.

Outro aspecto importante na definição de desgaste é entendê-lo como um processo característico das coletividades humanas, e não primariamente dos indivíduos. Isso significa dizer que desgaste “não é uma fatalidade cega, mas futuro e, portanto, moldado também pela ação da própria coletividade” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.117). Cabe também elucidar que o desgaste constitui-se um problema tanto para o capital quanto para o trabalho: para o primeiro, prejudica o desempenho da força de trabalho (trabalhador), ou seja, um problema de produção (geração de mais-valia), enquanto para o segundo, prejudica os processos vitais, tornando-se um problema de vida (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Segundo Laurell e Noriega (1989), é a partir da articulação entre desgaste e reprodução que se determinam as formas biopsíquicas humanas. Estas, por sua vez, influenciam na geração de um conjunto de doenças particulares, denominado perfil patológico de um grupo social.

Sobre o padrão de desgaste de uma coletividade, os referidos autores descrevem que a complexidade desta categoria analítica faz com que haja dificuldades para demonstrá-la, visto que desgaste é um conceito inespecífico e não se expressa claramente por meio de elementos que podem ser facilmente observados ou mensurados. Como modo de captação do desgaste, os autores propõem, como indicadores globais: os sinais e sintomas inespecíficos; o perfil patológico; os anos de vida útil perdidos, o envelhecimento acelerado, a morte prematura, ou o estabelecimento de indicadores de processo (por exemplo, reação prolongada de estresse). Este último, mais difícil de ser alcançado, permitiria a identificação da presença de elementos do processo de desgaste, sem que para isso tenha que se observar um dano já consumado (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o presente estudo identificou os sinais e sintomas inespecíficos, descritos a partir das opiniões e experiências dos próprios trabalhadores, o que representou a possibilidade de trazer à tona peculiaridades do cotidiano de trabalho e saúde por meio de uma metodologia participativa, na qual os trabalhadores atuaram de forma crucial no entendimento do processo de desgaste que enfrentam.

Para se chegar a uma determinada compreensão do que Laurell e Noriega (1989) denominam de “padrão de desgaste” de um grupo de trabalhadores, é necessário, portanto, a construção da

relação entre processo de valorização, processo de trabalho, cargas de trabalho e processo de desgaste. Por meio dessa articulação,

[...] é possível decantar as particularidades de cada processo de trabalho concreto e extrair as características gerais das cargas e do desgaste das diferentes etapas e subetapas típicas do processo de produção capitalista. Dessa forma, à medida que se sabe que tipo de processo de trabalho está presente num centro de trabalho, pode-se prever quais são as principais cargas e os traços gerais do padrão de desgaste (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.118).

Sintetizando todo o caminhar teórico-metodológico apresentado, o processo de produção e sua relação com o adoecimento no trabalho pode ser esquematizado com base em um referencial específico, o materialismo histórico, como indica a Figura 5 a seguir.

Figura 5 – Processo de produção e saúde, segundo o referencial do materialismo histórico.
Fonte: LAURELL, 1993.

Sobre a utilização deste referencial, alguns esclarecimentos são necessários. Destaca-se que a construção e aplicação teórica proposta por Laurell e Noriega (1989) se deu em um contexto do mundo do trabalho Latino-Americano nas décadas de 1970-1980, com trabalhadores operários de uma indústria siderúrgica. A sociedade capitalista contemporânea sofre transformações (já elucidadas anteriormente), e o presente objeto de estudo é o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, inseridos na informalidade e fora do contexto industrial Taylorista-Fordista. Assim, a

importância da inclusão de autores contemporâneos para a discussão sobre o mundo do trabalho no capitalismo tornou-se um passo importante na investigação do objeto de estudo. Destaca-se que estas transformações não desvaliam a importância da utilização deste referencial teórico; ao contrário, a importância da historicidade proposta pela própria abordagem tornou necessária a recontextualização das categorias analíticas, sem que estas percam a sua essência de análise: as forças entre capital, trabalho e saúde.

Em síntese, processo de valorização, processo de trabalho, cargas de trabalho e desgaste do trabalhador são categorias analíticas que contribuem na compreensão da relação trabalho/saúde. Como um referencial teórico-metodológico coerente com as perspectivas anteriormente estabelecidas, o materialismo histórico no estudo da saúde dos trabalhadores torna-se pertinente, buscando o entendimento dos fenômenos a partir de sua historicidade e contradição.

3

OBJETIVOS

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Compreender o processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis, a partir da participação ativa dos próprios trabalhadores.

3.2. Objetivos específicos

- Apreender quais são as manifestações do processo de valorização do capital presentes na atividade do catador.
- Descrever o processo de trabalho dos catadores, considerando que o mesmo é influenciado pelo processo de valorização do capital.
- Identificar o tipo e origem das cargas de trabalho presentes nessa atividade.
- Explorar as formas de desgaste da saúde referidas pelos trabalhadores.

4

PRESSUPOSTOS

4. PRESSUPOSTOS

Os catadores de materiais recicláveis autônomos enfrentam situações laborais precárias decorrentes da conformação do processo de trabalho que vivenciam, o qual é condicionado pelo processo de valorização do capital, que se materializa na frágil inserção do catador na cadeia de reciclagem e na sua desvalorização histórica, influenciada pelo mercado laboral, poder público e sociedade.

Os catadores sofrem diversas formas de adoecimento ou desgaste da saúde decorrentes das cargas de trabalho que enfrentam. Estas, porém, não surgem apenas em decorrência do contato direto com os resíduos e rejeitos, mas devido aos elementos técnicos e sociais do processo de trabalho que interagem entre si e o trabalhador, gerando implicações para sua saúde.

Esses trabalhadores, embora conheçam aspectos do seu trabalho que possam levá-los ao adoecimento, priorizam a busca de renda para a sobrevivência. Esta situação não é decorrente de uma plena escolha pessoal, mas oriunda de sua frágil forma de inserção no mercado informal da reciclagem e da exclusão laboral e social vivenciada, além da falta de recursos necessários para tal proteção.

5

PERCURSO METODOLÓGICO

5. PERCURSO METODOLÓGICO

5.1. Caracterização do estudo

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada no materialismo histórico para a investigação da saúde dos trabalhadores. A abordagem qualitativa foi selecionada por se adequar ao objeto de estudo e possibilitar o alcance dos objetivos estabelecidos, buscando questionar os sujeitos de investigação com o objetivo de perceber aquilo que experimentam, o modo como interpretam suas experiências e o modo como estruturam o mundo social em que vivem (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Segundo Laurell e Noriega (1989), é essencial correlacionar o processo produtivo com as experiências, percepções e opiniões dos próprios trabalhadores, exercício possível a partir da abordagem qualitativa. Neste fazer, os pesquisadores dão importância à expressão e às vivências dos participantes do estudo, colocando-os como construtores ativos do processo de compreensão dos fenômenos.

Visando superar aquilo que Bourdieu (1972) define como a “ilusão da transparência” ou a simples repetição do que se ouve ou se vê no trabalho de campo, torna-se necessária a articulação entre as experiências e os significados expressos com as dimensões mais amplas que os envolvem. O salto analítico se dá, portanto, a partir de um modelo qualitativo que não só descreve, mas também compreende e explica, a partir de três dimensões: a simbólica, a histórica e a concreta. Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 246), “(...) a dimensão simbólica contempla os significados dos sujeitos, a histórica privilegia o tempo consolidado do espaço real e analítico, e a concreta refere-se às estruturas e aos atores sociais em relação”. Neste sentido, o diálogo entre as manifestações subjetivas dos participantes e o referencial teórico adotado pelo pesquisador torna-se o passo enriquecedor da análise, movimento que buscamos aqui realizar.

A presente pesquisa teve como finalidade dar voz a um grupo de catadores de materiais recicláveis autônomos, visando compreender o processo de trabalho e suas implicações na saúde desses trabalhadores.

5.2. Campo e cenário da pesquisa

O estudo foi realizado com um grupo de catadores autônomos de Ribeirão Preto – São Paulo, uma cidade com aproximadamente 658.059 habitantes e que produz cerca de 170 mil toneladas de lixo doméstico por ano (RIBEIRÃO PRETO, 2013). Em Ribeirão Preto, inexistia uma quantificação fidedigna por parte da prefeitura local quanto ao número de catadores de materiais recicláveis atuantes na cidade. No entanto, os catadores são frequentemente vistos nas áreas centrais urbanas e nos diferentes bairros.

Tentativas de implementação de um efetivo serviço de coleta seletiva em Ribeirão Preto têm ocorrido de forma lenta, ainda que existam preconizações a serem cumpridas a partir da Política Nacional de Resíduos Sólidos de 2010. A maioria dos bairros ainda não possui acesso a tal serviço e a quantidade de material reciclável coletado pela prefeitura sofreu uma queda de 86% nos últimos anos, sendo coletadas 1318 toneladas em 2011, chegando a apenas 187 toneladas em 2013. Estes dados indicam que apenas 0,08% do lixo produzido em 2013 foi reciclado, embora houvesse um aumento de 23% no volume de lixo doméstico gerado (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014).

Na cidade atua uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, denominada “Cooperativa Mãos Dadas”, fundada em julho de 2008 por entidades religiosas, cujo objetivo era a inclusão social da população de baixa renda. A referida cooperativa foi posteriormente integrada à prefeitura, porém atualmente há dificuldades de recursos para sua manutenção devido à baixa remuneração dos trabalhadores, pouco acesso aos materiais recicláveis e o atraso no repasse das verbas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014).

A coleta seletiva na cidade alcança menos de 10% da área de abrangência e os catadores da cooperativa conseguem vender apenas 60 toneladas de materiais recicláveis por mês, o que justifica seu baixo rendimento. Destaca-se ainda que em Ribeirão Preto, na única cooperativa de catadores da cidade, existem em torno de 20 trabalhadores (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014). Neste sentido, grande parte dos catadores ainda desenvolve sua atividade nas ruas, no trabalho individual e autônomo (IPEA, 2013) e por isso tais trabalhadores foram os participantes da presente pesquisa.

Esse estudo foi realizado em uma empresa de comércio de materiais recicláveis da cidade de Ribeirão Preto – SP, empresa conhecida também como “atravessador” ou intermediário da cadeia de

reciclagem. O local foi selecionado como espaço de acesso aos trabalhadores, por ser um dos lugares para onde os mesmos se dirigem no intuito de venderem seus materiais. Esse procedimento foi adotado considerando que os catadores autônomos trabalham individualmente, dispersos pelos diferentes bairros e ruas da cidade, em horários e locais não fixos, o que dificultaria o alcance e a abordagem dos mesmos.

A empresa selecionada se inclui na categoria de empresa intermediária de grande porte, visto que a mesma processa o material reciclável, vendendo-o diretamente para as indústrias segundo suas exigências específicas. Possui 16 anos de existência, com 17 funcionários fixos e registrados atuando nas atividades de separação, processamento, prensagem, estocagem e transporte/venda para a indústria.

Os materiais recicláveis são ali adquiridos a partir de duas principais vias: 90% pós-consumo, com mercadorias originadas do comércio em geral ou da produção doméstica, coletadas por catadores ou empresas menores (que os adquire também via trabalho do catador); e 10% pós-indústria, que representam as sobras do processo industrial, compradas pela empresa, processadas e vendidas novamente para industrialização.

Assim sendo, os catadores são responsáveis pela maior quantidade de materiais recicláveis fornecida a essas empresas, materiais estes que representam o principal recurso para o funcionamento do circuito econômico da reciclagem. Os protagonistas desta cadeia produtiva são, portanto, os protagonistas do presente estudo.

5.3. Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram catadores de materiais recicláveis que se dirigiram à empresa selecionada para venderem os materiais coletados, sendo abordados pela pesquisadora no portão de entrada do local. Os critérios estabelecidos para a seleção dos participantes foram: inclusão de catadores de ambos os sexos, com idade acima de 18 anos e que comparecessem na empresa de comércio de recicláveis no período de desenvolvimento do trabalho de campo, entre maio e dezembro de 2013, aceitando participar do estudo. Foram excluídos os trabalhadores menores de 18 anos, os que não aceitaram participar da pesquisa, os que se identificaram como

moradores de rua e os que verbalizaram uma atual dependência do uso de substâncias psicoativas, utilizando da reciclagem informal também para sustento desta necessidade.

Na primeira etapa de seleção de participantes da pesquisa, foram considerados, inicialmente, apenas os critérios de inclusão. Com o desenvolvimento da entrevista, as questões passavam pela indagação sobre suas condições de vida e sobre a finalidade do trabalho daqueles homens e mulheres. Ao final dos diálogos, foi identificado que alguns entrevistados se assumiram como moradores de rua e/ou usuários de drogas, revelando que a venda de recicláveis era esporádica, realizada para sanar a sobrevivência imediata, incluindo a dependência química. Estas entrevistas foram excluídas do estudo (3 entrevistas) e a não inclusão deste grupo de catadores foi adotada considerando a especificidade e complexidade das características sociais, de trabalho e de saúde dos mesmos. Adentrar neste universo demandaria estudar a saúde laboral a partir de outros marcos teórico-conceituais específicos, ao mesmo tempo em que abarcaria a heterogeneidade social existente dentro do universo da reciclagem, demandando também um estudo comparativo, o que seria um caminho extenso e não compatível com os prazos destinados à elaboração desta tese de doutoramento.

Participaram da pesquisa 23 catadores de materiais recicláveis autônomos, sendo sete mulheres e 16 homens. Cabe destacar que o menor número de mulheres participantes no estudo ocorreu devido à dificuldade de acesso às catadoras do sexo feminino nesse tipo de trabalho, uma vez que segundo dados do IPEA (2013), apenas 31,1% do universo da reciclagem informal é composto por mulheres, sendo que grande parte delas desenvolve seu trabalho em cooperativas ou associações (PORTO et al., 2004; MARTINS, 2005; MACIEL et al., 2011).

Nesta etapa das entrevistas, a escolha do número de participantes ocorreu a partir do processo de amostragem por saturação. Na pesquisa qualitativa, o estabelecimento do tamanho amostral por saturação teórica é definido como a não inclusão de novos participantes no estudo a partir do momento que, segundo o próprio pesquisador, os dados obtidos começam a se repetir ou a se tornarem redundantes, sendo desnecessário prosseguir com a coleta de dados (DENZIN; LINCOLN, 1994).

O momento de saturação da amostra dependeu de vários fatores ligados à pesquisa, incluindo o referencial teórico, o recorte do objeto, os objetivos definidos, o seu nível de profundidade e a homogeneidade/heterogeneidade da população estudada (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

No processo de definição do número de participantes, foi considerada a importância de compreender as diferentes opiniões e vivências dos catadores de rua autônomos a partir das heterogeneidades existentes no que se refere ao processo de trabalho, categoria analítica central aqui adotada na compreensão da saúde dos trabalhadores. Neste sentido, a partir do momento em que as características do cotidiano de trabalho dos catadores de rua foram sendo captadas e tornando-se informações repetidas ou semelhantes entre eles, a busca por mais participantes foi finalizada.

Destaca-se que, embora a definição dos participantes tenha ocorrido a partir da repetição dos dados ou saturação da amostra, não consideramos importantes apenas as falas e opiniões mais frequentes, o que culminaria em uma abordagem qualitativa limitante. Também foram consideradas relevantes as falas singulares, que expressaram, em termos de profundidade e subjetividade, o universo dos catadores.

5.4. Operacionalização do estudo

Para a operacionalização do estudo, três etapas foram desenvolvidas. Na primeira, foi realizada a observação dos catadores no momento da venda dos materiais aos depósitos de reciclagem, com registro das informações em diário de campo; na segunda etapa, foram realizadas entrevistas individuais; e na terceira etapa foi utilizada a metodologia Fotovoz, com produção de fotografias pelos próprios trabalhadores, seguida de reflexão coletiva sobre as imagens produzidas.

5.4.1. Primeira etapa: observação

A observação e seu registro escrito (diário de campo) visam captar informações e fatos que fogem aos roteiros de coleta de dados. Segundo Minayo (2004), no diário de campo irão constar todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais; ou seja, observações sobre o

ambiente, conversas espontâneas, comportamentos, ocasiões particulares, gestos ou expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Na abordagem qualitativa, a fala, os comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro de representações sociais (MINAYO, 2004).

Na etapa de observação desenvolvida na presente pesquisa, o intuito principal foi promover um “quebra-gelo”, realizado por meio da observação dos catadores no processo de venda dos materiais recicláveis e de conversa informal com os mesmos, permitindo uma imersão no ambiente de trabalho e no contexto científico-investigativo.

O período de observação foi desenvolvido ao longo de aproximadamente um mês de trabalho de campo (maio de 2013). Após a primeira semana de contato social, os catadores foram abordados na medida em que um maior espaço inter-relacional foi construído. Nesta etapa da pesquisa, não foi utilizado um roteiro com perguntas detalhadas sobre o que observar. Porém, alguns aspectos gerais direcionaram tal observação (os instrumentos e objetos de trabalho dos catadores, a interação social entre os mesmos, a relação ente catador e empresa intermediária e as cargas de trabalho e desgastes da saúde visíveis ou expressos), sem, contudo, impedir um processo indutivo, em que novas questões emergiam da riqueza do trabalho de campo.

As informações captadas durante a observação foram registradas em diário de campo, seja durante a estadia no local de estudo, seja após o amadurecimento da experiência ali desenvolvida, ao final do dia. Destaca-se que tais registros não foram utilizados como notas do pesquisador a serem inseridas diretamente nos resultados da pesquisa, o que pode ocorrer em estudos etnográficos. Tais registros tiveram o objetivo único de contribuir na análise dos dados em termos de reflexão, enriquecendo a discussão sobre o fenômeno estudado.

A observação efetuada foi do tipo “Observador-como-Participante”, segundo a classificação proposta por Minayo (2004, p.142), ou seja, uma estratégia empregada quando o pesquisador não possui o intuito de imergir naquele contexto por um período extenso, atuando como um “nativo”, ou mesmo de omitir sua presença enquanto observador. O objetivo consiste em deixar claro que se trata de uma pesquisa, de caráter temporário, com objetivos específicos, buscando construir, contudo, uma relação além dos interesses do pesquisador, permitindo uma interlocução mais fluida e de troca de experiências.

Destaca-se ainda que a observação e os registros em diário de campo não se limitaram apenas ao período destinado à observação estrita. Este exercício foi desenvolvido ao longo de todo o trabalho de campo, também durante o desenvolvimento das demais etapas da pesquisa e sempre que o pesquisador apresentou a necessidade de registrar notas e reflexões.

5.4.2. Segunda etapa: entrevistas individuais

Após a fase de observação e interação inicial com os catadores, os mesmos foram, aos poucos, sendo convidados a participar da próxima etapa, que consistiu na realização de entrevistas individuais semi-estruturadas visando compreender as condições de trabalho dos catadores e suas implicações na saúde. Participaram das entrevistas individuais 23 catadores de materiais recicláveis autônomos, sendo 16 homens e sete mulheres.

A entrevista semi-estruturada é realizada com base em uma estrutura flexível, com questões abertas que revelam a área a ser explorada, pelo menos inicialmente, para então prosseguir com uma idéia ou resposta mais detalhada (POPE; MAYS, 2009). Esse tipo de entrevista permite outras manifestações dos entrevistados durante o processo narrativo, possibilitando o surgimento de outras questões que podem não estar contempladas no roteiro. Além disso, o pesquisador, no processo do trabalho de campo, vincula-se com os participantes da pesquisa utilizando uma linguagem clara aos mesmos, sendo importante, durante a entrevista, adaptar as perguntas escritas, para transmiti-las verbalmente utilizando um vocabulário próprio dos pesquisados (POPE; MAYS, 2009).

Com o uso de um roteiro semi-estruturado (Apêndice A) e de um gravador de áudio para o registro das informações, foram realizadas entrevistas em um espaço cedido pela empresa, em uma área reservada e externa ao prédio principal da mesma, o que permitiu maior privacidade aos catadores e ao pesquisador no momento do diálogo. O espaço específico foi selecionado considerando também que o local de trabalho dos catadores é a rua, ambiente que poderia causar interferências no momento da abordagem, como alterações na gravação de áudio ou desconforto para o entrevistador e o entrevistado.

O roteiro elaborado para esta etapa do estudo foi construído com base no referencial teórico adotado (materialismo histórico no estudo da saúde dos trabalhadores), nas informações sobre a temática identificadas na literatura científica e nos objetivos da pesquisa. O roteiro construído foi apreciado por três pesquisadores da área da Saúde do Trabalhador, que fizeram importantes colaborações, contribuindo para o alcance dos objetivos propostos e para o enriquecimento dos dados.

Após as entrevistas, esses trabalhadores foram convidados a participar da terceira etapa da pesquisa: a Fotovoz.

5.4.3. Terceira etapa: Fotovoz

A Fotovoz é uma metodologia a partir da qual pessoas podem identificar, representar e refletir sobre um determinado fenômeno, possibilitando a expansão desta reflexão também para seu entorno coletivo ou grupo social (WANG; BURRIS, 1997). Sua operacionalização consiste basicamente em fornecer câmeras fotográficas aos participantes da pesquisa, lançando uma pergunta problematizadora e dando liberdade aos mesmos para expressarem suas subjetividades e singularidades através de imagens. Posteriormente, esses participantes apresentam suas fotos e discutem seus significados junto a outros companheiros, possibilitando o exercício crítico e a troca de experiências, o que resulta em transformações positivas para o próprio grupo ou comunidade (WANG; BURRIS, 1997).

A Fotovoz foi desenvolvida por pesquisadoras Norte-Americanas, a partir de referenciais teóricos específicos, sendo eles a fotografia documental, as teorias feministas e a educação para uma consciência crítica, arcabouço teórico proposto por Paulo Freire. Segundo as autoras, esta metodologia pode ser uma ferramenta poderosa não apenas para os estudos de gênero, com especial atenção ao universo feminino, mas também para a investigação do universo dos trabalhadores, bem como de grupos socialmente estigmatizados, sendo uma ferramenta emancipatória (WANG; BURRIS, 1997).

A operacionalização da Fotovoz foi realizada seguindo as recomendações de Wang e Burris (1997):

1. Convite aos participantes, explicando os objetivos da pesquisa, as questões norteadoras, as implicações éticas e demais esclarecimentos;

2. A fase do treinamento, na qual o pesquisador fornece as câmeras e dá dicas de como utilizá-las, sanando dúvidas sem, contudo, limitar a liberdade dos participantes no momento da produção fotográfica;

3. Realização das fotografias pelos próprios participantes, a partir de uma questão ou tema norteador;

4. Revelação das fotos e devolutiva aos participantes, conhecendo o material produzido. Eles podem desejar cópias das imagens, o que pode ser fornecido pelos pesquisadores em acordo previamente estabelecido;

5. Elaboração dos grupos de discussão, nos quais os participantes apresentam suas fotografias, atuando como catalisadoras de temas de reflexão e expressão de vivências e subjetividades.

Nos grupos de discussão, os participantes foram orientados a desenvolver as seguintes ações (WANG; BURRIS, 1997):

1. Selecionar: escolher as fotografias que mais refletem as necessidades e recursos da comunidade ou grupo em que se inserem.

2. Contextualizar: discutir ou contar histórias e experiências relacionadas aos significados das fotografias.

3. Codificar: identificar as questões, temas ou teorias que emergem desse processo de discussão.

Entre os 23 catadores que participaram das entrevistas individuais, 10 deles aceitaram participar da Fotovoz, sendo seis homens e quatro mulheres. O principal motivo de recusa, apontado pelos próprios trabalhadores, foi a impossibilidade de tempo para a realização das fotografias e participação no grupo de discussão. Consideramos que o manejo das câmeras, principalmente para aqueles que não tinham familiaridade com as mesmas, possa ter influenciado na não adesão a esta etapa da pesquisa, embora tenha ocorrido esforço por parte dos pesquisadores em fornecer dispositivos de fácil uso e informações práticas para sua utilização. Ainda assim, consideramos que a participação dos demais contribuiu sobremaneira para o enriquecimento do estudo, no qual o

número de participantes se tornou menos importante frente à profundidade dos resultados produzidos.

O convite para a participação na Fotovoz foi realizado individualmente, visto que os catadores procuravam os depósitos de venda em horários e dias distintos, situação que impediu um encontro coletivo. As perguntas propostas aos catadores, no sentido de direcionarem as fotografias, foram as seguintes:

- Como é o cotidiano de trabalho do(a) catador(a) de materiais recicláveis?

- Existe algo no seu trabalho que traz risco para a sua saúde/segurança ou que te leva a sofrer um acidente de trabalho ou ficar doente?

Estas questões foram apresentadas verbalmente a cada catador, discutindo as possíveis dúvidas ou necessidade de esclarecimentos. Posteriormente, cada um deles recebeu uma câmera fotográfica analógica, descartável, com possibilidade de produção máxima de 24 fotos, de uso menos complexo do que as digitais, e com apenas dois dispositivos a serem manejados: o botão para movimentação interna do filme, a ser acionado antes de cada foto tirada, e o botão para efetuar a fotografia. Aos catadores foi permitida a produção de duas fotos no momento do treinamento individual, visando sanar as inseguranças quanto ao manejo da câmera. Para cada tema (duas questões), foi estabelecido um mínimo de cinco fotos e um máximo de 10 fotos a serem produzidas, sendo que duas fotos poderiam ser realizadas a partir de um tema de livre escolha do participante.

Imediatamente após os dois esclarecimentos verbais (questões norteadoras e uso das câmeras), foi entregue a cada catador um roteiro de orientação para realização das fotografias (Apêndice B), buscando recordar as perguntas norteadoras e as formas de manejo da câmera, com dicas de uso. Buscou-se uma escrita clara, simples e de fácil entendimento. Este roteiro foi lido junto a cada participante, visando sanar dúvidas imediatas. Aos catadores foi fornecido o prazo máximo de três dias para efetuarem as fotos, sendo que a pesquisadora permaneceu no depósito em todos os dias subsequentes, no período da tarde, visando receber as câmeras.

Entre os dez participantes da Fotovoz que receberam tal roteiro, uma trabalhadora relatou dificuldades de leitura e escrita; porém, considerando que a mesma referiu morar com o filho alfabetizado, que poderia auxiliá-la na leitura do roteiro de orientação caso houvesse maiores

dúvidas, a mesma foi mantida como participante da pesquisa. Ela também foi orientada a buscar auxílio da pesquisadora no local do estudo, caso necessitasse de maiores esclarecimentos.

Após o recebimento das câmeras, as mesmas foram encaminhadas a um serviço especializado para revelação das fotos. O número de fotografias produzidas por cada catador oscilou entre 10 e 22 imagens.

As fotografias individuais, após serem reveladas, foram entregues a cada catador, para serem observadas previamente à realização do grupo de discussão. Os mesmos foram convidados a selecionarem as suas fotos mais importantes (ou agruparem as que fossem semelhantes), visando reduzir o corpo de imagens no momento dos diálogos coletivos, permitindo que todos tivessem espaço para expressão.

Destaca-se que nenhum dos trabalhadores solicitou cópias de todas as fotos, embora tal possibilidade tenha sido oferecida. Apenas dois deles decidiram obter algumas fotos de seu interesse, sendo elas fornecidas gratuitamente pela pesquisadora.

Na sequência, foram efetuados dois grupos de discussão com cinco participantes em cada um deles (três homens e duas mulheres), visando permitir o diálogo e a troca de experiências. Inicialmente, houve a tentativa de realizar os grupos separando-os por gênero (homens e mulheres). Entretanto, as dificuldades persistentes de conciliar uma data específica para tal realização (considerando que cada catador tem seu horário e espaço de trabalho) culminou na formação de grupos mistos. Apesar dessa conformação, houve um cuidado especial em buscar, no momento da realização dos grupos, a participação de todos os membros, sem que houvesse uma sobreposição da fala entre homens e mulheres. Destaca-se ainda que o presente estudo não teve como propósito estudar as diferenças de gênero no trabalho da reciclagem informal, sendo esse um importante objeto de pesquisas futuras.

Quanto aos recursos logísticos e materiais, os grupos foram realizados em um local desvinculado à empresa, em sala ampla, confortável, isenta de ruídos, com cadeiras e uma televisão de tela ampla para a exposição das fotografias. Também foram utilizados dois dispositivos para gravação de áudio (Gravador Panasonic RR-US300 e um celular Samsung Galaxy Win Duos), com o objetivo de captar os depoimentos dos participantes durante a discussão das fotos, com posterior transcrição dos mesmos.

Aos catadores foi fornecida a possibilidade de transporte ida/retorno via automóvel, sendo que alguns optaram por tal auxílio, enquanto outros preferiram utilizar sua própria locomoção. Para estes, foi oferecido auxílio financeiro visando custear o combustível (no valor de 20 reais).

Cada grupo de discussão, composto por cinco participantes, teve duração média de 1 hora e 30 minutos. Os temas de discussão foram conduzidos pela pesquisadora principal, com ajuda de uma auxiliar de pesquisa que efetuou alguns registros de observação e perguntas norteadoras, visando estimular todos os trabalhadores à efetiva participação no grupo. Duas reuniões prévias foram realizadas entre ambas, visando esclarecer os objetivos da pesquisa, bem como produzir um roteiro geral de direcionamento do grupo (Apêndice C).

O objetivo principal da discussão coletiva foi estimular os catadores a expressarem suas opiniões e vivências, tendo como material propulsor as fotografias por eles produzidas, em um movimento que desse maior autonomia e voz aos trabalhadores no momento dos diálogos. O roteiro serviu apenas como estruturação das etapas gerais do grupo e como um registro de possíveis questões que poderiam ser lançadas no momento da discussão, principalmente algumas não sanadas durante as entrevistas individuais, sem prejudicar a fluidez das discussões desenvolvidas pelos participantes.

No início, o intuito era que cada catador apresentasse suas fotografias, um após o outro, com comentários e reflexões do grupo na medida em que cada foto fosse apresentada ou sempre que tal necessidade surgisse. Porém, no momento do convite para o grupo, foi observada timidez nas falas dos catadores, visto que se reuniram sem conhecerem um ao outro. Visando sanar esta barreira, optou-se por elaborar uma sequência aleatória de imagens, dando a cada participante a liberdade de expressar a sua produção fotográfica, sem um caráter de apresentação formal.

Aos participantes foi oferecido um café-da-manhã antes do início da atividade, o que possibilitou também uma interação social entre os mesmos. Após a alocação do grupo em círculo, o conjunto do material fotográfico foi projetado em uma tela, para que todos os participantes, ao mesmo tempo, pudessem visualizar as fotografias.

As perguntas-chave lançadas aos grupos de discussão foram:

- Quem produziu essa foto?
- O que essa foto representa para você?

- Qual a primeira palavra que vem à cabeça quando vocês veem essa imagem?

A partir delas, temas de discussão foram surgindo, relacionados às condições de trabalho e saúde dos catadores. Ao final do grupo, os participantes foram convidados a escolherem fotografias que pudessem sintetizar a discussão desenvolvida, produzindo temas centrais, por meio do diálogo e do consenso. Cada fotografia e tema foram registrados pelas mediadoras do grupo, visando produzir um *corpus* que pudesse direcionar as categorias empíricas.

5.5. Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo por meio do Processo nº 1269/2011 (Anexo A). Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice D) para ser entregue aos participantes da pesquisa. Aos que tinham dificuldades ou não sabiam ler e escrever, foi realizada a leitura do TCLE pela pesquisadora, esclarecendo todos os direitos dos participantes, sendo solicitado ao trabalhador o registro das impressões digitais no documento, caso ele aceitasse participar da pesquisa.

Sobre a realização do registro fotográfico, foi elaborado um Termo de Autorização para Obtenção de Imagens, anexado ao TCLE. Nele, ficou esclarecida a não exposição do rosto de pessoas no momento da divulgação das imagens. Na apresentação dos resultados, os participantes da pesquisa receberam nomes fictícios, visando promover o sigilo e a não identificação dos mesmos. Todas as recomendações contidas nas diretrizes da Resolução CNS 196/96 foram consideradas na elaboração da pesquisa.

5.6. Análise dos dados

Para a interpretação dos dados, foi utilizado o método Hermenêutico-Dialético conforme síntese elaborada por Minayo (2004). A título de elucidação, a Hermenêutica pode ser entendida como a busca de compreensão de sentido que emerge da comunicação entre os seres humanos, enquanto a postura interpretativa dialética busca captar o movimento da ação humana,

considerando-o contraditório, dinâmico, inacabado e em permanente construção (MINAYO, 2004, p. 220).

A junção da hermenêutica com a dialética, segundo Minayo (2004, p.227):

[...] permite que o pesquisador busque entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos frutos de múltiplas determinações mas com significado específico.

Por meio da hermenêutica-dialética, o pesquisador desenvolve o seguinte processo de análise (MINAYO, 2004): 1. Busca do caráter social e histórico do objeto estudado, apresentando suas conexões e determinações fundamentais; 2. Sucessivas aproximações entre os dados levantados e os fundamentos teóricos adotados pelo pesquisador, em um processo crítico e reflexivo contínuo, ou seja, construindo e desconstruindo os dados com base nos dados empíricos e no referencial teórico; 3. Valorização das convergências, divergências e contradições, destacando seus conflitos e movimentos ao redor do objeto de estudo; 4. Por fim, a interpretação dos dados, considerando um quadro de referência mais amplo, procurando ir além do conteúdo manifesto e possibilitando o exercício de práxis do pesquisador.

No que se refere à sua operacionalização, a interpretação hermenêutico-dialética apresenta dois níveis (MINAYO, 2004, p.234):

1. Campo das determinações fundamentais: essa etapa é estabelecida na fase exploratória da pesquisa. Consiste em definir o contexto sócio-histórico do grupo estudado, que está diretamente relacionado ao referencial teórico adotado pelo pesquisador. É neste momento que são estabelecidas as *categorias analíticas*, capazes de desvelar as relações essenciais que envolvem o objeto de estudo.

2. Encontro com os fatos empíricos: neste segundo momento interpretativo, os dados empíricos são sistematizados em *categorias empíricas*, criadas a partir do material resultante do trabalho de campo. Para operacionalizar sua construção, Minayo (2004) estabelece que métodos de análise mais tecnicistas podem ser utilizados no tratamento dos dados, porém, “com a condição de submetê-los a uma superação dialética, isto é, ao conjunto das relações envolvidas” (MINAYO, 2004,

p.234). Por conseguinte, por meio da articulação entre as categorias analíticas e as categorias empíricas, a análise de dados é de fato alcançada, produzindo um material reflexivo-crítico sobre o fenômeno estudado.

Com base na interpretação hermenêutico-dialética, o presente estudo utilizou as seguintes etapas de análise, apresentadas na Figura 6 a seguir.

Figura 6 – Etapas da análise de dados, a partir do método Hermenêutico-Dialético.

Assim sendo, a análise de dados consistiu no:

1. Estabelecimento das categorias analíticas:

A partir do referencial teórico proposto por Laurell e Noriega (1989), foram utilizadas como categorias analíticas o processo de valorização, o processo de trabalho, as cargas de trabalho e o processo de desgaste. As duas primeiras contribuíram no estudo das condições de trabalho do catador, enquanto as duas últimas propiciaram a análise das implicações do trabalho na saúde dos catadores.

2. Construção das categorias empíricas:

As materialidades utilizadas na produção das categorias empíricas foram as fotografias produzidas pelos trabalhadores e suas discussões sobre tais imagens, sendo complementadas pelas entrevistas individuais.

A partir dos dois grupos de discussão realizados na Fotovoz, temas gerais foram produzidos em conjunto com os trabalhadores, sendo eles:

- O cotidiano de trabalho;
- Os instrumentos de trabalho utilizados;
- As dificuldades que enfrentam no trabalho e as formas de gerar maior renda;
- Elementos do trabalho que podem adoecer o trabalhador;
- Problemas de saúde enfrentados.

Em ambos os grupos, os trabalhadores selecionaram as fotos que foram mais representativas de cada tema, compondo as representações visuais das categorias empíricas.

As falas oriundas das discussões coletivas e das entrevistas individuais foram transcritas e inseridas no *Software* Atlas ti 5.2, utilizado para contribuir na organização dos dados. Optou-se pelo uso do *software* apenas com o intuito de substituir o processo “papel e caneta”, facilitando o trabalho técnico na análise dos dados empíricos e possibilitando ao pesquisador o acesso rápido e prático ao panorama de informações. Contudo, os pesquisadores não basearam toda sua análise apenas no uso deste dispositivo, mas buscaram efetivar o salto analítico a partir do referencial teórico adotado, por meio do exercício hermenêutico-dialético.

Para operacionalizar a análise das falas coletivas e individuais dos catadores, foram seguidas as etapas propostas por Minayo (2004, p.234), descritas a seguir:

a) Ordenação dos dados: após a transcrição dos relatos, foi realizada uma leitura primária de todo o material, possibilitando ao pesquisador um panorama horizontal dos achados em campo.

b) Classificação dos dados: após, foi realizada a leitura exaustiva e repetida dos textos, a chamada “leitura flutuante”, visando apreender as estruturas de relevância e as idéias centrais que os catadores tentaram transmitir. O próximo passo consistiu na leitura transversal de cada corpo, recortando cada entrevista ou documento visando à produção de *unidades de registro*, que funcionam como gavetas ou microtemas que vão sendo elaborados pelo pesquisador (por exemplo, “preconceito”, “acidentes de trabalho”, etc.), que foram inseridas dentro dos *temas* produzidos

pelos catadores na Fotovoz. Em cada tema, as fotografias selecionadas funcionaram como representação visual do assunto abordado, enriquecendo a análise dos dados.

3. Análise final ou síntese interpretativa: as etapas anteriores, ainda que perpassem o marco teórico continuamente, têm como foco o material empírico que é o ponto de partida e o ponto de chegada da interpretação. Nessa terceira etapa, a discussão dos dados junto ao referencial teórico foi essencial, na qual um movimento dialético incessante foi desenvolvido entre o teórico e o concreto, entre o particular e o geral. A partir disso, foi possível confrontar as categorias empíricas com as categorias analíticas teoricamente estabelecidas, buscando as relações dialéticas entre ambas (MINAYO, 2004).

A seguir, serão apresentados os resultados do estudo e as reflexões e análises que emergiram neste processo, visando buscar a compreensão do tema proposto.

6

RESULTADOS E DISCUSSÃO

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. Caracterização dos participantes do estudo

Os dados apresentados a seguir têm por finalidade descrever algumas características sociodemográficas e ocupacionais dos trabalhadores participantes desse estudo. O Quadro 3 mostra os dados sociodemográficos obtidos.

Nº	NOME (FICTÍCIO)	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	CIDADE DE ORIGEM	MORADIA	DEPENDENTES FINANCEIROS
1	Ana	64 anos	Solteira	Nunca estudou/ Analfabeta	Pontal – SP	Imóvel alugado	Uma pessoa (filho)
2	Antônio	29 anos	Amasiado	Ensino fundamental completo	Belo Horizonte – MG	Imóvel alugado	Duas pessoas (companheira e uma filha)
3	Carlos	59 anos	Casado	Ensino fundamental incompleto	Ituverava – SP	Imóvel próprio	Duas pessoas (companheira e um filho)
4	Cecílio	26 anos	Solteiro	Ensino fundamental completo	Ribeirão Preto – SP	Imóvel alugado	Sem dependentes
5	Edson	60 anos	Viúvo	Ensino fundamental incompleto	Quirinópolis - GO	Imóvel próprio	Uma pessoa (filho)
6	Francisco	37 anos	Casado	Ensino fundamental completo	Três Passos – RS	Imóvel alugado	Duas pessoas (companheira e um filho)
7	Hélio	62 anos	Separado	Ensino fundamental incompleto	Altinópolis – SP	Imóvel alugado	Sem dependentes
8	Jackson	23 anos	Solteiro	Ensino fundamental completo	Divinópolis – MG	Imóvel próprio	Duas pessoas (companheira e um filho)
9	João	66 anos	Solteiro	Ensino fundamental incompleto	Batatais – SP	Imóvel alugado	Sem dependentes
10	Jonas	49 anos	Separado	Ensino fundamental incompleto/ Analfabeto	Taquaritinga – SP	Imóvel alugado	Sem dependentes
11	José	41 anos	Solteiro	Nunca estudou/ Analfabeto	Ribeirão Preto – SP	Imóvel próprio	Uma pessoa (mãe)
12	Luiz	55 anos	Amasiado	Ensino fundamental incompleto	Guaxupé – MG	Imóvel alugado	Quatro pessoas (companheira e três filhos)
13	Mara	39 anos	Solteira	Ensino fundamental incompleto	Batatais – SP	Imóvel alugado	Sem dependentes
14	Márcio	48 anos	Solteiro	Ensino fundamental incompleto	Santa Maria – RS	Imóvel alugado	Sem dependentes

15	Marcos	54 anos	Viúvo	Ensino fundamental incompleto	São José do Egito – PE	Imóvel próprio	Duas pessoas (filhos)
16	Maria Aparecida	47 anos	Amasiada	Ensino fundamental completo	São Paulo – SP	Imóvel próprio	Sem dependentes
17	Paulo	51 anos	Solteiro	Nunca estudou/ Analfabeto	São Sebastião do Paraíso - MG	Terreno invadido	Uma pessoa (irmã)
18	Pedro	74 anos	Casado	Ensino fundamental incompleto	Ribeirão Preto – SP	Imóvel próprio	Duas pessoas (companheira e um filho)
19	Samuel	60 anos	Casado	Ensino fundamental incompleto	Ribeirão Preto – SP.	Imóvel próprio	Três pessoas (companheira e dois filhos)
20	Sandra	57 anos	Amasiada	Ensino fundamental incompleto	Passos – MG	Imóvel próprio	Uma pessoa (companheiro)
21	Sara	54 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	São Paulo – SP	Imóvel próprio	Três pessoas (companheiro e dois filhos)
22	Simone	45 anos	Amasiada	Ensino fundamental incompleto	São Tomás de Aquino – MG	Terreno invadido	Duas pessoas (companheiro e uma neta)
23	Telma	30 anos	Solteira	Ensino médio incompleto	Ituiutaba – MG	Imóvel alugado	Sem dependentes

Quadro 3 - Dados sociodemográficos dos catadores de materiais recicláveis entrevistados.

Os participantes do estudo tinham idades entre 23 e 74 anos, sendo três catadores com idades entre 20 e 29 anos, seis catadores com 60 anos ou mais e 14 catadores com idades entre 30 e 59 anos. Estudo realizado pelo IPEA (2013) identificou que cerca da metade dos catadores no Brasil possuem idades entre 30 e 49 anos. Estudos realizados por Ortíz (2002), Medeiros e Macedo (2006), Bosi (2008) e Kirchner, Saidelles e Stumm (2009) identificaram também a presença de idosos atuando na reciclagem informal.

Quanto ao estado civil, nove participantes se declararam solteiros, cinco casados, cinco amasiados, dois separados e dois viúvos. Do total, oito catadores referiram não possuir dependentes financeiros e a maioria dos catadores (15 deles) relatou ter ao menos um dependente. Estes dados mostram que a renda obtida com o trabalho da reciclagem informal tem sido utilizada não só para sustento individual, mas também para o suporte das famílias desses trabalhadores (IPEA, 2013).

Quanto à moradia, 11 trabalhadores referiram viver em casas alugadas, 10 trabalhadores em casas próprias e dois catadores em casas construídas em um local abandonado devido à impossibilidade de pagar o aluguel de um imóvel. As dificuldades habitacionais enfrentadas pelos catadores também foram descritas em outros estudos, identificando-se que, entre os catadores, a

questão da habitação envolve a falta de saneamento básico e as estruturas precárias (PORTO et al., 2004; ALENCAR; CARDOSO; ANTUNES, 2009; BORTOLI, 2009; IPEA, 2013).

Apenas quatro catadores declararam procedência de Ribeirão Preto – SP, local onde trabalham atualmente. Os demais (19 catadores) vieram de cidades da região de Ribeirão Preto ou de outros estados do país. A relação entre migração e reciclagem informal também foi identificada em pesquisas realizadas por Medina (1999), Ortíz (2002), Ferreira (2005) e Herédia e Santos (2007), uma vez que muitos trabalhadores, ao partirem para outras cidades em busca de melhores condições de vida, estando sob precária situação financeira e baixo nível educacional, tendem a adotar ocupações dentro do setor informal da economia (MEDINA, 1999).

Com relação à escolaridade, dos 23 participantes do estudo, 15 deles referiram ter o ensino fundamental incompleto, sendo que três catadores relataram nunca ter estudado ou frequentado escolas. Apenas cinco trabalhadores obtiveram a conclusão do ensino fundamental. Além disso, do total de participantes, quatro se declararam analfabetos. Estes dados confluem com os de outras pesquisas, que mostram que muitos catadores possuem baixa escolaridade e não sabem ler e escrever (PORTO et al., 2004; MEDEIROS; MACEDO, 2006; SILVA; LIMA, 2007; ROZMAN et al., 2008; ROZMAN et al., 2010; IPEA, 2013).

A seguir (Quadro 4) são descritos alguns dados ocupacionais dos participantes do estudo, visando traçar um perfil geral do histórico laboral e das atuais condições de trabalho dos catadores entrevistados.

Nº	NOME (FICTÍCIO)	HISTÓRICO LABORAL	TRABALHO(S) ATUAL(AIS)	TEMPO DE TRABALHO NA RECICLAGEM	CARGA HORÁRIA LABORAL (RECICLAGEM)	RENDA MENSAL (RECICLAGEM)
1	Ana	Lavrador (plantação de café e cana-de-açúcar)	Catadora de material reciclável, aposentada	5 anos	2-4 horas por dia, 2-3 dias por semana	R\$150,00 a R\$300,00*
2	Antônio	Construção civil (servente de pedreiro), serviços gerais	Catador de material reciclável, carroto	10 anos	8 horas por dia, 6 dias por semana	R\$1500,00
3	Carlos	Trabalhador rural (lavrador)	Catador de material reciclável, atendente de enfermagem	3 anos	1-2 horas por dia, 2 dias por semana	R\$160,00 a R\$200,00
4	Cecílio	Construção civil (servente de pedreiro), ajudante de eletricista, auxiliar de depósito de reciclagem	Catador de material reciclável, carregador	4 anos	2-3 horas por dia, 5 dias por semana	R\$200,00 a R\$300,00

5	Edson	Cortador de cana-de-açúcar, garçom	Catador de material reciclável	5 anos	8 horas por dia, 5 dias por semana	R\$600,00 a R\$800,00
6	Francisco	Operador de máquina em construtora, pintor, garçom	Catador de material reciclável, pintor, carreto	3 anos	12 horas por dia, 6 dias por semana	R\$2000,00 a R\$2500,00
7	Hélio	Trabalhador rural (lavrador), vigilante patrimonial	Catador de material reciclável, faxineiro	9 anos	7-8 horas por dia, 5 dias por semana	R\$850,00
8	Jackson	Carregador de caminhão, auxiliar de serviços em mecânica	Catador de material reciclável, vigia de carros	15 anos	3 horas por dia, 2-5 dias por semana	R\$150,00 a R\$200,00
9	João	Construção civil (servente de pedreiro), carregador de caminhão, faxineiro, serviços gerais	Catador de material reciclável, faxineiro	20 anos	2-3 horas por dia, 5 dias por semana	R\$500,00 a R\$600,00
10	Jonas	Trabalhador rural (lavrador, tratorista)	Catador de material reciclável	5 anos	5-6 horas por dia, 6-7 dias por semana	R\$600,00 a R\$700,00
11	José	Trabalhador rural (lavrador), auxiliar de loja	Catador de material reciclável, carreto	5 anos	7 horas por dia, 5 dias por semana	R\$1000,00
12	Luiz	Construção civil (servente de pedreiro), vigia, leiteiro, coletor de lixo	Catador de material reciclável, aposentado	3 anos	8 horas por dia, 6 dias por semana	R\$350,00
13	Mara	Ajudante de cozinha, empregada doméstica, panfleteira	Catadora de material reciclável, empregada doméstica	7 anos	1-2 horas por dia, 5 dias por semana	R\$80,00 a R\$100,00
14	Márcio	Músico, jardineiro, auxiliar de depósito, auxiliar de caixa, tratorista, trabalhador rural (lavrador)	Catador de material reciclável	5 anos	7 horas por dia, 6 dias por semana	R\$900,00
15	Marcos	Construção civil (servente de pedreiro)	Catador de material reciclável, vigia	15 anos	2-3 horas por dia, 6 dias por semana	R\$150,00 a R\$350,00
16	Maria Aparecida	Auxiliar de dentista, vendedora em loja de calçados	Catadora de material reciclável, auxiliar de serviços em uma loja	8 anos	2 horas por dia, 5 dias por semana	R\$200,00 a R\$300,00
17	Paulo	Trabalhador rural (lavrador), cortador de cana	Catador de material reciclável, jardineiro	15 anos	4-5 horas por dia, 5 dias por semana	R\$500,00 a R\$600,00
18	Pedro	Segurança, varredor de rua	Catador de material reciclável, aposentado	10 anos	6 horas por dia, 4 dias por semana	R\$250,00
19	Samuel	Trabalhador rural (lavrador), serviços gerais, construção civil (pedreiro e pintor)	Catador de material reciclável, aposentado	7 anos	8 horas por dia, 6 dias por semana	R\$600,00 a R\$700,00
20	Sandra	Auxiliar de terapia ocupacional, sorveteira	Catadora de material reciclável, empregada doméstica	3 anos	8 horas por dia, 6 dias por semana	R\$700,00 a R\$800,00
21	Sara	Empregada doméstica, repositora de supermercado	Catadora de material reciclável, passageira	7 anos	8 horas por dia, 6 dias por semana	R\$500,00 a R\$600,00
22	Simone	Camareira	Catadora de material reciclável, vendedora de roupas usadas	10 anos	5-7 horas por dia, 5 dias por semana	R\$400,00

23	Telma	Cozinheira, empregada doméstica, manicure	Catadora de material reciclável, manicure	5 anos	2-3 horas por dia, 5 dias por semana	R\$150,00 a R\$200,00
----	-------	---	---	--------	--------------------------------------	-----------------------

* R\$ (reais).

Quadro 4 - Dados ocupacionais dos catadores de materiais recicláveis entrevistados.

Como histórico laboral, predominou entre os homens uma atuação prévia na construção civil (pedreiro, servente de pedreiro, pintor, carregador/descarregador de materiais), no trabalho rural (lavrador, tratorista, cortador de cana-de-açúcar), nos serviços gerais (comércio, mecânicas), e nas atividades de vigia, garçom, coletor de lixo e varredor de rua. Entre as mulheres, as ocupações prévias à reciclagem consistiram nas atividades de empregada doméstica, manicure, camareira, panfleteira, cozinheira, ajudante de cozinha, vendedora, auxiliar de dentista, auxiliar de terapia ocupacional, repositora de supermercado e sorveteira.

Estudos realizados por Leal et al. (2002), Porto et al. (2004), Martins (2005), Cavalcante e Franco (2007) e Ballesteros et al. (2008) trazem dados semelhantes, mostrando que entre os catadores predominam-se atividades relacionadas à construção civil, agricultura, serviços gerais e trabalho doméstico, representando trabalhos sem reconhecimento social (MACIEL et al., 2011).

Como atividade atual, apenas três dos 23 catadores referiram dedicar-se exclusivamente à reciclagem informal. Quatro trabalhadores relataram conciliar a aposentadoria com a renda obtida pela reciclagem, visando complementar a renda. Os demais (16 catadores) agregam a reciclagem a outras atividades laborais, sendo que entre os homens se destacam as atividades de vigia, atendente de enfermagem, pintor, transportador (carreto), faxineiro e jardineiro, e entre as mulheres, atividades como empregada doméstica, passadeira, manicure, vendedora de roupas usadas e auxiliar de serviços.

Pochmann (2001) afirma que a baixa renda adquirida a partir do trabalho precarizado exige que os trabalhadores optem por dois empregos e que os aposentados retornem às atividades laborais. Outros estudos (FERREIRA, 2005; SOUZA; MENDES, 2006; BOSI, 2008; KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009) também relataram que homens e mulheres adotam a coleta de recicláveis como fonte de sobrevivência ou única alternativa para geração de renda, enquanto outros visam obter uma renda complementar.

O tempo de atuação como catador oscilou entre três e 20 anos, com predomínio entre três a sete anos de atuação. A carga horária de trabalho dos catadores variou entre duas horas até 12 horas por dia, com predomínio de sete a oito horas diárias de trabalho, de cinco a seis dias por semana. Observou-se ainda uma variedade quanto à rotina laboral dos catadores em relação à carga horária de trabalho, sendo esta vinculada às necessidades financeiras de cada trabalhador.

A renda obtida a partir da coleta de recicláveis também sofre variação, oscilando entre R\$80,00 e R\$2.500,00 (reais) por mês, com predomínio da renda em torno de R\$500,00 a R\$700,00 (reais) mensais. Esses dados corroboram com resultados de outros estudos (FERREIRA, 2005; SILVA; LIMA, 2007; BOSI, 2008; ROZMAN et al., 2008; KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009; ROZMAN et al., 2010) os quais identificaram que a renda mensal de grande parte dos catadores não ultrapassa um salário mínimo ⁵. Além disso, a renda individual não é fixa, visto que os catadores dependem da quantidade e da qualidade dos materiais coletados, bem como dos preços de venda definidos pelos intermediários no interior da cadeia de reciclagem (BOSI, 2008; IPEA, 2013).

6.2. Análise Qualitativa

Os resultados dos dados obtidos estão descritos e analisados em torno de quatro categorias temáticas: 1. Condição do catador no interior da cadeia produtiva; 2. Cotidiano de trabalho: “o catador se vira como pode”; 3. Cargas de trabalho: manifestações da precarização laboral; 4. Do trabalho ao desgaste da saúde. Cada categoria temática foi elaborada visando responder, respectivamente, aos quatro objetivos específicos propostos nesta pesquisa.

Dentro de cada categoria temática, foram produzidas subcategorias analíticas com o objetivo de desenvolver de forma específica cada tema construído pelos trabalhadores participantes do estudo, a partir da análise hermenêutico-dialética. A Figura 7 a seguir ilustra tais categorias e subcategorias.

⁵ O salário mínimo nacional, em 1 de janeiro de 2013, foi de R\$678,00 (reais) (BRASIL, 2013).

Figura 7 – Categorias e subcategorias desenvolvidas a partir da análise dos dados.

6.2.1. Condição do catador no interior da cadeia produtiva

Para Laurell e Noriega (1989), a compreensão do processo de valorização do capital, que condiciona a conformação concreta do processo de trabalho, é o primeiro passo analítico para o entendimento das formas de adoecer dos trabalhadores ou do desgaste da saúde por eles vivenciado. Assim, torna-se importante resgatar o questionamento central que nos remete à compreensão do processo de valorização: “Quais são as estratégias empregadas pelo capital, em um momento histórico específico, para extrair mais-valia dentro do processo de trabalho estudado?” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.105).

Com a participação dos trabalhadores, tal questão pôde ser compreendida a partir da identificação de três condicionantes principais: a transição dos desempregados, com trajetórias laborais precárias, para o universo da reciclagem informal; a inserção desigual do catador no interior deste circuito produtivo; e a utilização de sua força de trabalho na transformação do lixo em mercadoria. Tais questões serão desenvolvidas a seguir.

6.2.1.1. Trabalhadores descartados: desemprego e histórico laboral precário

A falta de emprego foi o principal motivo descrito para a inserção do trabalhador na reciclagem informal, considerada a única alternativa para a sobrevivência, conforme os relatos apresentados a seguir.

Eu não conseguia arrumar emprego como registrado, tava muito difícil né! Tava desempregado, e fui então trabalhar como catador, catando sozinho. Assim eu consegui me virar. Mas sem registro não presta... (Paulo).

(...) A gente tem que sobreviver disso, né? Tem pouca proposta de emprego que aparece (Cecílio).

Eu perdi meu emprego final de ano, sabe? Aí eu falei: “eu não vou ficar parada que eu não posso, eu vou me virar de um jeito ou de outro”, entendeu? Aí tinha meus amigo, minhas amiga que catava. Aí nós alugamo um carrinho pra mim, aí eu comecei... (Telma).

Quando a gente veio pra cá e começou e tal, e o dinheiro não tava dando, e eu não conseguia trabalhar, aí eu pensei assim, eu vou catar latinha. (...) Então a maioria que faz isso são pessoas que estão sem emprego, são pessoas que precisa de ganhar um troco e a única saída que eles têm é essa daí (Sandra).

Eu era vendedor de vale transporte. Aí eu comprei a carretinha e a bicicleta, porque eu não podia ficar parado, porque eu tinha minha ex-mulher, o meu filho... Então eu comecei a catar papelão porque eu tava sem dinheiro, desempregado... (Edson).

Eu vim pra cá e arrumei um serviço de camareira. Aí fiquei, trabalhei dois ano lá, saí e fui trabalhar disso aí. Nós, aliás, nós fomos todo mundo mandado embora, parece que o hotel ia fechar (...) Aí eu peguei, não tinha outra opção, então eu fui catar papelão (Simone).

Se no atual mundo do trabalho a precarização laboral e o desemprego têm alcançado os trabalhadores jovens e com elevado nível educacional (COSTA, 2010), tais condições se intensificam entre aqueles que não têm acesso à educação formal ou que já se encontram fora dessa faixa etária, como é o caso da parcela significativa dos catadores (IPEA, 2013). Assim, os trabalhadores entrevistados vincularam sua situação de desemprego à idade avançada e ao baixo nível educacional, circunstâncias que, segundo eles, dificultaram sua inserção no mercado formal de trabalho.

No caso meu, por exemplo, eu não posso trabalhar com carteira assinada mais. Serviço temporário é difícil, por causa da idade também. Eles querem pessoa mais jovem, é complicado (Luiz).

Que nem, eu não estudei, quer dizer que eu não tive tempo de estudar pra mim poder hoje ter um ganho maior (Ana).

Sou de São José do Egito, Pernambuco, no cantinho do mapa (...) Mas eu tinha a ilusão que o estado de São Paulo é melhor, e no fim é ilusão, se não trabalhar é ilusão. Então eu cheguei aqui e eu não trabalho tão assim porque a gente tem pouco estudo né, e porque quando chega a idade, a gente é ruim pra voltar. Passou dos quarenta anos pra cima, nós já num pega mais. Eu acho isso uma discriminação, porque tem muita gente aí de quarenta anos que tá forte pra trabalhar (Marcos).

Antunes (2011) salienta que o mundo do trabalho tem vivenciado o descarte de uma parcela significativa de trabalhadores, resultando no crescimento dos trabalhos parciais, informais e precarizados em decorrência do aumento das taxas de desemprego. Assim, a eliminação e a reutilização da força de trabalho ou desses “resíduos da produção” (ANTUNES, 2011, p. 407) se dá com a inserção desses trabalhadores na informalidade, como é o caso dos catadores.

Bosi (2008) destaca que não são apenas a formação escolar insuficiente ou o envelhecimento que resultam na falta de emprego estável. Para o autor, tal situação também ocorre quando o trabalhador enfrenta a “(...) perda parcial e acidental da capacidade física para ser empregado” (BOSI, 2008, p. 106). Por conseguinte, entre os catadores entrevistados, os históricos laborais apontaram relatos de casos de adoecimento e acidentes de trabalho que resultaram na demissão do trabalhador, o que culminou na busca da coleta de recicláveis como fonte de sustento.

Eu entrei lá como ajudante de cozinha. E eu saí de lá porque eu caí de moto, tava em horário de serviço. Mas aí, como demora pra cicatrizar e tudo, de repente ele mandou eu ir lá e o patrão me mandou embora. Aí eu continuei trabalhando, fazendo faxina, entregando panfleto, e depois fui mexer com reciclagem (Mara).

Já trabalhei de repositora de supermercado, e o que levou foi devido a eu ter ficado doente com síndrome do pânico e depressão na época. Meu marido tinha 35 anos de trabalho, então ele jogou tudo pro alto pra poder cuidar de mim. Ele perdeu todos os direitos, ele perdeu os anos de aposentadoria! Então a gente começou naquela carriolinha (Sara).

Na identificação das atividades laborais executadas pelos trabalhadores antes da reciclagem informal, foi constatado o enfrentamento de dificuldades e formas de precarização laboral prévias, manifestadas pelas extensas jornadas de trabalho, conflitos hierárquicos e, principalmente, baixos salários, insuficientes para o sustento dos dependentes, queixa também presente entre aqueles que já eram aposentados. Com isso, eles optaram pela atividade da coleta de recicláveis como um modo de obter maior renda, representando, porém, sua manutenção em um mundo do trabalho precarizado.

É que eu mexia muito com obra sabe? Mexer com obra é um serviço muito pesado! Você se mata, você trabalha igual um cavalo, pra no fim do mês você

ganhar o quê, 600 real? Aí falei, “não, vou fazer um carrinho, vou mexer com reciclagem que eu ganho mais”. Numa obra eu não vou. É muito serviço pra pouco dinheiro sabia? (José).

Eu trabalhava de garçom. E garçom ganha muito pouco. Era mais sofrido, tinha que trabalhar quatorze horas por dia, de dia e de noite. Então eu fui vendo como era as coisa, fui especulando, e eu vi que dava mais isso aí. Então aí, melhor pegar outro rumo. Aí eu comecei na reciclagem (Francisco).

Foi num hambúrguer, no serviço que eu trabalhava. Eu trabalhava e catava papelão à noite. Aí eu arrumei uma mulher, arrumei um filho logo em seguida. E ganhava pouco, ganhava 350 real, 300 real parece... Aí eu comecei a catar papelão, e pelo lado do papelão eu ganhava bem mais (Antônio).

Eu sou aposentado por invalidez, certo? Só que é um salário mínimo! Quer dizer que sobra muito pouco. É uma luta danada entendeu? Cansativo (Luiz).

Para Marx (1988), em seu tempo, a dinâmica do desenvolvimento tecnológico industrial apresentava como elemento principal o descarte do trabalhador, sem, contudo, eliminar por completo o trabalho vivo, essencial para a produção do capital. Partindo desta concepção marxista, Alves (2007) discute que, considerando a força de trabalho como uma mercadoria, pode-se afirmar que, assim como as mercadorias, a força de trabalho é valorizada ou desvalorizada. Neste sentido, a desvalorização da força de trabalho, sem a sua eliminação, é essencial para a lógica de movimento do capital.

Como principal modo de desvalorizar o trabalho vivo, a força de trabalho é produzida em excesso para estar disponível, a qualquer momento, para o consumo capitalista. Sendo assim:

Cria-se uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva. É uma população excedente e sobrança às necessidades de acumulação do capital, mas que possui uma funcionalidade sistêmica: contribuir para a produção [e reprodução] da acumulação de valor (ALVES, 2007, p.98, grifo nosso).

Situado no contexto atual, esta superpopulação relativa representa os trabalhadores sem carteira de trabalho, autônomos e desempregados. Eles compõem um grupo de homens e mulheres que vivem em situação de precariedade social, cultivando ambições e sonhos de inserção em um

mercado de trabalho “estável” (ALVES, 2007; ANTUNES, 2011). Essa superpopulação relativa tornou-se maior após a crise estrutural do capital, a partir da qual o lumpemproletariado ⁶ antigo aumentou também sua constituição, situações decorrentes da chegada de novos trabalhadores oriundos do desemprego e de outras formas de precarização do trabalho. Sobre isso, Alves (2007, p.102) relata que:

[...] na medida em que se altera a composição orgânica do capital, ou seja, incrementa-se a produtividade do trabalho, com as empresas absorvendo menos trabalhadores, a incorporação relativa dos desempregados tende a diminuir em períodos de crescimento da economia capitalista. Para uma parcela crescente da força de trabalho não-ocupada, “tempo de parada” se inverteu em “parada do tempo”. Na época da crise estrutural do capital, não existem mais ciclos de negócios capazes de absorver o imenso contingente de desempregados. São poucos os que se incluem no tempo de parada. E tende a crescer os proletários sobrantes e redundantes na sociedade do capital.

Essa situação manifesta-se, entre outros espaços, na cadeia produtiva da reciclagem. Ainda assim, contraditoriamente, os catadores não se encontram excluídos do mercado de trabalho. Ao contrário, eles são a base do mercado da reciclagem, entretanto, pelas vias da informalidade, como mostra a discussão a seguir.

6.2.1.2. Inserção desigual na cadeia de reciclagem

Os catadores expressaram várias manifestações de inserção desigual no interior da cadeia de reciclagem, especialmente no que se refere à sua relação com as empresas intermediárias, cuja conformação interfere direta ou indiretamente em seu cotidiano de trabalho. Os trabalhadores destacaram que o catador é o único elo deste circuito econômico a obter a menor renda durante a comercialização dos materiais, ficando a maior parte da rentabilidade voltada para o topo da cadeia de reciclagem.

⁶ O termo *Lumpenproletariat* significa “proletariado em farrapos” e inclui os trabalhadores que vivem em condições miseráveis, como indigentes, sem possibilidade de empregar-se, sendo considerados como superpopulação relativa em sua forma excluída, na esfera do pauperismo (MARX, 1988).

Ah, eu acho, eles lucraram muito mais! No ramo de papelão, não é grande coisa pra gente, porque eles pagam 20 centavos e vende a 80. Aonde já se viu, um quilo de arquivo custar oito centavos, entendeu? É uma miséria. Você tem que catar quase um caminhão pra ganhar lá, 50, 60 real. Mas é assim que é! Fazer o quê? (Simone).

Aqui o que você vê é tudo centavos, a única coisa que é dois real é a latinha! Na parte deles, eles vai vender a três, ganha em cima. E a metalúrgica ganha em cima disso, as fábrica. É um em cima do outro, entendeu? (Samuel).

O catador é o principal da história, e é o que é mais prejudicado e menos remunerado (...) Se um quilo de PET vale 1 real, quantas PET você acha que vai ter que dar pra dar um quilo? O reciclador tá sempre abaixo! Lá na frente, o grande é que vai ter o lucro! O catador mesmo não vai ter o lucro. Pra ele é vendido por miséria. Ele tem um trabalho danado, ele toma sol, ele passa dificuldade, ele corre risco de pegar uma doença, mas o lucro fica lá na frente, não fica pra ele, entendeu? (Sandra).

Na compreensão da dinâmica do processo de valorização, observa-se que “(...) não basta produzir, mas é necessário fazê-lo sob condições que permitam vender o produto com lucro” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p.105). Por conseguinte, a condição laboral do catador fica reduzida ao mínimo de custo possível, expressa pela baixa renda adquirida apesar das características exaustivas e danosas de sua atividade, o que constitui aspecto crucial para o crescimento dos demais componentes da cadeia (MOTA, 2002; MARIATTI, 2009; IPEA, 2013).

A visão dualista e fragmentada do mercado de trabalho (ou setor formal *versus* setor informal), intensamente criticada por Milton Santos (2009), é por ele substituída pela concepção de circuito superior e inferior. A partir desses conceitos, entende-se que a economia urbana, embora composta de dois subsistemas, deve ser estudada como um corpo único e interligado. Para o autor, o circuito superior é entendido como oriundo da modernização tecnológica, representado pelos monopólios, enquanto o circuito inferior é formado por atividades de pequena escala, desempenhadas comumente pelas populações pobres (SANTOS, 2009). Tal conformação pode ser observada, respectivamente, nos elos superiores da cadeia de reciclagem, compostos pelas grandes indústrias recicladoras no país, e pelo trabalho do catador, submetido à lógica deste circuito superior.

Santos (2009, p.43) destaca ainda que “(...) de qualquer maneira, quem permanecer fora do mundo do emprego permanente ainda assim não está perdido para a economia como um todo”. Por conseguinte, o trabalho do catador, embora aparente uma atividade sem geração de valor, visto que consiste na coleta dos chamados resíduos urbanos ou lixo, culmina na produtividade e lucratividade dos demais elos da cadeia de reciclagem, evidenciando a interdependência destes circuitos. Ainda, embora interligados, a desigualdade entre ambos é evidente, como descreve o referido autor (2009, p.51):

A idéia de lucro é diferente em cada um (...): no superior é uma questão de acumulação do capital, indispensável para a continuação da atividade e para sua renovação em relação ao progresso tecnológico; no inferior, a acumulação de capital não constitui o objetivo mais importante; na verdade, frequentemente nem existe. A sobrevivência e a garantia de satisfação das necessidades da família no dia a dia são as preocupações mais importantes.

Com o objetivo de expressar visualmente a cadeia de reciclagem e o papel do catador dentro desse processo produtivo, uma das catadoras criou e comentou a fotografia a seguir.

Figura 8 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.

Descrição: Nessa foto eu quis focar também esse prédio, pra ver lá de baixo, e até em cima. Ou seja, do menor, do catador, ao empresário de um prédio. Eu quis

mostrar isso também. Que tanto faz o empresário estar lá em cima, como também o catador, porque é um serviço digno, tá bom? Pra que ele chegue lá em cima, o catador tá aqui embaixo... (Sandra).

Essa fala mostra que, ao mesmo tempo em que estes trabalhadores são desvalorizados em seu contexto de trabalho, eles compreendem o papel essencial que possuem no funcionamento da cadeia de reciclagem, buscando reafirmar sua dignidade e importância enquanto trabalhadores fundamentais no processo. Ainda assim, esta imagem, imersa no cotidiano dos centros urbanos, por sua disparidade social, resulta na aparente desvinculação da influência do catador na valorização do capital. A própria imagem do social, na figura do catador garimpando os resíduos em busca do material reciclável, omite o complexo processo executado, que no seu interior revela o papel crucial desses trabalhadores no avanço das indústrias recicladoras no país por meio da geração de matéria-prima reciclada, que reduz custos para diversas empresas nacionais e internacionais (BOSI, 2008; IPEA, 2013).

As empresas intermediárias, além de pagarem um preço ínfimo pelos materiais, têm seus preços de compra dos produtos em constante instabilidade, devido às frequentes oscilações do mercado da reciclagem (LONG, 2000; PALACIO; GUZMÁN; SALAZAR, 2008; BOSI, 2008). Santos (2009) descreve a existência desta dinâmica entre os circuitos superior e inferior, sendo que no circuito superior os preços de circulação dos produtos em geral são fixos, ao menos em termos oficiais, enquanto no circuito inferior “o preço da mercadoria não é fixo e suas variações são acentuadas” (2009, p.50).

Por conseguinte, os catadores entrevistados relataram que os preços pagos pelos materiais recicláveis sofrem redução em períodos de aumento do consumo e maior geração de resíduos urbanos, incluindo épocas festivas ou feriados nacionais. Eles também destacaram que tais valores costumam ser homogêneos entre os depósitos, reduzindo ainda mais a possibilidade de negociação e busca de melhor renda por parte dos catadores.

Pra você ver, você vai em um depósito grande, o papelão é 25 (centavos por quilograma). Você vai no outro da Joana, é 25 também, e era um ferro velho muito maior. Então eles paga do jeito que quiser. É complicado (Antônio).

A PET, como eu te falei, tá 80 centavos. Então a gente reclama, e fala, pô, não vai aumentar nem um pouquinho? Aí eles dizem, ah, na outra semana vai ter aumento. De repente, era 80 centavos e passa pra 82 centavos! É brincadeira! Mas a realidade é essa. E tem época que o reciclado dá mais, por quê? Em época de festa eles sabem, eles vão catar muito papelão, muita latinha, então se é dois e cinquenta, dois reais, passa pra um e cinquenta. Aí você vai em outro depósito e eles combinam, tá o mesmo preço. Então, é pegar ou largar. Agora no nosso é só largar mesmo, porque como você vai estocar em casa? E você vai comer o quê? Vai comer latinha? Vai comer papelão? Então o catador de lixo ele não tem opção (Luiz).

Em estudo sobre o universo da reciclagem e a inserção econômica dos catadores, Bosi (2008) destaca a questão da instabilidade dos preços neste circuito. Segundo o referido autor, a sazonalidade dos valores dos materiais recicláveis sofre interferências do mercado internacional, da relação produção/demanda e da política cambial nacional (por exemplo, a oscilação do dólar), interferindo na renda adquirida pelos catadores, que comumente são os principais afetados (BOSI, 2008).

Mesmo angariando uma maior quantidade de material reciclável, os catadores nem sempre conseguem aumentar seus recursos financeiros, influenciados pela lógica de mercado no capitalismo globalizado. O pouco poder de voz, a subjugação e a volubilidade e baixos ganhos obtidos com a coleta de recicláveis intensificam, portanto, sua precariedade laboral.

6.2.1.3. Do lixo à mercadoria

Para Marx, a matéria na qual o trabalhador aplica seu trabalho é denominada objeto de trabalho, definindo que:

A terra, como fonte original de víveres e meios já prontos de subsistência para o homem, é encontrada sem contribuição dele, como objeto geral do trabalho humano. Todas as coisas, que o trabalho só desprende de sua conexão direta com o conjunto da terra, são objetos de trabalho pré-existentes por natureza. Assim, o peixe que se pesca ao separá-lo de seu elemento de vida, a água, a madeira que se abate na floresta virgem, o minério que é arrancado de seu filão. Se ao

contrário, o próprio objeto de trabalho já é, por assim dizer, filtrado por meio de trabalho anterior, denominamo-lo matéria-prima. Por exemplo, o minério já arrancado que agora vai ser lavado. Toda matéria-prima é objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria-prima. O objeto de trabalho apenas é matéria-prima depois de já ter experimentado uma modificação mediada por trabalho” (MARX, 1988, p.235).

O objeto de trabalho do catador é matéria-prima, visto que nos resíduos descartados há imprimido um ou vários processos produtivos prévios. Por exemplo, quando o catador encontra uma caixa de papelão, sabe-se que esta já foi produto de um ou mais trabalhos anteriores, trabalhos estes que lhe conferiram um valor de uso e um valor de troca⁷. Agora, porém, esta caixa de papelão encontra-se como lixo, tendo sido desconsiderada sua utilidade, ou porque a mesma perdeu de fato as suas funções originais, ou porque seu consumidor lhe conferiu tal característica disfuncional, descartando-a.

Em uma análise ampla do objeto de trabalho, observa-se que o catador promove um importante processo de transformação valorativa do material descartado. A ação modificadora se dá a partir das “mãos do trabalhador”, ou seja, da aplicação de sua força de trabalho, ou do trabalho vivo, na renovação do caráter qualitativo deste objeto. Portanto:

(...) Por meio de sua atividade cotidiana, [os catadores] transformam o lixo (algo considerado inútil a princípio) em mercadoria outra vez (algo útil, dotado de valor de uso e de valor de troca). É por este processo que ocorre a ressignificação do lixo em mercadoria (IPEA, 2013, p.5).

Por conseguinte, observa-se que a lucratividade deste circuito econômico, que se dá com o trabalho do catador, ocorre por duas vias: pelo aproveitamento de um material que, embora descartado, tem nele embutido processos produtivos prévios, que agora podem ser úteis ao novo processo produtivo da reciclagem; e pelo benefício financeiro obtido também a partir do preço

⁷ “O trabalho tem um duplo caráter: produz valores de uso, que satisfazem as necessidades, e produz valor (de troca), que está apoiado no intercâmbio de mercadorias no mercado em uma sociedade monetária e capitalista” (ALTVATER, 2007, p. 330).

reduzido pago aos catadores na aquisição desses materiais interessantes ao mercado, ainda fetichizados como “lixo” ou algo dotado de pouco valor (GONÇALVES, 2006).

Sobre o processo de produção de mercadorias, Marx afirma que:

(...) Nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores de uso. Produz valores de uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor de troca. Ele tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e da força de trabalho, pelas quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de valor de uso, quer produzir mercadoria; além de valor de uso, valor, e não só valor, mas também valor excedente (MARX, 1988, p. 220).

Para Gonçalves (2006, p.116), o material reciclável “não é um lixo qualquer (...), mas produtos que têm trabalho humano incorporado e que possuem determinado valor de troca para a indústria da reciclagem, o que possibilita a sua comercialização”. Nesse sentido, os catadores ressaltaram a potencialidade transformadora que conferem a seu objeto de trabalho, destacando que por meio de sua ação laboral, eles renovam a condição outrora “morta” desses materiais, que agora são por eles enfatizados como materiais recicláveis, como vemos nas falas a seguir:

Catar lixo? Lixo não, misericórdia! (risos), catar reciclagem! (Marcos).

Não! Lixo é um, reciclado é outro! O lixo é o lixo orgânico né? E a reciclagem é garrafa, caixinha de leite, jornal, papelão, plástico duro, plástico fino, isso é reciclagem. (...) O papelão, ele volta em várias coisa! Ele volta em uma calça jeans, ele volta em um carro, plástico duro volta em caixinha de interruptor, volta em tudo. Tudo que eles vende, eles recolhe do lixo e faz tudo de novo! (Antônio).

Ah, ele (o reciclado) vai virar vários objeto né, que eles vai correndo pra triagem, e vai ficar tudo novo outra vez, e volta, talvez até pra mim mesmo ele volta. É pra eu mesma que tirei, que joguei ali, e volta pra mim mesmo. A gente não sabe pra onde ele vai, a gente sabe que ele vai ser reciclado e vai ser renovado. Mas de lixo ele se torna novo! (Ana).

A reciclagem, pra algumas pessoas, é lixo né? Eles fala que é lixo! Eles não falam assim, “catador de reciclável”, eles falam assim, “catador de lixo” (risos). Eles acham que a gente tá catando lixo. Mas desse lixo, todos eles sai com dinheiro! (...) E sem catador, o reciclável é lixo, porque o caminhão de lixo vai pegar o reciclável e vai levar tudo embora! (Francisco).

Embora o catador promova a renovação daquilo que era material descartado, isso se dá a partir da venda de sua força de trabalho. Neste sentido, ao mesmo tempo em que ele confere o potencial de mercadoria ao que antes era lixo, isso ocorre somente pelas vias da deterioração de suas condições de trabalho e saúde. Em outros termos, enquanto o objeto de trabalho se torna produto renovado, o catador se desgasta física e mentalmente. Esta questão é sintetizada na fala de um dos catadores:

Oh, deixa eu falar uma coisa. Isso daí, quando fica velho, volta a ficar novo. E a gente, se a gente ficar velho, será que vai ficar novo de novo? Será que a gente vai sair novo do outro lado? (risos). Sai não! (Francisco).

Esta fala revela a condição principal do capitalismo na busca de valor excedente ou mais-valia: o uso intensivo da força de trabalho. Segundo Marini (1973), é a partir de três mecanismos principais que a mais-valia é extraída da classe trabalhadora: o aumento da jornada de trabalho, o aumento da intensidade do trabalho e um pagamento abaixo do valor da força de trabalho. Sobre isso, o autor relata que:

(...) nos três mecanismos considerados, a característica essencial está dada pelo fato de que são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos dois primeiros casos [aumento da jornada de trabalho e aumento da intensidade de trabalho], porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último [salário abaixo do valor da força de trabalho], porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal (MARINI, 1973, p.156).

No trabalho do catador, o processo de utilização da força laboral se mostra precarizada, na medida em que esses trabalhadores estão inseridos na informalidade e em condições sociais

deficitárias, tendo na necessidade de sobrevivência imediata e na baixa remuneração de seu trabalho os principais elementos propulsores do aumento do tempo e da intensidade laboral, formando um quadro de intenso processo de desgaste da saúde.

Por conseguinte, é possível identificar que as características do processo de valorização do capital influenciam no cotidiano de trabalho do catador, interferindo na conformação concreta de seu processo de trabalho. Este será caracterizado e analisado a seguir.

6.2.2. Cotidiano de trabalho: “O catador se vira como pode”.

A análise do processo de trabalho dos catadores mostrou o enfrentamento de dificuldades e a busca de soluções autônomas para o desempenho laboral e a geração de renda, indicando que o catador improvisa e adapta recursos técnicos e organizacionais para realizar seu trabalho. Esta condição central foi expressa na fala de um dos trabalhadores: “O catador se vira como pode” (catadora Sandra). Esta frase foi eleita para nomear a categoria de análise ora apresentada, visto que tal condição perpassa cada elemento do processo de trabalho, que inclui o objeto de trabalho, os instrumentos laborais e o trabalho propriamente dito, envolvendo a sua organização e divisão (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Visando compreender a dinâmica do processo de trabalho do catador, não só a partir do referencial teórico adotado, mas principalmente com a colaboração ativa dos participantes do estudo, foram desenvolvidas as subcategorias a seguir: 1. Rotina laboral: coleta, organização e venda dos recicláveis; 2. Trabalho flexível: liberdade ou precarização laboral? 3. “Achado no reciclável!”: improvisação dos instrumentos de trabalho; 4. Dificuldades e potencialidades na organização laboral; 5. Relações de trabalho: da competitividade ao trabalho em equipe.

6.2.2.1. Rotina laboral: coleta, organização e venda dos recicláveis

Coleta

A coleta dos materiais recicláveis envolve o manuseio dos sacos de lixo ou de caçambas à procura dos materiais, que comumente se encontram em frente a residências particulares ou estabelecimentos comerciais, especialmente nas regiões centrais da cidade onde o consumo e a geração de resíduos urbanos são intensos. A fotografia apresentada a seguir ilustra esta etapa do trabalho do catador.

Figura 9 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.

Descrição: Tem que catar as coisas né, no serviço você não pode perder nada, o que eu vejo eu não perco nada, uma tampinha de lata eu não perco, tudo recicla! (...) Ferro, alumínio, lata, papelão, jornal, revista, vidro, aço, ventilador, geladeira velha, fogão velho, televisão velha, tudo que for pra jogar fora eu pego (Samuel).

Segundo o IPEA (2013), a atividade diária do catador nas ruas consiste basicamente de três etapas distintas e em sequência: a coleta dos materiais recicláveis; a sua organização, que envolve a separação e o pré-processamento; e a posterior venda para os depósitos intermediários, que farão a comercialização para as indústrias recicladoras.

No momento da coleta, alguns catadores optam por recolher todo tipo de material reciclável sem restrições específicas, considerando que todos eles são uma fonte de renda, como mostra as falas a seguir.

Oh, eu cato garrafa de plástico, garrafa de óleo, garrafa de coca, de PET, de vinagre, tudo quanto é tipo de plástico, não tem um que não vende. Então só não pode quem não quer! (Ana).

Ele (o catador) vai mexer em todo saco de lixo que ele ver pela frente. Se tiver garrafa ele cata, se tiver papelão ele cata, se tiver uma latinha ele cata, se tiver garrafa de vidro inteira ele traz também, porque todos os catador, já que ele é catador, ele cata tudo! Todo tipo de reciclagem. Você cata tudo na rua! (Simone).

Os catadores entrevistados, além de coletarem todos os tipos de materiais recicláveis, também demonstraram uma multiplicidade de fatores que os levam a uma maior seletividade na escolha desses materiais. Como critérios, eles relataram optar pelos recicláveis que podem gerar melhor renda, os que são aceitos pelos depósitos, os que são mais acessíveis e existem em maior quantidade disponível, e a escolha pelos que são de melhor manejo ou oferecem melhor custo-benefício. Em suma, são priorizados os materiais cuja demanda de mercado é mais intensa (BRECHBÜHL, 2011).

Figura 10 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.

Descrição: Aqui eu tô segurando um fio de cobre, pra mostrar que pra gente é bom pegar material que dá mais dinheiro, como esse daí (Marcos).

Eu cato papelão, PET, ferro, latinha... Eu não pego só o vidro, porque os depósito, nem todos compram (Pedro).

O que eu gosto mesmo de catar é sucata, alumínio, latinha, papelão... É os que dá mais dinheiro né? Eu não pego PET, eu não pego vidro, porque PET eu acho que não tem muito valor. Os vidro, por exemplo, você carrega só peso! (Mara).

O papelão, ele tem menos preço, mas tem muito mais mercadoria. Ele tem mais, então eu falei, vou pegar uma coisa que tem mais! (Márcio).

A estraladeira a gente nem trabalha com ela, que é aquele plástico, tipo a da água mineral, que estrala mesmo! Aquela lá, pra você ter uma idéia, a gente parou de vender pelo seguinte. O quilo dela é 15 centavos. Então a gente começou a colocar muito volume, que o dia que a gente foi pra levar, levamos dois sacos, e deu cinco reais! Aí falamos, larga mão! Não tem jeito! Aí paramos de trabalhar com a estraladeira (Luiz).

Para os catadores, selecionar materiais que possibilitam maior ganho financeiro e deixar aqueles que demandam muito esforço e geram pouca renda são mecanismos de sobrevivência e redução das cargas de trabalho, considerando os baixos preços pagos pelos materiais e as precárias condições laborais que enfrentam. Por outro lado, observa-se que para o topo da cadeia de reciclagem, o objetivo é a geração de mais-valia ou lucro no processo produtivo. Para exemplificar tal questão, um dos recicláveis mais recolhidos pelos catadores são as latas de alumínio, sendo que esta matéria-prima reciclada, em comparação à matéria-prima virgem, gera importante redução de custos para indústrias no país, o que suscita o grande interesse por tal produto na cadeia de reciclagem (ABRELPE, 2013).

Por conseguinte, esta cadeia produtiva tem sido questionada no que se refere às afirmações de que seu funcionamento se deve, prioritariamente, às preocupações com as questões da economia solidária e do desenvolvimento sustentável (GONÇALVES, 2006).

Enquanto o conceito de sustentabilidade representa o usufruto da natureza pelo homem com a máxima redução de danos ao meio ambiente, o conceito de desenvolvimento no capitalismo caminha para o sentido oposto: o da exploração voraz dos recursos naturais visando à reprodução do capital, no qual “(...) a natureza é transformada de uma entidade ecológica em uma entidade econômica” (ALTVATER, 2006).

Afonso (2006) expõe essa contradição, referindo que enquanto a grande maioria das empresas incorpora discursivamente o conceito de sustentabilidade, elas mantêm os mesmos

processos de produção, visto que as modificações necessárias implicariam em prejuízos na produtividade. A referida autora destaca ainda que em termos de políticas nacionais brasileiras, as metas de eficiência econômica têm sido a única prioridade, o que mantém as desigualdades sociais e o abuso desenfreado dos recursos naturais (AFONSO, 2006).

Neste sentido, a partir de critérios de rentabilidade, o topo da cadeia de reciclagem incide sobre a escolha daquilo que deixará de ser resíduo para tornar-se mercadoria com potencial de transformação, bem como sobre aqueles materiais que, por falta de interesse de mercado, permanecerão sendo apenas “lixo” (GONÇALVES, 2006). Além disso, desvela-se a atuação do processo de valorização do capital sobre o trabalho dos catadores, influenciando-os até na escolha dos materiais que serão coletados e vendidos.

Organização dos materiais recicláveis

Após a coleta dos materiais recicláveis, os catadores relataram a necessidade de organizá-los com base nos critérios definidos pelas empresas intermediárias, como alternativa para conseguirem uma melhor renda. Os materiais coletados precisam estar separados por tipo e cor, bem como pré-processados, o que envolve a ação de deixá-los secos, limpos (sem presença de resíduos orgânicos), preferencialmente com volume reduzido (por exemplo, a caixa de papelão, as latas de alumínio e as garrafas PET prensadas) e em maior quantidade, para que haja uma melhor negociação de valor do material.

Estudo de Palacio, Guzmán e Salazar (2008), realizado com 209 catadores colombianos, identificou que depois de catar o material, 66% deles os organiza, 20% os limpa, e 10% deixam o material como está, referindo que a busca de rentabilidade ao seguir as exigências dos depósitos compradores é uma ação presente entre os catadores. As fotografias a seguir evidenciam a atividade diária de organização dos recicláveis desenvolvida por esses trabalhadores em sua busca de melhor geração de renda.

Figura 11 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.

Descrição: Tem que separar igual você viu aí. Cada lugar tem uma separação. Tem o bag de latinha, o bag de garrafa verde, de garrafa branca, de bisnaga de cor, de bisnaga branca, papelão eh, ferro, tudo separado, não pode misturar nada. Porque cada um é um preço. Cada um tem um preço (Samuel).

Figura 12 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Essa aqui é como é o dia a dia nosso. Aqui oh, olha o que eu tô fazendo. Amassando a PET. E lá na frente ela já tá amassada. E olha a diferença delas! A latinha a mesma coisa (Luiz).

Assim, os catadores não apenas retiram dos resíduos urbanos o que pode ser reciclado, mas também organizam tais materiais, ação indispensável para a venda. Como o trabalho do catador de rua é informal e não há qualquer capacitação ou recursos externos oferecidos para sua realização, eles relataram que as informações sobre como organizar os materiais são adquiridas com os proprietários ou funcionários dos depósitos. Contudo, a demanda por orientação é espontânea, solicitada pelos próprios catadores, no entanto, nem sempre as empresas se mostram dispostas em oferecer tais informações, como mostram as falas a seguir.

Ah, eu vou vendo, ou a gente vem aqui né, e a gente pergunta, ou eles falam também né, como é que é a separação (Maria Aparecida).

A primeira vez eu levei lá no reciclado, e a moça disse: “Isso aqui tá errado, isso aqui tá errado!”. Eles não têm paciência de te explicar não, basta você ter força de vontade. Ai eu comecei a me esforçar em prestar atenção como eles faziam e fui aprendendo, entendeu? (Sandra).

Os catadores ainda referiram que, ao não atenderem tais exigências, alguns depósitos não compram os materiais oferecidos, enquanto outros, quando os compram misturados, pagam um preço reduzido, o que é denominado de “sucata mista” ou “bem bolado”.

Figura 13 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Aqui sou eu separando os materiais. A caixa de papelão você tem que rasgar muito, pra não dar volume. Se tiver plástico dentro do papelão, eles também não compram, você tem que tirar. O plástico é vendido separado também. Então o trabalho dele é separar. Não pode levar do jeito que está pro depósito, eles não compram. E se comprar, eles vão colocar tudo como sucata mista, 10 centavos o quilo. (...) E se você pegar e molhar e levar pra vender, eles também não compra. Então, além da gente catar, que ganha muito pouco, a gente tem que separar antes de levar. Se fosse só catar e levar, o serviço é ruim? É, mas seria mais rápido (Luiz).

O ideal é levar separado o material, porque se você levar um bag e jogar tudo dentro vai sair como um bem bolado, e o bolado é 10 centavos. Se é material diferente e tá misturado eles descontam. Então o cara tem que saber. Se ele quer ter um dinheirinho melhor, ele tem que separar! (Maria Aparecida).

Assim, tudo misturado, se der dois real é muito! Agora se separar, você pode separar, que dá 20, 22, 25 (Antônio).

Então é um trabalho cansativo, não é um trabalho assim, você só pegar e levar e acabou, não! Você tem que separar, se for sujo eles não aceita, se tiver sujo de comida, essas coisas, eles podem até comprar, mas eles já compram mais barato ainda. E tem os que não aceitam pouca quantidade, tem que ser muita. É com a quantidade que você tem condições melhores de fazer negociação. Se for pouco você não tem condição (Sandra).

Para Tavares (2004), o trabalho informal se constitui numa estratégia funcional ao capital, visto que atende a necessidade de redução dos custos variáveis de produção sem cumprir as responsabilidades dos custos sociais do emprego, que envolvem todos os direitos legais que o trabalhador pode obter. Com isso os catadores, visando à sobrevivência, desenvolvem um trabalho de coleta e preparação dos materiais recicláveis segundo as exigências dos depósitos, mesmo não fazendo parte destas empresas enquanto trabalhadores contratados e formalizados, estando desprotegidos legalmente e sujeitos, portanto, às mazelas decorrentes do trabalho precarizado (MAGERA, 2005; BOSI, 2008).

Venda

Após a organização dos materiais, os catadores se direcionam aos depósitos de reciclagem para realizarem a venda, transportando os materiais em *bags* (grandes sacos comumente emprestados pelos depósitos), em carrinhos de mão por eles elaborados (instrumento de trabalho mais frequente), ou em automóveis próprios (recurso incomum)⁸. Ao chegarem ao depósito, os materiais são pesados e o catador recebe um valor pelo quilograma do material coletado, estabelecido pelos donos das empresas compradoras.

Figura 14 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.

Descrição: Nessa foto eu tô tentando mostrar pra você como que é dentro de um depósito, as pessoas tentam fazer o que pode, mas não tem muita infra-estrutura, e aqui são os bags, têm os bag jogado, coisa no lixo, coisa no chão, é assim, não tem muita organização. Aqui são catadores entregando o produto, pesando na balança aqui, e a pessoa esperando de cá pra receber (Sandra).

Alguns catadores relataram que comumente são solicitados a transportar e acondicionar os materiais nos depósitos, auxiliando os funcionários do local na execução de algumas tarefas, que julgam não ser de sua responsabilidade.

⁸ A descrição e a análise dos instrumentos de trabalho utilizados pelos catadores serão apresentadas mais adiante, especificamente na subcategoria “Achado no reciclável”: *improvisação dos instrumentos de trabalho*.

Eu vou despejando então os materiais que eu coletei, que eu achei na rua e nos condomínios, e vou ajudando eles. Porque a gente chega lá e a gente mesmo tem que ajudar, senão fica uma bagunça só. A gente mesmo tem que pôr na balança e jogar lá no depósito deles, porque eles não põe a mão entendeu? Eles não têm funcionário e pra eles não é bom ter muito funcionário porque pra eles é gasto. Então a gente mesmo vai fazendo isso daí (Luiz).

Quem separa isso é quem trabalha lá no depósito, mas às vezes o catador também tem que ajudar. Eu já ajudei a levar e a colocar no lugar. E em certos depósitos quem faz é o catador, é o catador quem joga lá dentro do contêiner. Então nós temos que descer, se tiver em condução desce (o material), seja lá como for você tem que pôr na balança, ele pesa pra você, se você quiser o seu saco de volta, você tem que ajudar ele também a levar as coisas lá no fundo. Lá nos depósitos eles só têm uma pessoa simplesmente pra te dar uma mão pra carregar e o outro pra pesar e te pagar. Mas o mais difícil fica pra você mesmo carregar (Sandra).

Os depoimentos dos trabalhadores também revelaram a existência de relações conflituosas e de desconfiança entre compradores e catadores, sendo que alguns deles se sentem desvalorizados durante o processo de venda dos materiais.

Na verdade eu queria falar que às vezes os depósito manca com a gente, paga a menos e rouba no preço! Ou trata mal a gente, parece que não quer receber nosso material! Se às vezes você marca que dá dois quilos e eles dizem que é 30 gramas, você vai ficar quieto? Então você tem que prestar atenção. Na hora que você tá pesando você tem que ficar olhando...na hora da notinha você confere, na hora de pegar seu dinheiro também. Não pode só chegar, pesar e virar as costas (Maria Aparecida).

(...) Às vezes a gente sabe que existe aqueles que a gente vende pra eles, sei lá, aquela balança deles também, a gente não sabe o que acontece. Tem gente boa e tem gente que age de má fé (Luiz).

Tem depósito de reciclagem que trata até bem. No meu caso, graças a Deus, onde eu fui, eu nunca discuti com ninguém! Mas tem uns, entre aspas assim, que gosta de fazer uma sopa, sempre dá um dinheiro a menos (Antônio).

É depósito nó cego. Dá nó até debaixo de água! Se você não abre os olhos você dança (Francisco).

Estudo de Carmo (2009), realizado com catadores do Rio de Janeiro, também identificou que os trabalhadores percebiam a desqualificação de seu trabalho por meio de sua relação com os proprietários dos depósitos, que agiam como se fizessem um favor aos catadores no momento da compra dos materiais recicláveis.

Durante a fase de observação do trabalho na empresa de comércio de recicláveis, foi constatado que os catadores não são claramente informados sobre os preços de compra de cada material, o que poderia ser feito por meio de uma tabela ou outra forma de divulgação.

Os catadores, sozinhos, descarregavam seus materiais, colocando-os na balança já separados por tipo (plástico, papelão, etc.), com a supervisão de um funcionário da empresa. Na sequência, era entregue ao catador o dinheiro obtido com a venda e uma pequena folha de papel com o total pago, sem delimitação do preço (por quilograma) de cada material. Condição de trabalho semelhante foi descrita em estudos realizados por Long (2000), Silva e Lima (2007) e Maciel et al. (2011), revelando que os catadores muitas vezes desconhecem os valores e o peso dos materiais vendidos, recebendo o valor oferecido pelas empresas sem contestações (SILVA; LIMA, 2007).

A insatisfação frente à omissão de informações sobre o peso e os valores a serem pagos pelos materiais recicláveis foi expressa na fotografia apresentada a seguir, com comentários de outros catadores revelando vivências semelhantes.

Figura 15 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Aqui a gente vê a má vontade, o desinteresse e a covardia, e talvez a imprudência de tratar o catador com dignidade, e pra eles é assim: “Se eles tão catando isso daí, a gente compra por qualquer preço! O importante é comprar deles e vender!”. Essa pessoa aqui comprou de nós, escreveu à mão um valor! Uma coisa absurda, não tem como! Olha aqui pra você ver, não dá nem pra entender a letra direito. Meio quilo não sei das quanta deu uma mixaria danada. Cortou o papel à mão, escreveu uma coisa lá, quer dizer, um descaso! Um descaso muito grande! (Luiz).

É da cabeça deles! O quanto eles querem pagar, eles põem lá. Porque não tem tabela (Francisco).

Eu já cheguei e fui reclamar, e disse: “Eu quero saber quanto é o quilo disso, disso e daquilo”, e o cara ficou com os olhos arregalados! Sabe um lápis que eu ando com ele, que tá até aqui no meu bolso, um pequenininho? Eu não fico sem isso aqui! E eu anotei na cara dele, porque agora eu quero ver. E eu não voltei mais! Não passar o preço do quilo do papelão, da PET, que negócio é esse? Você põe um quilo de papelão, mas eu não sei quanto tá o quilo de papelão! Agora eu tenho que ficar perguntando? Por que não deixa a tabela pendurada direitinho? Pára! Não! Deixe escrito! (Maria Aparecida).

Ao longo da identificação da rotina de trabalho vivenciada pelo catador, foi possível observar que, embora desenvolva seu cotidiano de trabalho de forma “autônoma”, ele é interpelado, direta ou indiretamente, pelas exigências das empresas compradoras, que determinam quais materiais serão coletados e como eles deverão estar organizados para serem adquiridos. Ainda, no processo de venda dos materiais, foram identificadas situações de exploração do trabalho do catador, manifestadas pela ausência de informações sobre os preços de comercialização dos materiais, além das situações nas quais os trabalhadores realizam “favores” aos donos das empresas, sem receber algo por tais serviços prestados.

Com isso, um questionamento surge: o catador, ao fazer parte do trabalho informal, realmente vivencia um trabalho livre e flexibilizado? Sobre tal questão, foi desenvolvido o subtema a seguir.

6.2.2.2. Trabalho flexível: liberdade ou precarização laboral?

O catador de material reciclável, devido sua inserção no mercado informal, organiza-se dentro de um trabalho flexível. Os catadores consideraram, como pontos positivos desta flexibilidade, a ausência da figura do “patrão” e a possibilidade de organizarem seus próprios horários de trabalho.

O positivo é que trabalha feliz, sem ninguém mandar. Trabalha a hora que quer, sem ninguém te perturbar, sem horário pra picar cartão (Antônio).

(...) Trabalha como é que você quer, não tem patrão. Melhor coisa que tem! (Francisco).

Porque a gente aqui, você sai a hora que você quer, você vai o dia que você quer, você cata se você quer, se você não quer você não cata (Ana).

Entretanto, embora o catador aparente certa “liberdade” para organizar seu cotidiano laboral, existem alguns aspectos que o torna intensamente dependente do trabalho diário (embora a carga horária seja flexível), além da necessidade de seguir exigências hierárquicas (embora não tenha um chefe imediato).

Em primeira instância, ele vivencia a cobrança da sobrevivência diária; ou seja, suas necessidades básicas dependem da captação e da venda constante dos materiais recicláveis. Na informalidade, não há horário fixo de trabalho e as jornadas laborais “(...) levam frequentemente ao uso das horas vagas para aumentar a renda oriunda da atividade” (ANTUNES, 2011, p. 409).

Neste sentido, a flexibilidade de horário pode resultar na extensão da carga de trabalho do catador, visto que na informalidade e no trabalho precarizado, o trabalhador vê seu tempo fora do trabalho (tempo livre) sendo consumido pelo tempo dentro do trabalho (ANTUNES, 2001). Com isso, mesmo necessitando de descanso, os catadores se envolvem na busca desenfreada por materiais recicláveis, situação decorrente de uma renda por produção, na qual, quanto mais material reciclável coletado, maior a renda adquirida, situação agravada pelos baixos valores pagos por esses materiais.

Você tem que fazer por onde, você tem que comer não tem? Você vai tomar água o dia inteiro? Não vai né, você tem que pagar as suas contas. Se você tem criança, casado, como é que faz? Porque assim, conta não espera! Se você ficar numa casa alugada e começar a dever, dever, dever, você tem que tomar uma atitude. Você tem que ter um meio de vida e de você se sustentar, pagar as suas contas (Maria Aparecida).

A gente não tem patrão, mas não tem hora de parar! Não tem hora de parar, nem hora de pegar, nem hora de jantar também, ou almoçar. O catador deveria ter um horário pra começar e um horário pra terminar, e o final de semana para descansar, o que não acontece. A gente vai passear e fica olhando pro chão pra ver se tem alguma latinha ou papelão, entendeu? (risos). É aquela fissura! (Luiz).

De noite, a gente vai pra igreja e pega papelão no caminho. Aí eu falei, não, a gente vai pra igreja, a gente vai pra igreja. Vai olhar pros papelão e nem vai pegar. Porque você acaba chegando numa conclusão que você vê que a situação é tão apertada que tudo que você vê você tem que pegar, porque você precisa daquilo ali pra sobreviver! (Sandra).

A incerteza financeira é uma característica do trabalho flexível que produz tensão nos trabalhadores, revelando que estar na informalidade é também uma forma de precarização laboral, geradora de sentimentos de instabilidade das condições de trabalho e vida.

Ah, é sofrido, muito sofrido! Ah...porque isso aqui não é emprego né! Sofre demais, porque tem dia que ganha e tem dia que não ganha (Paulo).

(...)Tem dia que eu tiro 30, tem dia que eu tiro 10, tem dia que não dá nada! (Sandra).

(...) Tem dia que ganho 20 reais, tem dia que ganho seis, é assim, não tem uma coisa certa (Marcos).

Sendo assim, embora não seja submetido a uma chefia imediata e institucionalizada nos moldes do mercado formal de trabalho, o catador possui uma atividade regida por normas e regras presentes na cadeia de reciclagem, estando submetido às interferências das empresas intermediárias sob seu processo de trabalho, como apresentado na discussão anterior sobre a rotina laboral dos catadores. Long (2000), em estudo com recicladores urbanos no México, destaca que o fato de não trabalharem formalmente para as empresas intermediárias, de modo algum os torna livres de sua dominação. Tal paradoxo fica sintetizado na fala a seguir:

Então eu acho que o reciclador, ele não tem patrão também, entendeu? Só que às vezes a gente sabe que existe aqueles que a gente vende pra eles, os depósitos... (Luiz).

Como afirma Bosi (2008), identifica-se que os catadores “(...) realizam seu trabalho em contextos de permanentes pressões exercidas por diversos sujeitos sociais como os atravessadores, os lojistas e as recicladoras” (BOSI, 2008, p.113), sendo ilusória, portanto, a concepção de que o catador é um trabalhador independente dentro da informalidade. Segundo Santos (2009), na relação entre circuito superior e circuito inferior, é este último que fica sujeito aos mecanismos estabelecidos pelos elos superiores da cadeia produtiva.

6.2.2.3. “Achado no reciclável!”: improvisação dos instrumentos de trabalho

Para Marx, os instrumentos ou meios de trabalho são definidos como “uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador coloca entre si e o objeto de trabalho e que lhe serve como condutor de sua atividade sobre esse objeto” (MARX, 1988, p.31). Sobre tal elemento do processo laboral, os catadores produziram várias fotografias, visando apresentar os instrumentos de trabalho que lhe acompanham. A partir delas, enriquecidas também pelas falas e reflexões, foi possível identificar que os catadores, por desenvolverem uma atividade informal, são os únicos responsáveis por providenciar seus próprios instrumentos de trabalho. Esse processo se dá por meio de mecanismos de criação, adaptação e até improvisação dos instrumentos laborais, visando essencialmente o manejo, o acondicionamento e o transporte dos materiais recicláveis para posterior venda.

A fotografia a seguir resume este processo diário enfrentado pelos catadores.

Figura 16 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.

Descrição: Essa foto eu tirei na intenção de mostrar que cada um se vira como pode. Aqui tem um fusquinha azul, e o bagageiro desse fusca é feito com estrado de cama, achado no reciclável! Ele é nosso, e é o nosso ganha pão. E aqui eu já mostrei no outro lado, um que catou um carrinho qualquer de feira, de supermercado, e jogaram fora e ele falou: 'Uai, é daqui que eu vou tirar o meu sustento!'. O outro não tem nem um carrinho de feira e ele carregou nas costas mesmo, mas o interessante é ele ganhar o dele, você entendeu? Então há varias diversidades. Uns é de carro, outros é de a pé, outros na cabeça, outros no carrinho, outros arrasta o próprio bag na rua, então é essa a vida de um catador (Sandra).

Esta imagem sintetiza aquilo que é frequentemente visto pelas ruas das cidades: catadores buscando formas de carregar seus materiais recicláveis pelas longas distâncias que percorrem, a partir dos recursos que lhes são disponíveis (MAGERA, 2005). Dentre os instrumentos de trabalho utilizados, o que mais se destaca e acompanha o catador no seu cotidiano, identificando-o como tal, é aquilo que eles próprios denominam de “carrinhos”, também chamados de veículos de tração humana, ilustrados nas fotografias que se seguem.

Figura 17 – Fotografia produzida pelo catador Francisco.

Descrição: Aí é meu carrinho carregado. O catador não precisa ter nada, só o carrinho. Se tiver o carrinho já trabalha (Francisco).

Figura 18 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Esse carrinho ele conseguiu fazer, ele que fabricou ele. Ele conseguiu achar esses pneu, achou essas grade, o soldador fez dado pra ele, entendeu? Então esse aqui oh, ele carrega ele, dá uma carga até boa, não é ruim não, e leva lá e o dia a dia dele é esse (Luiz).

Quando eu comecei com meu amigo, ele falou assim: Simone, pega uma geladeira, eu tenho duas rodinha lá em casa, aí eu faço um carrinho pra você, e você vai catar papelão (Simone).

O meu é levinho, 30 kg, e foi eu mesmo que fiz, eu mesmo. Fiz com a geladeira, coloquei a roda, fiz tudo (Paulo).

São poucos que podem ter esse carrinho porque ele é caro. Então a geladeira velha veio pro reciclado. Então eles acham um jeito de amarrar, de fazer qualquer coisa, mas de trazer, certo? (Sandra).

Como relataram os catadores, a estrutura externa de uma geladeira descartada é um exemplo de material retirado dos resíduos urbanos, adaptado e utilizado visando o transporte dos materiais, como mostra a imagem a seguir.

Figura 19 – Fotografia produzida pela catadora Ana.

Descrição: O carrinho eu tirei do reciclado, é peça de geladeira. Tirei bem de cima pra vocês ver que é mesmo (Ana).

Estudo de Castilhos-Junior et al. (2013) sobre a análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional de catadores nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil identificou que os equipamentos de coleta mais utilizados pelos catadores foram os carrinhos de tração humana, também chamados de gaiola (70% dos casos), os quais, embora sejam veículos sem muito custo para

sua elaboração, são os que mais exigem fisicamente dos catadores. Neste mesmo estudo, os trabalhadores também relataram que o carrinho, bem como os demais meios de transporte utilizados (carriolas, automóveis, etc.) são adaptados por eles a partir de materiais recolhidos dos resíduos presentes nas ruas ou de materiais comprados ou ganhados nos depósitos.

Além dos instrumentos de trabalho destinados essencialmente para o transporte do reciclável, os catadores também relataram a utilização de alguns “acessórios” improvisados/adaptados a partir de resíduos encontrados nas ruas. São eles os cabos de vassoura, cordas, lonas, arames, caixas de papelão, grades de portão, sacolas de plástico ou *bags*, bem como pneus vazios colocados na parte inferior traseira do carrinho, visando freá-lo nos trajetos onde há decidas, nos quais seu manejo é penoso. As fotografias e as falas a seguir expressam tal situação.

Figura 20 – Fotografia produzida pelo catador Antônio.

Descrição: Esse é o carrinho do Zé, um senhorzinho de idade já. Ele vai lá no campo do botafogo pegar essas garrafa e esses papelão. (...) Pelo tamanho do carrinho é uma carga bem pesada (Antônio).

Figura 21 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Como é caro a solda e tal, nós pegamos uma grade de portão, eu cerrei ela, e pus no meio das duas raque em cima do carro, e amarrei com arame e corda, aí resolveu o problema (...) Poderia por engate no carro atrás, mas isso aí custa dinheiro, agora não tem como (Luiz).

O pau de vassoura é pra poder colocar ele do lado sabe, pra poder fazer a carga. Pra você fazer a carga mais alto e o papelão não ficar escorrendo assim, pra não cair no meio da rua sabe? Se fica caindo, você põe uns quatro, cinco cabo de vassoura. Aí vai ficando e colocando a carga pra cima (José).

Bag é onde você coloca separado, você coloca separado um bag pra papelão, um bag pra PET branca, um bag pra PET colorida e vice-versa. Cada produto é separado nesses bags que são levados pra cooperativas, pros depósitos, e lá no depósito ele é pesado. O bag normalmente pesa uns 2 kg. Se der 50 kg de papelão, você desconta 2 kg. Ele é um instrumento de trabalho pra tornar mais fácil (Sandra).

Eu uso lona também, uso pra não molhar (o material) porque molha e aí desconta né... (Márcio).

A roda tem que ser de carro. A minha é das que agüenta 1000 kg, então o peão tem que agüentar mesmo! Pra frear você põe um pneu na traseira do carrinho. Aí tem que usar a cabeça (Antônio).

As fotos apresentadas ilustram que os catadores encontram formas de conseguir maior espaço para acondicionamento dos materiais recicláveis coletados por meio de um processo intuitivo, improvisado e adaptativo: na medida em que observam as dificuldades de manejo dos seus materiais, eles vão utilizando objetos retirados dos próprios resíduos visando saná-las.

Tal situação expressa mais um elemento da precarização das condições de trabalho dos catadores, evidenciada pela improvisação dos recursos laborais. Segundo os participantes da pesquisa, as complicações geradas pelos instrumentos de trabalho envolvem a queda dos materiais durante o transporte pela falta de espaço ou estrutura adequada, a sua conformação técnica desajustada às necessidades e à corporalidade do catador, e o desgaste do carrinho pelo tempo de uso, processo que ocorre em um curto período devido à condição original já precária desses materiais. Destaca-se que todos estes aspectos não só tornam o cotidiano do catador estressante e extenuante, como podem produzir o desgaste progressivo de sua condição de saúde.

Você não pode colocar o material de qualquer jeito no carrinho, porque vai cair! E as sacolas estouram rápido por causa de peso né (Maria Aparecida).

Até quando eu chegar lá em cima, o carrinho vai tá lotado. Aí o que eu tenho que fazer? Eu não tenho que ir mais pra frente, eu vou ter que voltar pra trás porque o carrinho vai tá carregado e pesado. Tem vezes que eu dou duas a três viagens por dia, porque o carrinho é pequeno, então mesmo assim, se eu fizer uma carga legal, não tem jeito, aí você tem que voltar pra trás, então é complicado! (José).

A dificuldade dele (o carrinho) é numa descida, que tem que breicar ele, você tem que soltar ele na descida, ter equilíbrio, saber levar ele, porque descendo com ele é perigoso você bater, machucar... (Antônio).

Articulando o processo de trabalho com o processo de valorização do capital, é possível observar que os instrumentos de trabalho do catador expressam uma defasagem tecnológica, como também identificaram Laurell e Noriega (1989) em seu estudo sobre o desgaste da saúde.

Observa-se que dentro da cadeia de reciclagem, o topo do processo produtivo (indústrias recicladoras) é desenvolvido com tecnologia sofisticada, enquanto a base da cadeia, representada pelos catadores, desenvolve um trabalho sem qualquer apoio tecnológico, o que lhe demanda um grande esforço físico no desempenho de seu trabalho (MAGERA, 2005; GONÇALVES, 2006; BOSI,

2008). Assim, a rentabilidade da cadeia de reciclagem se dá também a partir da manutenção desses trabalhadores na informalidade, isentos de recursos apropriados no seu cotidiano laboral.

A partir do trabalho regular e organizado, alguns catadores relataram ter buscado melhores condições de trabalho, adquirindo meios de transporte mais adequados que resultaram em maior geração de renda e redução das cargas laborais. O uso de veículos motorizados foi uma das alternativas descritas pelos catadores, como ilustra a imagem a seguir.

Figura 22 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.

Descrição: Eu trabalhava com um carrinho de mão, e fui juntando um dinheiro da reciclagem, e agora tenho a Kombi, aí dá pra levar mais carga (Samuel).

Conforme eu fui andando, fui conseguindo a freguesia, ele foi aumentando; depois foi carrinho de geladeira, depois foi um maiorzinho, aí eu comprei a perua e agora tô com outra. Graças a Deus eu tenho um carro! Tudo com a reciclagem! Com a perua você sai, dá uma voltinha, já chega em casa e vai dormir, aí depois sai de novo. Se eu tivesse com o carrinho, não, aí eu ia chegar e sair logo de novo. Você com o carrinho, eu que puxava dois carrinho por dia, dois, três, era noventa, cem real. Você com a perua, em uma viagem, é 200, 250, até 500 conto por dia você tira... Dependendo da sorte que você tiver, você tira até mil! (Antônio).

Essa foto mostra que ele parou de sofrer. Quando você compra uma perua, você pára de sofrer! Com o carrinho eu não parava de trabalhar. Eu tirava uma base de 100, 150 reais por dia. Com a perua agora, dobra. Você vai mais rápido, você não puxa mais tanto peso... Foi através do próprio reciclável que eu fui conseguindo isso (Francisco).

Estudo de Castilhos-Junior et al. (2013) também revelou que alguns catadores optam por carroças com tração animal, visto que elas auxiliam no transporte de uma maior quantidade de materiais, sem tantos danos físicos aos trabalhadores, aumentando sua renda com a reciclagem. A Figura a seguir mostra tal veículo, meio de transporte que segundo os catadores entrevistados facilita o cotidiano de trabalho.

Figura 23 – Fotografia produzida pela catadora Simone.

Descrição: Eu agradeço a Deus todo dia, entendeu? Por Ele ter me ajudado com a carroça, porque se eu comprei o cavalo e a carroça é porque foi com isso daí! Eu fui juntando, trabalhando, fui pagando, pagando. Primeiro eu juntei o dinheiro e comprei a carroça, e depois juntei mais dinheiro e comprei a minha pequenininha aqui! É por isso que eu falo, eu não empresto meu cavalo pra ninguém, porque eu trabalhei empurrando um carrinho e eu vi o quanto era pesado! (Simone).

Observa-se que a superação do uso do carrinho manual se constitui uma situação de alívio aos trabalhadores frente à dificuldade de seu manejo, que envolve essencialmente o peso excessivo a ser transportado e a falta de espaço para conduzir maiores quantidades de material (ALENCAR;

CARDOSO; ANTUNES, 2009; CASTILHOS-JUNIOR et al., 2013). O uso de recursos facilitadores para transportar a material coletado, no entanto, gera problemas vinculados ao custeio de manutenção dos mesmos, visto que muitas vezes os gastos financeiros com consertos ou combustível, por exemplo, superam a renda obtida com a venda dos materiais recicláveis.

Figura 24 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.

Descrição: Nessa foto, a pessoa juntou tudo que tinha...nesse fusca tinha só PET né? Ele fez uma quantidade bem grande, apertou bem e fez um bom amarrio. Ele veio de uma cidade bem longinha pra poder vender aquilo ali. E correndo da polícia de medo de ser multado... Mas ele tinha que trazer essa grande quantidade, porque senão não compensava ele trazer. Da onde ele veio, pelo que ele juntou, não paga nem a gasolina, porque o preço é muito pouco. Mas ele também se virou como ele pode (Sandra).

Às vezes a gente vai levar uma carga, dá 15 real, outras vezes dá 20, 25, se colocar na faixa de 15 por dia vai dar o que, vai dar 450. Mas aí eu tenho que tirar o dinheiro da gasolina... (Luiz).

O carro ficou um pouco mais confortável e dá pra caber uma boa quantidade de reciclável. Mas aí ele tem que saber ver como é que vai ser, porque como ela disse, ele leva o reciclável, mas não paga nem a gasolina! E aí? (Maria Aparecida).

Com isso, é possível compreender como o processo de valorização se materializa no processo de trabalho, buscando formas de gerar lucro por meio do uso de uma força de trabalho com poucos

recursos e, portanto, com pouco custo ao processo produtivo (LAURELL; NORIEGA, 1989). No entanto, observa-se a luta dos trabalhadores em busca de melhores condições laborais, embora enfrentem, principalmente, as dificuldades da falta de renda.

Portanto, a partir da avaliação do processo de trabalho, torna-se evidente a intensidade da precariedade laboral enfrentada pelos catadores, visto que eles têm nos resíduos não só seu objeto de trabalho, mas até os recursos que necessitam para atuar sobre ele.

6.2.2.4. Dificuldades e potencialidades na organização do trabalho

Em termos de organização laboral, os catadores enfrentam limitações que dificultam a execução de seu trabalho, ao mesmo tempo em que buscam formas de otimizá-lo para gerar maior renda.

Dentre as dificuldades vivenciadas, os catadores destacaram a falta de espaço ou estrutura física para separar e acondicionar um maior volume de materiais recicláveis para a posterior venda. Eles relataram que ter um espaço maior e mais adequado para guardá-los possibilitaria não só um melhor preço ao vender de uma só vez uma maior quantidade de mercadoria, mas também a realização de um trabalho menos exaustivo, evitando a necessidade de várias idas ao depósito para a venda dos materiais em pequenos volumes. Segundo os catadores, os empecilhos para tal organização envolvem a falta de recursos financeiros para adquirir um espaço adequado, sendo comum o armazenamento dos materiais em suas próprias casas, como mostra a fotografia a seguir.

Figura 25 – Fotografia produzida pelo catador Samuel.

Descrição: Toda semana tem que dar giro, por quê? Por causa do lugar. Não posso armazenar quinze dias, não tem condições. É uma semana de trabalho isso que você tá vendo aí... Eu pretendo em primeiro lugar arrumar um terreno. Tá difícil. Se fosse doação eu até aceitaria, se não fosse, pra eu pagar aluguel, eu pagava também. Porque tendo um terreno você recolhe mais. Você viu como é que tá em casa aí? Eu não posso pegar muita coisa, não cabe (Samuel).

A maioria do catador, ele não tem opção. Ele não tem, porque ele não tem um espaço, ele não tem um lugar pra estocar, e ter uma carga boa, pra guardar e ter um preço bom (Luiz).

O nosso problema é não ter pra onde colocar. Ou eu ponho dentro de casa, que não é uma boa, porque eu tô trazendo bactéria pra dentro de casa e tem esse risco (...). Se eu tivesse liberdade de pegar e ter aonde guardar, eu te diria que seria um trabalho menos cansativo (Sandra).

Estudo de Bortoli (2009) com um grupo de catadores no Rio Grande do Sul também identificou que dentre esses trabalhadores era comum o armazenamento de materiais recicláveis em seus domicílios, em decorrência do trabalho individual e sem recursos estruturados. Porém, os empecilhos de tal medida envolvem as frequentes queixas de vizinhos, que veem como “lixo” o material reciclável ali posto (MAGERA, 2005). Tal situação foi expressa na fala a seguir:

Tem uns que você consegue terreno, mas os morador não quer. Eles já tiraram um de lá, fizeram abaixo-assinado. Eles falam que dá bicho, essas coisas (Francisco).

Estudo de Cardozo (2009) também apontou que entre os catadores é comum a falta de uma estrutura básica que dê suporte às necessidades fisiológicas dos trabalhadores enquanto estão coletando os recicláveis nas ruas, como ingestão de água, alimentação e locais adequados para eliminações urinárias e intestinais. Os catadores de rua acabam enfrentando este problema, estando sujeitos ao sol excessivo e à falta de um local de trabalho adequado a tais necessidades, como mostra a seguinte fala:

Banheiro? O banheiro pra mim é o mato! Se eu achar um mato eu vou no meu banheiro, urino, faço o que tiver que fazer, se estiver apertado e não der pra segurar até chegar onde tem que chegar... (Antônio).

Mesmo frente a tais dificuldades, os catadores mantêm sua busca pela geração de maior renda e por melhores condições de trabalho. Como principal estratégia, eles referiram a importância da criação de elos com fornecedores específicos, que consistem nas residências particulares e nos estabelecimentos comerciais, dentre eles as empresas, lojas, restaurantes e supermercados, visando receber a doação dos materiais em locais e horários pré-estabelecidos.

Figura 26 – Fotografia produzida pelo catador Francisco.

Descrição: Aí é um comércio lá do centro que eu pego reciclável, eu combino os horário com ele e ele põe na frente do lugar pra eu pegar (...). O catador, ele cata papelão, essas coisa que ele encontra na rua, e vai pegar nos outros lugar que ele tem que os outro guarda pra ele, porque se ele só pegar na rua ele não sobrevive não, se ele não arrumar os lugar que guarda pra ele. Tem que ter cliente, senão não dá! Eu tenho as empresa que eu pego né, tem restaurante e tem farmácia 24 horas também. Se não tiver cliente você não faz nada (Francisco).

Eu não trabalho em vila, em bairro. Só trabalho no meio do comércio, que é onde eu tenho as freguesia. Pra cá é só você andar à toa! Você tem que ir onde o pessoal te guarda material e já conhece a gente também (José).

Eu tenho uns clientes já. Eu tenho as Casas Bahia, várias lojas, eles deixam o papelão na frente, na rua, então eu desmancho e ponho no carrinho (Edson).

Que nem, eu, eu vou de casa em casa pra pegar. Eles telefonam e aí eu vou buscar aqui na redondeza (Pedro).

Em decorrência dos baixos valores recebidos pelos catadores na venda dos recicláveis, Bosi (2008) afirma que a ampliação da renda desses trabalhadores envolve, além da extensão da jornada de trabalho, a possibilidade de ter “clientes” ou fornecedores fixos de materiais recicláveis. Um estudo sobre os fatores que interferem na produtividade do catador, realizado com 209 trabalhadores colombianos, identificou que a competição, o clima, os instrumentos de trabalho, o rendimento do trabalhador e os convênios com usuários para recebimento do material interferem no maior ou menor ganho com a coleta de recicláveis, sendo este último aspecto apontado como a melhor forma de se alcançar maior produtividade, segundo os trabalhadores (PALACIO; GUZMÁN; SALAZAR, 2008).

No entanto, o mesmo estudo constatou que 45% deles não apresentavam convênio com geradores de recicláveis, fator que dificulta a obtenção de maiores ganhos financeiros e influi nas condições de trabalho, visto que os materiais recicláveis separados por clientes fixos normalmente possuem melhores condições de segregação e limpeza, evitando a ação de vasculhar o lixo urbano em busca dos recicláveis (PALACIO; GUZMÁN; SALAZAR, 2008). Neste sentido, trabalhar como catador autônomo no ambiente das ruas, sem uma infra-estrutura adequada e manipulando sacos

de resíduos em busca de materiais reaproveitáveis, ainda é um desafio a ser enfrentado no universo dos trabalhadores da reciclagem.

6.2.2.5. Relações de trabalho: da competitividade ao trabalho em equipe

Na organização do trabalho, a articulação entre os agentes envolvidos também é objeto de análise. As relações interpessoais vivenciadas no cotidiano laboral dos catadores não envolvem apenas o contato com as empresas intermediárias, com o ambiente da rua ou com os “clientes”, mas também com outros catadores, especificamente no momento da venda dos materiais. Entretanto, os trabalhadores entrevistados relataram a existência de situações de competitividade entre eles, nas quais a disputa pelos materiais ou por pontos de coleta e fornecedores geram conflitos interpessoais.

Figura 27 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Aqui a gente tá dentro do depósito. A gente tá entregando os materiais. Eles, os outros catador, não pode chegar na sua frente e pesar. 'Ah, tô com pressa', e chegar. Vai ter que esperar a vez dele. Porque se ele passar na frente ele vai pegar mais reciclável primeiro, e voltar mais vezes, entendeu? Então a gente faz o serviço, a gente conhece o pessoal que vai lá, mas só na hora que tá descarregando lá. Não tem muito entrosamento não (Luiz).

Na rua, como eu te falei, é quem chega primeiro. Como existe a disputa, você tem que pegar o que você pode logo, colocar tudo num saco, e depois que você fez aquela quantidade, você vai separar (Sandra).

Eu trabalhava na parte do centro da cidade, então eu tinha as minha loja do centro. Então eu ficava de olho, e se você não aparecesse lá, eles começavam a colocar material pra fora e o outro corria lá e pegava! Então lá no centro tem competitividade, lógico que tem! (Antônio).

Por outro lado, embora os catadores autônomos relatassem uma disputa pelos materiais recicláveis, eles também expressaram ações de auxílio para com outros catadores, além das experiências de tentativa de um trabalho em conjunto visando melhor organização laboral e geração de renda.

Às vezes eu pego um carrinho daqui do depósito emprestado, ou às vezes o pessoal aqui dos meninos a gente racha o dinheiro, com a ajuda do carrinho de cada um (Maria Aparecida).

Ah, eu tenho amizade com o Francisco. Nós criou uma amizade faz dois anos. Eu acho que melhora porque cada um tem um pensamento, né? Você pode discutir um pensamento, você pode querer montar alguma coisa e falar pra pessoa. Nós não mexia com garrafa, nós só mexia com papelão, essas coisas. Aí eu falei pra ele, “vamos começar a ir em prédio, aí a gente começa a tirar e nas horas vagas nós separa e vende”. Foi a maneira que a gente conseguiu de ganhar um pouco mais! Uma ajudando o outro (Antônio).

A construção de cooperativas tem sido considerada uma forma eficaz de promover ao catador um trabalho mais organizado, com melhores condições laborais, maior proteção da saúde no trabalho e maior geração de renda. Tal proposta iniciou-se com a criação de organizações de sucesso no Brasil, com o auxílio de instituições governamentais e não-governamentais no suporte a tais sistemas. Nestes espaços, os catadores segregam os materiais coletivamente, prensando-os para a formação dos fardos, blocos de material reciclável que podem ser vendidos para intermediários por melhor preço ou diretamente para indústrias de reciclagem, a depender da qualidade do material e da escala de produção (HERÉDIA; SANTOS, 2007; IPEA, 2013).

Para os defensores do cooperativismo, as vantagens incluem a possibilidade de um espaço de trabalho mais amplo para armazenamento e manejo dos materiais, maior valor agregado no processamento dos recicláveis, maior poder de negociação com intermediários e indústrias de reciclagem, a construção de uma rede mínima de proteção e auxílio mútuos entre os trabalhadores e a formação da identidade social com os companheiros de trabalho, fortalecendo a categoria laboral (MAGERA, 2005; VELLOSO, 2005; HERÉDIA; SANTOS, 2007; MACIEL et al., 2011).

Entretanto, apesar de tais aspectos positivos, ainda prevalece a existência de associações e cooperativas com ausência de recursos adequados para seu funcionamento, o que resulta na descontinuidade desses empreendimentos (STERCHILE; BATISTA, 2011).

Os catadores, quando questionados se sairiam do trabalho nas ruas para uma atuação em cooperativas, apresentaram posicionamentos divergentes, expressando pontos positivos e negativos sobre tal questão. Como benefícios, eles apontaram a possibilidade de um salário fixo, recursos de proteção à saúde no trabalho e melhores condições laborais. Como pontos negativos, alguns catadores referiram preocupações com a queda da renda e com os possíveis conflitos decorrentes do trabalho em equipe.

Eu não sei o que a cooperativa seria, se vai ter participação em alguma coisa ou se é só o salário, se é só por produção. Porque nós catador é por produção. Quanto mais você pega mais você ganha. Eu acho que se fosse um salário fixo não seria ruim não (Luiz).

Então os catadores deveriam ter assim, uma cooperativa, independente se você é aposentado, se você não é, se você é velho, se você é novo, mas que você tenha um trabalho, um horário. Que você seja cadastrado, registrado, pra ter algum benefício, uma saúde, ter facilidade para, se você se cortar você ir no hospital, entendeu? (Sandra).

Se tivesse uma cooperativa talvez melhorasse, não sei. Você pode ficar ali, num lugar fechadinho, sem sol, sem chuva... A gente quer assim, que seja mais fácil, não tão, nossa, haja peso o dia inteiro hein? Entra mês, sai mês, entra ano, sai ano! (Maria Aparecida).

Se for pra ir numa cooperativa e ganhar menos de dois mil eu não vou! Eu trabalhando sozinho, eu sei que o meu dinheiro vem. Mas eu trabalhando com os outros, eu não sei se o dinheiro vai na mão dele e se ele vai realmente me dar o

dinheiro. Eu acho que tinha que ter uma meta, tipo, a meta do dia é dois carrinho. Aí tá melhor demais. Agora se você bate uma meta, você traz dois carrinho, e aquele ali não traz, você não vai querer dividir seu dinheiro com ele (Antônio).

Pesquisa realizada por Cockell et al. (2004) identificou relatos de reclamações dos catadores sobre a queda da renda diária/mensal ao adentrarem nas cooperativas, sendo que esses trabalhadores referiram coletar recicláveis nas ruas, nas horas vagas, visando complementar a renda ali adquirida.

Estudos sobre a inserção de catadores em cooperativas e associações (VELLOSO, 2005; JACOBI; BESEN, 2006; BORTOLI, 2009; STERCHILE; BATISTA, 2011) também descrevem alguns obstáculos enfrentados pelos trabalhadores organizados: a precariedade da infra-estrutura (escassez ou defasagem dos instrumentos de trabalho, espaço de trabalho obsoleto); a falta de capital de giro; a elevada rotatividade de catadores (descontinuidade do trabalho coletivo); problemas de relacionamento entre os membros; falta de capacitação voltada para o empreendedorismo e a autogestão; falta de proteção social (direitos trabalhistas, proteção à saúde no trabalho), falta de suporte por parte dos órgãos municipais; o desconhecimento, discriminação ou desvalorização do trabalho por parte da sociedade; e as dificuldades de criação de parcerias colaborativas ou articulação com geradores fixos de material reciclável.

Tais dificuldades também são vivenciadas em outros países Latino-Americanos, onde é comum a presença de catadores de materiais recicláveis. Na Colômbia, identificou-se que as associações de catadores têm sido excluídas do mercado de trabalho, perdendo espaço para empresas terceirizadas a partir da privatização do gerenciamento dos resíduos sólidos, evidenciando a falta de reconhecimento do poder público frente ao trabalho dos catadores (GARCÍA, 2011).

Assim, é necessário reconhecer o perigo de entender o cooperativismo como uma solução para a situação laboral precária enfrentada pelos catadores. Antunes (2011) destaca que os mecanismos desta forma de organização, embora aparentem produzir melhores condições de trabalho, podem culminar na perpetuação da marginalização social e na falta de direitos aos trabalhadores. Segundo o referido autor,

Estamos vivenciando, portanto, a erosão do trabalho contratado e regulamentado, dominante no século XX. (...) O exemplo das cooperativas talvez seja ainda mais esclarecedor. Em sua origem, elas nasceram como instrumentos de luta operária contra o desemprego, o fechamento das fábricas, o despotismo do trabalho etc., como tantas vezes Marx indicou. Hoje, entretanto, contrariamente a essa autêntica motivação original, os capitais criam falsas cooperativas como instrumental importante para depauperar ainda mais as condições de remuneração da força de trabalho e aumentar os níveis de exploração, fazendo erodir ainda mais os direitos trabalhistas. As cooperativas patronais se tornam então, contemporaneamente, verdadeiros empreendimentos visando aumentar ainda mais a exploração da força de trabalho e a conseqüente precarização da classe trabalhadora (ANTUNES, 2011, p. 411).

A partir disso, autores como Bortoli (2009), Sterchile e Batista (2011) apresentam como desafios a necessidade de inclusão digna desses trabalhadores na cadeia de reciclagem e no processo de gestão dos resíduos sólidos a nível municipal, sendo reconhecidos não enquanto “necessitados” que dependem de ajuda social, mas enquanto trabalhadores valorizados e dotados de direitos.

6.2.3. Cargas de trabalho: manifestações da precarização laboral

A análise da conformação do processo de trabalho dos catadores, realizada anteriormente, antecipa que este contém elementos que se constituem em cargas laborais. No cotidiano do catador, as cargas físicas, químicas, biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas estão todas presentes (PORTO et al., 2004; IPEA, 2013), não só devido às características do objeto de trabalho dos catadores (o contato com os resíduos urbanos), mas também em decorrência da precariedade dos instrumentos de trabalho e das dificuldades na organização laboral, que compreendem essencialmente a falta de recursos materiais, estruturais e capacitação. A inserção do catador na informalidade ou no circuito inferior, além da invisibilidade e do grau de marginalidade social de seu trabalho, são condicionantes cruciais na legitimação das cargas enfrentadas.

A seguir, é apresentada a descrição das cargas laborais existentes no trabalho dos catadores, expressas nas fotografias produzidas pelos participantes do estudo e complementadas pelas discussões coletivas e entrevistas individuais. Visando elucidá-las, foram produzidas as seguintes subcategorias: 1. Cargas biológicas: o perigo maior; 2. Cargas mecânicas: o catador no trânsito; 3. Cargas fisiológicas: o esforço físico pesado; 4. Cargas psíquicas: preconceito e desvalorização do trabalho; 5. Ausência de medidas de proteção: descuido ou falta de recursos?

6.2.3.1. Cargas biológicas: o perigo maior

As cargas biológicas foram identificadas pelos trabalhadores como o principal elemento danoso no trabalho executado. Dentre suas diversas formas de manifestação, uma situação comumente referida foi o contato com ratos, baratas, escorpiões, e até restos de animais mortos misturados aos materiais recicláveis.

Com relação à saúde, você é arriscado a ter escorpião, o próprio mosquito da dengue, muito pernilongo, e não é pouco! Inseto que está no chão, formiga, barata, escorpião, a gente convive com isso direto! Escorpião eu já encontrei, mas não fui picado, graças a Deus. Então a gente corre o risco, mas Deus ajuda nós (Luiz).

Já soquei a mão dentro de gato, cachorro podre, um monte de coisa (Cecílio).

Ah, você acha rato, barata, cachorro morto, gato morto, saco de bicho, encontra de tudo. Às vezes você abre o saco e sai aquele bicho, rato, gambá... (Francisco).

Um dos catadores revelou ter encontrado um feto humano ao mexer em um saco de lixo em meio à calçada, fato que expressa a extrema precariedade das condições de trabalho e saúde enfrentadas por esses trabalhadores.

Esses tempo pra trás eu achei uma sacolinha fechada, e eu achei, eu acho, que era um feto entendeu? Um feto! Não era um filhote de bicho porque filhote de bicho não tem tipo, bracinho e perninha... A sacola tava com muito nozinho, e uns negócio vermelho assim, aí eu fiquei apertando e falei, eu tenho quase certeza

que era hein! Ou, eu já achei cada coisa naquele lixo! Cada coisa que você nem imagina! (Simone).

Os catadores entrevistados também relataram o contato com materiais perfurocortantes. Embora os cortes e perfurações inicialmente se constituam como uma carga mecânica (LAURELL; NORIEGA, 1989), esses materiais podem ser veículos de transmissão de microorganismos patogênicos, constituindo-se também como uma carga biológica. As fotografias apresentadas a seguir ilustram a referida situação.

Figura 28 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.

Descrição: Essa é dos vidro que eu encontro. Que também é perigoso pra gente se cortar, se machucar... (Marcos).

Sobre vidro, é o mais perigoso do reciclado, porque o vidro é perigoso, é cortante, cortou ali já era! E já pensou? Pode dar até um tétano, porque tá sujo, infecciona... (Luiz).

Os resíduos hospitalares também estão presentes no cotidiano dos catadores em decorrência do seu descarte inadequado, sendo encontrados em sacos de lixo comum nas ruas (ROZMAN et al., 2008). Tal situação aumenta o potencial de adoecimento dos trabalhadores em decorrência da característica contaminante e infecciosa desses materiais. Os catadores referiram encontrar agulhas,

seringas, fraldas, entre outros materiais com presença de sangue e secreções humanas visíveis, como mostram as imagens a seguir.

Figura 29 – Fotografia produzida pelo catador Márcio.

Descrição: Eu tirei foto de um saco de lixo de hospital. Tinha muita fralda, essas coisa que a gente sabe que tá tudo contaminada né? Mas nem mexi quando eu vi! Aquilo ali era mais seringa né, aquilo ali foi o mais forte que eu vi. E nossa! Como é que vai chegar outra pessoa aqui? Ele vai abrir! (Márcio).

Figura 30 – Fotografia produzida pela catadora Simone.

Descrição: Essa seringa eu achei no meio de uns papelão, e tinha até sangue nela, dava pra ver. Raramente você não cata uma sacola que não vem seringa, que não vem frasco de remédio, esse tipo entendeu? Então é difícil pros catador, porque a partir do momento que você põe pra fora é lixo, não é? Então você não sabe o que tá lá dentro (Simone).

Tem pessoas que jogam comidas estragadas, fezes de animais, fraldas de pessoas, geriátricas (...) aquilo ali tem muita bactéria, você acaba pondo a mão, é um risco que você tem, muito grande! Você encontra também áreas de seringas descartáveis, você encontra medicação, é, por exemplo, algodão com sangue, gases, você entendeu? Certas coisas não deveriam estar ali, seringa principalmente (Sandra).

Eu já encontrei caixinha cheia de seringa, agulha...um saco enorme! Eu até chamei a policia uma vez, pra mostrar. Aí eles pegaram e chamaram um responsável. Porque eles não podem! Lixo hospitalar tem que ser em um lugar a parte, e tava na rua! (Francisco).

Estudo de Gonçalves (2004), investigando catadores que trabalham em uma usina de reciclagem, identificou na fala dos trabalhadores relatos de perfuração das mãos com agulhas de resíduo hospitalar ou “agulhas de diabético” presentes nos resíduos domiciliares, acidentes que não eram evitados mesmo com o uso de luvas, além do contato com urina de roedores presentes dentro dos sacos de lixo. Essa situação mostra que, mesmo realizando a coleta e seleção em galpões, com uso de EPIs, em melhores condições instrumentais, ambientais e organizacionais para tal, os acidentes e a possibilidade de adoecimento ainda se mostram presentes nessa atividade.

Alguns catadores relacionaram a influência do descarte inadequado dos resíduos na produção das cargas biológicas que enfrentam, o que mostra, por parte da sociedade, a ausência de uma cultura para a educação ambiental visando a separação entre os materiais recicláveis e os resíduos orgânicos.

Figura 31 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.

Descrição: Há de ter uma conscientização de que tanto a pessoa que tá tirando o seu reciclável de dentro de casa, ela saiba tirar o seu produto, o que é reciclável e o que não é, o orgânico, e deixe tudo separado para que facilite o trabalho do catador, certo? Então o catador já sabe, isso aqui é comida, eu não vou mexer! Ah, aqui tá o que é meu. Consciência! (Sandra).

Igual, esse sorvete aí, eles põem comida dentro, é complicado! Eles jogam tudo junto, comida com fezes de animais, então joga junto do reciclável, um horror! No final das contas você nem aproveita porque como você vai levar? Molho de macarrão com fezes, com latinha, não tem como! Você vai lavar? Eles não têm consciência (Maria Aparecida).

Caco de vidro. Tem gente que joga assim de qualquer jeito dentro da sacola e não tá nem vendo, não enrola no jornal. Aí você põe a mão e aí você vê aquele corte grandão na mão, então é preciso conscientizar a população. É só por dentro de uma caixa de sapato. Porque você tá trabalhando pra ganhar o seu dinheiro, mas se você se machucar aí não compensa (Jackson).

Eles mistura arroz, feijão, essas coisa tudo, com latinha. Eles tinha que separar mais! Vamos supor, tem um montão de lixo ali. Você tem que ficar mexendo pra ver qual que tá com as latinha! Se você chegar lá, por a mão e já ver, você já põe no bag e já sai andando! A reciclagem tem as coisa, os espaço certo pra vidro, plástico, pra não sei o quê. Uai, será que eles ainda não aprenderam aquilo lá? (Mara).

Estudos de Alencar, Cardoso e Antunes (2009) e Cockell et al. (2004) identificaram entre catadores a queixa de que nem todas as pessoas separam o lixo orgânico do material reciclável, sendo comum encontrar materiais reaproveitáveis junto a agulhas ou papéis higiênicos utilizados, pra citar alguns exemplos. Diante de tal situação, na qual o catador de rua abre os sacos de resíduos urbanos em busca dos materiais recicláveis, observa-se a intensificação do perigo de acidentes de trabalho com objetos perfurocortantes e a contaminação do trabalhador com material biológico ali presente.

Alguns catadores relataram, como alternativa para solucionar o referido problema, a busca de fornecedores ou doadores específicos de material reciclável, que além de melhorarem sua condição de trabalho e renda, reduzem também o contato com os materiais orgânicos e com o resíduo hospitalar, potencialmente perigoso à saúde dos trabalhadores.

Pessoal que pega só na rua é mais complicado! Você acha fezes junto com o que você quer, com o que você tá procurando. Então quando você vai nas casas como eles, eles já vão nas empresas, vão em mercado, aí é bem mais fácil (Maria Aparecida).

Antes eu pegava em prédio, mas vinha fralda de neném, isopor, aí vinha rato, rato morto, aí vinha bandeja de ovo, que não adianta falar pra não colocar que colocam...aí eu parei! Parei de vez, não vou mexer com isso não, porque eu acabava levando mais lixo do que reciclagem (Antônio).

Ao observar as fotografias e os depoimentos dos catadores, é possível apreender como o processo de valorização e o modo dele estruturar o processo de trabalho interferem na geração das cargas biológicas. A forma como a sociedade descarta os resíduos e a manutenção desses trabalhadores na informalidade, sem recursos adequados para a realização do trabalho com proteção da saúde, sujeitam os catadores à possibilidade de acidentes de trabalho e adoecimento.

6.2.3.2. Cargas mecânicas: o catador no trânsito

A ação de coletar materiais recicláveis nas ruas expõe o catador à possibilidade de atropelamentos, principalmente entre aqueles que utilizam carrinhos de propulsão humana ou

outras formas de transporte de materiais no ambiente das ruas, em meio ao tráfego urbano. Trata-se de uma carga mecânica, que é considerada uma entre as mais visíveis (LAURELL; NORIEGA, 1989), visto que pode se converter em desgaste instantâneo da saúde do trabalhador, resultando em quedas, fraturas, contusões, feridas, até o risco de morte do trabalhador.

Figura 32 – Fotografia produzida pela catadora Maria Aparecida.

Descrição: Essa é pra mostrar o trânsito também. A pessoa, o pessoal não aceita né? Eles fica buzinando, fica te pressionando pra você sair do caminho, e cada um tem a sua forma de ganhar a vida não é? (...) Você pode quebrar o carrinho, você pode se machucar...Se você pegar um carro, e aí? O carro te pega também! (Maria Aparecida).

Ah, tem que ter malícia. É perigoso no trânsito, muito perigoso. Você precisa saber o que você tá fazendo (Hélio).

O ruim, a maior coisa que tem que eu acho que é ruim é o trânsito, que a gente tem que ter muito cuidado. É muita condução né? E a gente tem que livrar, tem lugar que não tem jeito da gente andar, tem lugar que a gente tem que andar na rua. Então é um risco né, que a gente corre (Ana).

Você pode tá andando na rua e um carro pode vim e bater em você, ou uma moto, ou um caminhão (Antônio).

Além dos acidentes e atropelamentos, os catadores estão sujeitos a agressões físicas e psicológicas, situações de humilhação e elevado desgaste físico (DIAS, 2002). Ao pararem os carrinhos nas ruas, visto o peso excessivo e a dificuldade de andar com eles nas calçadas, os catadores comumente acabam bloqueando uma das vias do trânsito, e com isso, surgem os conflitos com condutores (ALENCAR; CARDOSO; ANTUNES, 2009). Os trabalhadores entrevistados referiram que comumente o catador é entendido como alguém “à toa” ao prejudicar o fluxo dos carros e outros meios de transporte.

Normalmente, uns até ajuda você no trânsito, mas outros xingam...Mas isso é rotina! Sempre tem um engraçadinho né! “Ah, você tá atrapalhando o trânsito! Tira essa porcária da frente” e eu viro: “Ah, porcária é você! Meu ganha-pão não é porcária não! Vai embora!”, mas os cara fica bravo porque tá com pressa e tal e sai que nem louco, e eu tô puxando o meu carrinho porque tô trabalhando, não tô roubando nada de ninguém! (Jonas).

Tem hora que os motoqueiro eles faz de graça, eles vê a gente, em vez dele manear ele aperta mais, pra poder atropelar, mas Deus é maior, a gente sai...é um serviço que depende de muita atenção (Ana).

Não! Não, não, não e não! Mais que não respeita de jeito nenhum! Eu nunca vi igual. Se ele puder passar por cima do catador, principalmente se ele tiver de carrinho andando na rua, ele passa. Não respeita de jeito nenhum (Simone).

Ah, tem alguns chato que reclama, fala muita bobeira...fala pra sair da rua que não é lugar de andar à toa...(...) Uma vez eles começaram a buzinar, buzinar, buzinar...aí eu peguei e parei bem no meio do asfalto! Fiquei cinco minutos sentado, sentei lá! (risos). Ficou cinco quarteirões de carro, aí uma viatura ia passando do lado e disse, “ou, sai daí”, aí eu peguei e saí (risos). Aí tinha uma velha que nossa senhora, ela era a primeira atrás...e ela ficou tão brava! Eles ficam buzinando, sabe que não tem como eu sair pra lado nenhum! Como é que eu ia fazer! Na primeira vaga eu ia dar espaço para eles passarem, mas não tinha vaga! Mas não, eles não têm paciência! Eles ficam buzinando, buzinando. Aí eu peguei e sentei no meio, e fiquei cinco minuto (Francisco).

As falas revelam que as agruras vivenciadas pelos catadores em meio ao trânsito são agravadas pela visão da sociedade frente à presença dos carrinhos, que são vistos como entraves ao

fluxo de veículos nesses espaços (DIAS, 2002). Tal situação levou um dos catadores a revoltar-se com a pressão enfrentada, expondo-o à possibilidade de atropelamento. Considerando também a disparidade entre seus carrinhos pesados e lentos frente ao porte dos demais meios de transporte ali presentes, verifica-se que a conformação deficitária de seus instrumentos de trabalho também influencia na possibilidade de ocorrência desses acidentes.

Frente a tais circunstâncias, alguns trabalhadores relataram adotar medidas autônomas de proteção, como não andar na contramão ou manter-se na calçada. Entretanto, enquanto alguns conferem aos condutores e à caoticidade do trânsito urbano a possibilidade do acidente, outros transferem a si mesmos tal responsabilidade, referindo que é o catador que tem que “prestar atenção”.

Figura 33 – Fotografia produzida pelo catador Francisco.

Descrição: Ah, essa é do trânsito! O trânsito você tem que fazer assim: você tem que olhar pra frente, não olhar pra trás! Quem tá atrás que se lasque! (risos). E você não pode ir na contramão...se você tá indo na mão certa, os carro que fica pra trás, você não tem que dar bola não. Vai ter que esperar! (Francisco).

Eu ando certinho no trânsito, obedeco o sinal fechado, atravesso do lado direito do motorista...Às vezes eles me xingam, não tem muita paciência com o catador, mas eu passo reto, não to nem aí, se eles quiserem eles brecam (Edson).

Ah, é difícil né...só que a pessoa (o catador) tem que ser muito distraído na rua, não prestar atenção. Se eu ver um carro eu encosto! Eu deixo ele passar e depois eu passo, porque eu sei que a preferência é dele, a minha preferência não é de andar no meio da rua (Ana).

Sempre passar pela calçada, nunca passar na rua, contramão...sobe a calçada e vai embora. Aí não tem perigo né? Mas a maior parte deles, eles anda no meio da rua. Porque tem carro dos dois lados, como é que você vai fazer? Tem esses cara que tem uns carrinho grande, atrapalha muito o trânsito e os cara fica nervoso né, fica buzinando atrás (João).

É porque tem que ter responsabilidade. Você precisa saber o que você tá fazendo. Responsabilidade! É a mesma coisa que você tirar carta de carro, carta de motorista, é uma responsa! Ele tem que andar na norma dele. Encosta direitinho, não andar no meio da rua, é tudo isso (Hélio).

Assim, os catadores, frente a esta carga laboral, também “se viram como podem”, encontrando apenas em si mesmos e por meio de medidas paliativas os seus mecanismos de autoproteção. Tais circunstâncias precárias no interior do processo de trabalho, com destaque para os instrumentos laborais deficitários, a elevada carga transportada e a desvalorização de seu trabalho, são elementos que os levam a vivenciar tais dificuldades no cotidiano laboral, com impactos negativos para suas condições de saúde.

6.2.3.3. Cargas fisiológicas: o esforço físico pesado

Os catadores entrevistados relataram enfrentar as longas distâncias e o peso excessivo dos materiais recicláveis durante a procura e o transporte dos mesmos. As condições de seus instrumentos de trabalho, em especial dos carrinhos carregados por eles, também evidenciam tal circunstância, visto o peso considerável deste meio de transporte, que pode gerar desgaste progressivo da saúde desses trabalhadores. Tal situação laboral foi relatada pelos catadores, com destaque para os longos trajetos que percorrem em busca dos materiais recicláveis.

Catador de papelão, ele não pára, a mesma hora ele tá aqui, mesma hora ele tá em outro lugar. Ele não fica assim, em um lugar só (...) Eu ando uns 30 quarteirão,

daqui até a Independência. Não é pertinho não. Porque eu não trabalho em outro bairro, trabalho só lá pra cima! (José).

Anda, tem que andar! Se ele não tiver disposição pra andar e subir a subida puxando o carrinho, ele não ganha nada! (Jonas).

Vixe, eu não tenho rumo, porque tem vez que eu vou lá pro final do Sumaré, ali na Valentina. Dependendo, às vezes a vontade da gente é andar, a gente vai. Não tem distância. Hoje eu ando pra tudo quanto é lado, subo subidona... (Ana).

Os catadores referiram que, ao deixarem materiais recicláveis para trás pela falta de espaço para acondicionamento em seus carrinhos, eles comumente retornam para buscá-los, visto a possibilidade de perdê-los para outros catadores. Em outros casos, a necessidade da renda imediata os leva a trazerem uma grande carga de material de uma única vez. Tal situação também influencia nas longas distâncias percorridas e no peso carregado, intensificando o esforço físico.

Como eu te falei, a gente passa no açougue, você tem que às vezes passar naquele lugar três vezes ao dia, porque pode ter alguém que vai passar antes de você. Se você tiver preguiça, o outro vai passar na sua frente! Mais de tarde vai ter de novo, então você tem que voltar! Então você faz vários percursos no mesmo dia (Sandra).

Que nem eu uma vez. Fechou um banco lá perto do shopping. Aí tinha uma caçamba cheia de revista e jornal. Aí eu vi e pensei, “vou levar tudo de uma vez só!”. Eu apanhei tudo e trouxe, 940kg! E no final das contas você vai ficando acostumado...940kg de uma vez! E se eu deixasse um pouco ali e fosse embora pra depois voltar, na volta já não estaria ali mais! (Francisco).

A fotografia apresentada a seguir expressa uma comum situação, na qual o catador vai buscando inúmeras formas de acondicionar os materiais no carrinho visando trazer o máximo possível de material reciclável e conseguir maior renda. A desproporção entre o catador e seu carrinho carregado de materiais elucida claramente a intensidade do peso que carregam, intensificado pelas longas distâncias que percorrem, com possibilidades de desgaste progressivo da saúde desses trabalhadores.

Figura 34 – Fotografia produzida pelo catador Francisco.

Descrição: Essa foto aí eu tava carregando um portão e uma fachada. Esse eu coloquei sozinho em cima! Eu trouxe lá da Francisco Junqueira. Saudade desse carrinho! Tô brincando, Deus me livre! (Francisco).

Meu carrinho dá 300 Kg, quando vem carregado mesmo. A média é isso aí, 400 Kg...(Márcio).

Porque é muito pesado e é um serviço que você não pode ir muito longe porque depois você não aguenta voltar, entendeu? E é muito pesado e você sofre demais. É muito sofrido! Muito sofrido! (Simone).

E nessa foto, na descida, como é que não foi? Já aconteceu comigo, de eu pegar carrinho tipo esse, pôr 100 kg, e descer avenida, ou subir (...). A gente fica com o corpo meio baqueado, porque não tá acostumado (Maria Aparecida).

Estudo transversal com 253 catadores que utilizam carrinho de propulsão humana identificou uma prevalência de anemia de 38,4% nesses trabalhadores (a doença é considerada um problema severo quando a prevalência é igual ou maior a 40%), demonstrando uma associação dessa doença com vários fatores, dentre eles os hábitos alimentares e o tempo de trabalho do catador. Para os autores da pesquisa, a anemia agrava uma situação laboral que já é penosa e precária, o que se intensifica quando verifica-se que os catadores percorrem longas distâncias conduzindo elevadas

cargas de materiais, além de não se beneficiarem de ações concretas em saúde do trabalhador, como exames periódicos, entre outros cuidados preventivos (ROZMAN et al., 2010).

Considerando que o catador, estando na informalidade, recebe sua renda por quilograma do material reciclável vendido, é que se torna possível compreender o excesso de cargas conduzidas e as constantes viagens que realizam puxando seus carrinhos, improvisando instrumentos de trabalho para captar uma maior quantidade de recicláveis. Além disso, os baixos valores pagos aos catadores intensificam o aumento dessas cargas fisiológicas, visto que é necessário angariar uma quantidade excessiva de materiais para adquirir uma renda mínima. Por conseguinte, tais circunstâncias laborais resultam em uma situação na qual o catador tem sua saúde prejudicada, por meio do seguinte mecanismo: quanto maior a renda, maior o peso carregado e maior o dano à saúde do trabalhador.

6.2.3.4. Cargas psíquicas: preconceito e desvalorização do trabalho

A discriminação e a desqualificação do trabalho foram considerados temas centrais entre os catadores participantes do estudo. No campo da saúde do trabalhador, tais questões têm sido enfatizadas no que se refere ao estudo do trabalho como gerador de cargas psíquicas, que podem culminar no progressivo desgaste mental do trabalhador até seu adoecimento estabelecido.

Segundo Seligmann-Silva (2011), diversas ocupações resultam na discriminação e desvalorização daqueles que as executam, em decorrência da natureza e do conteúdo dessas atividades laborais. Para a autora, incluem-se neste rol as “(...) atividades em que há contato com dejetos (...)” (SELLIGMANN-SILVA, 2011, p.221), das quais fazem parte os catadores de materiais recicláveis.

A fotografia apresentada a seguir mostra, na perspectiva de um dos catadores, uma situação de preconceito decorrente do trabalho realizado. Outros catadores também compartilharam tais vivências.

Figura 35 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: O preconceito é o seguinte. Eles olha a gente indiferente. Como por exemplo, se você, a pessoa passa, passa um casal na rua, ou aqui no condomínio mesmo, e vê a gente trabalhando, tem gente que às vezes até afasta! Se tá com o filho, por exemplo, eles passa mais de longe entendeu? Esse preconceito é por estar mexendo dentro do lixo, porque existe coisa muito suja ali, cocô de cachorro, essas coisas e tal, então realmente existe, existe esse preconceito sim. As pessoas, elas não tratam assim, elas não tratam a gente como se fosse uma profissão igual outra, não. Então tem sim preconceito! (Luiz).

Muito, sofre muito! Muita gente vai conversar com você e já conversa de longe! Outras vê você passando com o carrinho, assim de lado puxando o carrinho, e eles já fecha o vidro do carro já, mas isso é normal, eu já não me importo com isso (Jonas).

Não vivenciei, eu vivencio! (...) Teve uma mulher que falou pra mim que onde já se viu eu ficar mexendo naquilo ali, aquilo ali é muito baixo, muito pequeno pra mim. As outras pessoas nem gosta de chegar perto de você, porque você tá cheirando, e eu tomo dois, três banhos por dia! (...) Muitas pessoas passam perto de mim e viram a cara, cospe no chão, “olha lá pra você vê, tá no lixo, tá no lixo, olha aí pra você ver que baixeza essa daí no reciclado”. “Tá dona, tá bom”... Eu não respondo, porque eu acho que não vale à pena responder (Sandra).

Ah, o preconceito, tem bastante...ainda tem né! Uma vez um cara me alugou um quarto, mas não sabia que eu era catador. Só que quando ele viu a carrocinha ele

veio falar comigo, aí a primeira coisa: “Tu comprou essa bicicleta com essa carrocinha?”. Eu disse, “Claro, ela é minha vida! Tudo que eu tenho veio da carrocinha!”. E ele disse que não dava pra mim ficar ali dentro por causa da carrocinha, que ficava na frente, que as pessoa ia achar ruim! (...) Só que aí eu disse assim oh: “O senhor manda essa pessoa falar comigo, que isso é preconceito!” (Márcio).

Estudo de Almeida et al. (2009), realizado com catadores de uma associação em Minas Gerais, identificou que os trabalhadores frequentemente percebiam um olhar negativo da sociedade com relação à natureza de seu trabalho, que envolve o contato com os resíduos.

Relatos de desvalorização do trabalho do catador por parte da sociedade também foram identificados entre os catadores entrevistados. Eles relataram que as pessoas não os veem como trabalhadores, e com isso buscaram enfatizar que seu trabalho é digno, visto que eles sustentam suas famílias a partir da reciclagem.

(...) a gente tem que ser tratado com respeito como qualquer profissão. Apesar que o catador não é tido como profissão, né? A sociedade não encara dessa forma (Luiz).

“Vagabundo, você não consegue arrumar um emprego e fica pegando lixo?”, é assim! Eles não veem como um trabalho! (...) Mas é duro, porque você é uma pessoa honesta, que paga as suas contas, e vem um e te põe lá embaixo, porque põe! (Maria Aparecida).

Tem uma mulher que ela falou assim pra mim: “Eu não dou nada pra catador de reciclagem, porque vai arrumar um serviço pra trabalhar! Isso daí é vagabundagem! Isso não é modo de viver não!”. Eu falei, bom, eu vejo como uma forma de viver digno e decente! (Simone).

Intensificando a desvalorização de seu trabalho, os catadores relataram que a sociedade não só desconsidera a reciclagem informal como uma atividade laboral, mas também vê os catadores como ladrões ou pessoas de má índole, situação que gera sentimentos de insatisfação e revolta.

(...) A maioria desse pessoal, eles acha que catador é gente que tem passagem, eles acha que todo catador é bandido, que saiu da cadeia, e isso e aquilo... Eu não

tenho passagem, eu nunca passei numa polícia! Nunca! Eles julga errado (Francisco).

(...) eu acho que a pessoa devia pensar assim, poxa, fulano tá trabalhando! Ela não tá roubando, ela tá trabalhando! (Sandra).

Às vezes as pessoa tá na rua, e o outro muda de calçada, vai por outro lado, achando que você vai assaltar. Começa a xingar, “o que você tá olhando?”. Eu posso até sofrer com isso, mas muitas vezes eu nem percebo (Maria Aparecida).

Ah, o que eu explico é que é um trabalho honesto, pra mim é honesto, eu não tô roubando nada de ninguém (Marcos).

Seligmann-Silva (2011, p.223) destaca o problema da introjeção da desvalorização vivenciada, referindo que “(...) o trabalhador tende a se autodesvalorizar e, muitas vezes, a se identificar com os conteúdos ‘sujos’ de seu trabalho”. Tal questão ficou evidente nas falas de alguns catadores, expressa por meio de sentimentos de vergonha, questão também descrita pela autora como um componente do sofrimento social e psíquico presente no mundo do trabalho.

Eu sentia vergonha sim, não vou negar. Não sei vocês, mas eu sentia no começo. (...) Eu comecei no reciclável e aquele pessoal cheio de carrinho, pessoal de rua, e eu falei: “Nossa gente, o que eu tô fazendo aqui, eu não preciso disso!”. No começo, nas duas primeiras semanas... Porque você vê coisa que você não quer (Maria Aparecida).

(...) Eu só tive uma vergonha. Quando eu encontrei uma ex-namorada minha! (risos). Aí ela deve ter pensado: “Nossa, olha com quem eu ia casar!”. Quando a gente estava junto eu tava registrado né. Eu tinha casa, eu tinha um carro. Aí depois eu comecei a catar papelão, fui caindo de vida, aí ela pensou: “Olha com quem eu ia casar...sem futuro!”. Eu fiquei com tanta vergonha que eu tentei me esconder atrás do carrinho, mas ela me viu ainda (Antônio).

A desqualificação do trabalho do catador torna-se injusta quando se identifica o seu papel crucial na movimentação da cadeia de reciclagem. Nesse sentido, a discrepância social dos catadores, inseridos na informalidade e na precarização laboral, em comparação com a alta tecnologia e movimentação financeira do topo da cadeia produtiva, desloca-os deste papel

fundamental que desempenham, agravando a desvalorização de seu trabalho, especialmente aos olhos da sociedade que com eles convivem. Ainda, a própria desvalorização da atividade do catador, direta ou indiretamente, contribui para a rentabilidade deste circuito econômico. Sobre tal mecanismo do capital, Marx aponta que:

Justamente pelo fato de representar menores custos para o empregador, surge o interesse de caracterizar como desqualificada uma mão de obra que em realidade não o é (MARX, 1988, p.197).

Seligmann-Silva (2011) destaca a importância da união e da organização coletiva na troca de experiências e no empoderamento para a superação da discriminação e desvalorização do trabalho. Segundo a autora:

[...] quando existem vínculos sólidos entre o discriminado e o seu grupo de inserção cultural, aquele muitas vezes desenvolve resistências importantes que neutralizam os efeitos potencialmente adoecedores da situação. (...) Os movimentos sociais resultantes dos sentimentos de indignação e revolta das populações e minorias excluídas do acesso ao trabalho digno ou mesmo a qualquer tipo de trabalho remunerado já se estendem a muitos países, com visível expansão ao longo da crise econômica internacional (SELLIGMANN-SILVA, 2011, p.231).

Com as discussões coletivas no contexto da metodologia Fotovoz, foi possível observar tal possibilidade de intercâmbio de experiências, no qual os catadores, apesar do preconceito enfrentado, indicaram pontos positivos de sua atividade, buscando superar a desvalorização a partir do reconhecimento dos benefícios de seu trabalho para a sociedade, principalmente em termos ambientais.

Figura 36 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.

Descrição: A rua limpa, pra mostrar que a gente cuida do ambiente! Eu acho uma coisa importante, porque quem trabalha honestamente, no meu caso, eu faço limpeza na cidade! (Marcos).

É bom pra sociedade! Porque esse papelão que nós cata vai tudo pro buero, se eu não catar, a cidade fica tudo suja, vai tudo pro buero, tranca tudo e aí dá inundação. Então tem um benefício sim. Se não fosse nós queria ver como que tava a cidade! (Francisco).

(...) A classe dos catadores é uma classe boa entendeu? Apesar de, conforme eu já falei, é criticado, não é reconhecido, não é reconhecido no mercado de trabalho, mas é um bem! A gente tá ganhando um dinheirinho e tá ajudando o meio ambiente principalmente né! (Luiz).

Eu penso que ele é muito gratificante pra natureza, porque você tá colaborando com a natureza! (...) Você tem que por na cabeça que você faz parte da natureza, você é a natureza! E então aquele papel que eles usaram e jogaram fora de casa, a gente levou de volta pra eles, fez eles usarem de novo, entendeu? Daqui vinte, trinta anos, eu não tô aqui, mas eu deixei alguma coisa! (Sandra).

A possibilidade de consciência de classe e o trabalho coletivo entre os catadores pode ser uma forma de superar tais vivências, visto que permite o apoio mútuo e a união de forças no processo de valorização de seu trabalho (MNCR, 2014). Como problematizam Porto et al. (2004, p.1512):

Se não forem reconhecidos e se reconhecerem como sujeitos com direitos e deveres, bem como se não conseguirem enfrentar os estigmas que cercam a atividade de catador de materiais recicláveis, dificilmente eles se envolverão integralmente em qualquer iniciativa que venha a ser proposta, continuando a apontar dificuldades, sem acreditar em possíveis saídas. (...) Por outro lado, as instituições envolvidas – ambientais, sociais e sanitárias – também deveriam mudar seus paradigmas para aceitar a realidade desses catadores como ponto de partida para a sua transformação.

6.2.3.5. Ausência de medidas de proteção: descuido ou falta de recursos?

O campo da saúde do trabalhador enfatiza a necessidade de adoção das medidas de prevenção e promoção da saúde, com o objetivo de evitar adoecimento pelo trabalho. Entretanto, nas atividades inseridas na informalidade, especialmente naquelas em que a marginalidade social e a desvalorização são intensas, essas medidas comumente ficam sob responsabilidade única dos próprios trabalhadores.

Em relação às medidas de proteção, os catadores referiram a importância do uso de luvas, boné, protetor solar, calçado fechado e roupas fechadas, bem como a higienização das mãos, buscando essencialmente a proteção frente à exposição ao sol e à possibilidade de cortes, perfurações ou outro tipo de contato e contaminação a partir do manejo dos resíduos urbanos.

Figura 37 – Fotografia produzida pela catadora Maria Aparecida.

Descrição: Ah, olha, eu tô com a luva! Eu tava mexendo a sacola com essa luva porque é papel! Se é uma coisa mais, tipo, lata, quando lata tá tudo aberta, aí eu pego outra luva de couro minha! E eu não tenho corte na mão, porque eu uso luva! Tô usando protetor e tenho usado o chapéu também, porque senão, não dá! A pessoa tá com 100 anos e a pele parece de quem tá com 300! Se você puder se cuidar um pouco o que é que tem? Não custa! (Maria Aparecida).

Pra mim não tomar muito sol, eu gosto de pôr uma blusa, o boné, ou pôr um chapéu que eu tenho lá também, pra quando tá dentro do sol. É o que precisa... (Ana).

Sim! Se não tomar cuidado interfere sim! Se não tiver os cuidados né, lavar as mãos, usar álcool gel, usar a luva né, se não tiver os cuidados é perigoso demais sim! Não tenho dúvida! (Sara).

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores relataram a importância do uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), constata-se que estas medidas não são usualmente adotadas e, quando adotadas, são insuficientes para protegê-los, uma vez que os EPIs utilizados pelos catadores são improvisados e extraídos dos próprios resíduos urbanos por eles coletados, como mostra a fala a seguir.

Porque eu não tinha botina! Depois eu consegui uma botina aí achada do próprio latão. Aí a gente lava ela certinho e usa pra se proteger (Luiz).

Estudo realizado por Dall'Agnol e Fernandes (2007) sobre a saúde e o autocuidado entre catadores de uma cooperativa em Porto Alegre também identificou baixa adesão ao uso desses equipamentos entre os trabalhadores. Os referidos autores identificaram que, mesmo quando os catadores utilizavam luvas, estas eram do tipo hospitalar ou cirúrgica, ou seja, inadequadas ao tipo de trabalho que realizam. Eles ainda destacaram que tais luvas eram adquiridas somente por meio de doações de um posto de saúde, o que evidencia a falta de recursos adequados aos catadores para a segurança no ambiente de trabalho (DALL'AGNOL; FERNANDES, 2007).

Situação semelhante foi identificada na presente pesquisa. Os trabalhadores entrevistados revelaram não utilizar EPIs em decorrência de diversos fatores condicionantes, sendo um deles a falta de recursos financeiros para adquiri-los.

A gente não usa repelente, não usa nada, sol a sol, de qualquer jeito, e só Deus pra ajudar mesmo, não tem remédio, não tem nada não. A gente não usa porque se a gente vende isso aqui pra ganhar um dinheirinho, como é que vai comprar repelente? Então ele improvisa. Igual ela, tem uns que usa o próprio saquinho de plástico pra colocar na mão. Então as luva a gente costuma usar quando tem, se não tem a gente vai sem luva. A botina, se tem, a gente usa. Se não tem, vai de chinelo (Luiz).

(...) ter calçado, roupa, luva, o chapéu, proteger do clima né, do sol, da chuva...mas aí o catador que se vira, porque a gente tem que trabalhar por conta! Às vezes não dá pra comprar uma bota, uma luva, porque vai conforme a situação, então é a gente que tem que tomar cuidado com a gente mesmo! Saber onde pisa né? Onde anda...(Maria Aparecida).

“Ah, por que você não usa luva?”. Tudo bem, eu até posso usar uma luva, mas eu também, por eu já ser um catador, eu não posso, a luva estraga rápido, nem todo dia eu posso comprar luva, nem sempre você pode tá comprando muitas quantidades de luva pra você entendeu? Tô errada? Tô! Tô errada! O reciclado não tem culpa. Eu que tenho que me cuidar! Eu dependo dele pra viver, não é? (Sandra).

A pressão no trabalho em busca de renda imediata também foi apontada como uma situação que leva o catador a desempenhar seu trabalho sem medidas adequadas de proteção.

As luva por exemplo, a gente usa essas de borracha e só que é o seguinte, às vezes a gente até esquece, porque a gente corre, tem que correr (Luiz).

A pessoa tem que catar de luva pra não se cortar, e esse material com certeza tem micróbio, com certeza tem. Mas o pior é que eu não uso (risos). É um capricho meu, porque nisso aí a gente só anda com pressa (Marcos).

Outros trabalhadores também referiram não utilizar os EPIs, especialmente as luvas, relatando que elas causam incômodo durante o manejo dos materiais recicláveis, prejudicando a realização do trabalho.

Eu não consigo trabalhar de tênis! Não adianta, eu já tentei! Eu, é só chinelo. Eu não consigo, vixe! O pé aperta e dói, eu não consigo! Doze anos já de chinelo! Então eu não uso não, eu não gosto! E luva, eu já tentei uma vez, eu peguei uma luva dele pra pegar uma sucata com ele, mas quando eu coloquei na mão eu já tirei e dei pra ele. Ah, incomoda muito! Você que usa luva você nem consegue abrir um saco direito... (Antônio).

Eu não, eu tenho luva e não uso! Eu não uso porque eu não acostumo. E se eu usar luva me atrapalha o trabalho. Eu posso até pôr pra pegar um pouquinho de sucata, um punhado. Mas logo eu vou querer tirar, tipo, “isso aqui não ta dando certo” (Francisco).

Eu por exemplo não gosto de luva, não gosto mesmo. Já tentei, já pelejei, mas não gosto, porque eu me sinto presa. Eu me sinto presa e a minha mão começa a suar, e começa a escorregar e aquilo começa a esquentar, e eu começo a suar de pingar, então eu não gosto da luva (Simone).

Alguns catadores relataram a não utilização de qualquer medida de proteção, situação que aumenta a possibilidade de ocorrência dos acidentes de trabalho e adoecimento desses trabalhadores.

Não, eu não uso nada! Nunca tive doente por causa de sol. Sabe por quê? Porque oh, a gente trabalha da parte da manhã. (...) E eu não uso luva porque é como eu te falei, eu mexo com reciclagem, não mexo com lixo! Só com o material limpo que é o reciclável (José).

Não, num acha...de perigo não acha...a única coisa mais perigosa que a gente acha, é que talvez tem alguma garrafa quebrada, é o que mais traz perigo pra gente, é isso. Tem que ter cuidado. A gente tem que chutar, que nem, eu chego, eu chuto pra ver se tem vidro quebrado, aí se tem eu vou, se tiver alguma coisa ali que mais interessa eu vou com jeito pra poder num me machucar (Ana).

Eu já agacho e ponho a mão. Aí se eu sentir que é latinha eu abro, se não for, eu deixo. Vou na mão mesmo (Mara).

Pesquisa realizada por Cardozo (2009), com trabalhadores de um lixão no Rio de Janeiro, identificou que os catadores, mesmo tendo acesso a botas e luvas apropriadas, relataram não utilizá-las, visto que esses EPIs causavam desconforto e limitavam seus movimentos durante a coleta de recicláveis, reduzindo a produtividade no trabalho, expondo-os então a acidentes e adoecimento (CARDOZO, 2009). Nesse sentido, observa-se que, devido à baixa renda adquirida e à necessidade de busca de uma maior quantidade de materiais recicláveis, ou seja, em decorrência da necessidade de sobrevivência imediata, esses trabalhadores comumente estão ausentes de medidas de proteção à saúde no trabalho, situação que evidencia o quadro de precariedade laboral que vivenciam.

Os comportamentos adotados pelos trabalhadores poderiam ser erroneamente entendidos como descuido e irresponsabilidade dos mesmos. Entretanto, as perguntas que surgem frente a tal situação são as seguintes: esses trabalhadores recebem EPIs adequados? Utilizar EPIs é uma medida suficiente para a proteção dos trabalhadores no desempenho de seu trabalho? Como se dá a contradição entre capital e trabalho, ou seja, em que medida os trabalhadores, na luta pela sobrevivência e frente à renda ínfima que adquirem dentro da cadeia de reciclagem, estão sendo impedidos de desenvolverem um trabalho com melhores recursos de autoproteção? Com base no referencial teórico adotado nessa pesquisa, pode-se apreender que, se tais questões não são feitas, “corre-se o risco de entender que o trabalhador nem se quer colabora para proteger a sua própria saúde, convertendo a vítima em seu próprio algoz” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p. 218).

A falta de recursos de segurança no ambiente de trabalho, aliada a uma organização laboral penosa, é que conformam tal situação. Se os catadores estão buscando no próprio lixo alguns dispositivos de proteção, é porque eles se encontram claramente desamparados em termos de saúde. Eles buscam então, dentro de seus limites e recursos, preocupar-se com sua própria segurança, sendo esta ineficiente não por culpa dos trabalhadores, mas em decorrência de sua inserção na informalidade e na precarização laboral.

6.2.4. Desgaste da saúde

Retomando o conceito de Laurell e Noriega (1989, p.116), o desgaste é entendido como a “(...) perda da capacidade potencial e/ou efetiva, corporal e psíquica”, considerando que no trabalho

alienado, característico do modo de produção capitalista, “(...) há uma utilização deformada e deformante das potencialidades psíquicas, assim como do próprio corpo (...)” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 134). Neste sentido, o trabalho torna-se mais desgastante do que o processo de reposição e desenvolvimento das capacidades humanas, levando os trabalhadores a condições de adoecimento a partir do cotidiano laboral no qual se inserem (LAURELL; NORIEGA, 1989).

O processo de desgaste da saúde dos trabalhadores pode ser compreendido a partir de diversos caminhos investigativos, dentre eles a identificação dos sinais e sintomas inespecíficos, que se manifestam a partir das cargas de trabalho enfrentadas. Tais aspectos foram identificados por meio das fotografias e falas produzidas pelos trabalhadores, sendo apresentados a seguir.

Por se tratar de um estudo qualitativo, a presente pesquisa não teve como objetivo apresentar um perfil patológico do grupo estudado, com dados representativos de toda a população de catadores. Entretanto, os resultados apresentados contribuem para a elucidação da vivência desgastante por eles enfrentada.

Com a finalidade de compreender o desgaste da saúde dos catadores, foram desenvolvidas as seguintes subcategorias: 1. Problemas osteomusculares; 2. Acidentes de trabalho; 3. Ansiedade e estresse; 4. “Eu tomo um remédio e boa, eu não procuro médico não”.

6.2.4.1. Problemas osteomusculares

Frente a um processo de trabalho que envolve o transporte de quantidades excessivas de materiais recicláveis por longas distâncias e com instrumentos de trabalho deficitários, os catadores queixaram-se predominantemente dos problemas osteomusculares, envolvendo dores na coluna e nos membros inferiores, como mostra a imagem a seguir.

Figura 38 – Fotografia produzida pela catadora Sandra.

Descrição: O peso geralmente atrapalha a coluna. Por exemplo, você pode dizer, “ah, o papelão é leve, ele não pesa”, mas tem um porém, ele é de difícil manejo! Você nunca tem um jeito próprio de carregar ele, e a dificuldade do catador é essa, como transportar esse tipo de coisa? O catador fica com o peso, com o trabalho, com o corte, com a dificuldade, e ainda recebe pouco pelo trabalho do papelão entendeu? (Sandra).

Conforme os peso que ele carrega, é dor nas perna né, de vez em quando umas dor na coluna (Antônio).

Você pode ver que a maioria, quando você vê aquele pessoal que cata mais ferro...é muita dor nas costas! Cansa mesmo! E as pernas então! (Maria Aparecida).

Ah, de vez em quando sim, tem época que dói a perna. Então eu paro, sento, até melhorar. Piorou, aí eu pego o carrinho e vou embora outra vez, devagarzinho. E assim vou tocando (João).

Mexe. Na coluna né, na coluna. Eu não tenho problema de coluna, mas eu sinto, sente dor né. Sinto dor depois, depois que já deu aquele relaxamento, sente, nossa! (Márcio).

Estudo de Alencar, Cardoso e Antunes (2009) também identificou queixas de dores osteomusculares entre catadores da cidade de Curitiba, especificamente em região lombar, condição

relacionada ao cansaço físico em decorrência do trabalho exaustivo. Para Cavalcante e Franco (2007) esses problemas de saúde são decorrentes do ato contínuo de vergar o corpo para apanhar os materiais recicláveis ou carregar peso excessivo, condicionado pelos recursos precários no interior do processo de trabalho.

Também foram identificadas queixas de câimbras em decorrência das longas distâncias percorridas em busca de materiais recicláveis, além da extensão da jornada de trabalho visando maior geração de renda, que só é possível se o catador recolher uma grande quantidade de materiais.

(A saúde) não tá 100% não, porque às vezes tem as câimbras né, a gente tem muita câimbra, pelo fato de andar muito né? Anda muito...porque esse carrinho véio que a gente tem aí é só pra levar e trazer de volta (Luiz).

Tanto que agora no reciclado eu tenho ultrapassado meu horário, aí me dá câimbra, e eu tomo uma vitamina, alguma coisa pra passar (Sandra).

O peso dos materiais transportados pelos catadores, condicionado pelos baixos preços pagos pelo quilograma do material, agravam ainda mais o processo de adoecimento. Outros estudos também destacaram o excesso de peso transportado pelos catadores como gerador de dor osteomuscular, condição também intensificada pelas posturas inadequadas, atividades automatizadas e repetitivas e longas horas de trabalho (GUTBERLET; BAEDER, 2008; ALENCAR; CARDOSO; ANTUNES, 2009; BAZO; STURION; PROBST, 2011).

Estudo de Porto et al. (2004) constatou os principais sinais e sintomas referidos por 218 catadores, identificando nervosismo, dores de cabeça, dor nas costas, cansaço, dor nas pernas, dor nos ombros, dor no corpo e articulações, falta de ar, emagrecimento, entre outros sintomas que podem estar relacionados a problemas osteomusculares potenciais ou estabelecidos. Os participantes da presente pesquisa também apresentaram queixas semelhantes, evidenciando a influência de seu trabalho no processo de adoecimento.

Que nem, agora eu tenho que fazer cirurgia de hérnia de disco por causa do peso do carrinho (Antônio).

Eu entrei em uma calçada errada aí eu tive que dá de volta, aí quando eu puxei a carroça, o nervo parece que deu um choque, parece que tinha arreventado um nervo daqui que eu cheguei a perder assim, e deu aquela dor, o fôlego, chegou a atrapalhar o fôlego. Aí eu vi que pra continuar eu não conseguia, aí eu tive que sair dali, caminhando um pouquinho ali até o portão, pra tirar a carroça da calçada. Aí me ajudaram a empurrar, daí eu fiquei ali, e já não movimentava mais a pernas. Aí depois, conforme foi esfriando né, foi ficando duro e não me mexia as pernas. Aí me falaram, extensão né. Quase quebrou a roda da carroça, ela tava bem carregada! (Márcio).

6.2.4.2. Acidentes de trabalho

Frente às cargas laborais enfrentadas, os catadores referiram a ocorrência de acidentes de trabalho que resultaram no desgaste de sua saúde, envolvendo o contato com materiais perfurocortantes e animais peçonhentos, os acidentes de trânsito e o carregamento e transporte de peso excessivo.

Foram predominantes os relatos de acidentes envolvendo vidros, seringas, ferros e outros materiais cortantes e/ou perfurantes, como mostra a imagem a seguir.

Figura 39 – Fotografia produzida pelo catador Marcos.

Descrição: Eu fiz esse machucado na perna por causa de uma chapa de ferro. Tem vez que ela é muito pontuda, e quando a gente vai carregar, escorrega e dá nisso... (Marcos).

Olha aqui, eu machuquei, ontem eu fui trabalhar e eu furei o dedo. E eu não sei no que é que eu furei porque inflamou oh...mas só sei que eu furei o dedo numa sacola. Aí eu abri a sacola e vi umas espinha de peixe sabe, feito de molho (Simone).

Sofre! Você se arranha! O material que você pega vai te riscando. Me acidentei com o vidro aqui na mão. Eu quase perdi esses dois dedos. Eu peguei um saco de vidro assim e fui erguer, aí eu esbarrei numa garrafa quebrada. Os dois nervos do dedo ficaram pra baixo. Aí eu tapei rápido e corri, fui no médico e eles emendaram os nervo de novo. Eu também fiquei parado. Aí com o tempo ele foi voltando, tiraram os pontos, e ele foi voltando ao normal (Francisco).

Ah, eu já me cortei com um vidro, já caí na rua uma vez, na calçada, quando tava entrando na casa da pessoa com o carrinho. Tinha chovido, e eu tava carregando vidro. Então eu caí e ainda me cortei! Mas não foi nada grave, graças a Deus. A gente foi no postinho do CSU depois, e enrolei a mão numa toalha e fui. Chegou lá só deu dois pontinhos, pra não ficar aberto e piorar (Pedro).

Estudo de Almeida et al. (2009), realizado com catadores de uma associação em Minas Gerais, identificou que 90,3% dos catadores declararam encontrar objetos perfurocortantes no material que segregavam e 43,9% declararam ter sofrido acidentes com esses materiais.

Um inquérito realizado na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, analisou testes sorológicos para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), hepatites B e C e sífilis em 253 catadores de materiais recicláveis autônomos, revelando as seguintes soroprevalências: 8,9% para HIV; 34,4% para hepatite B; 12,4% para hepatite C; e 18,4% para sífilis. Tais percentuais foram de 10 a 12 vezes maiores do que a média nacional, mostrando que os catadores estão sujeitos a várias situações de risco, estando, entretanto, aquém dos programas nacionais de promoção da saúde (ROZMAN et al., 2008).

Alguns catadores revelaram que não estavam utilizando nenhum equipamento de proteção individual (EPI) quando o acidente ocorreu, situação que pode agravar o desgaste da saúde desses

trabalhadores a partir da possibilidade de contaminação por doenças veiculadas por microorganismos presentes em tais materiais.

Eu já me piquei uma vez. Tinha uma seringa torta. Só que pegou no chinelo e deu aquela triscada. Aí normal. Eu olhei, achei que era algum bicho, e quando foi eu vi que era a seringa. Aí eu tirei e joguei fora. No prédio, separando reciclável, eu já achei também. Eu já cortei em caco de vidro, em ferro enferrujado... Uma vez peguei uns 10 dias parado, porque infeccionou (Antônio).

Já entrou assim no dedo, de ferro, que corta né! Ai entrou o fio do ferrinho, da navalha. Aí como não tinha nada lá em casa que pudesse cortar aí eu quebrei um aparelho de barba né pra poder cortar, aí cortei, daí peguei um cortador de unha, agarrei ele aí puxei. Eu tava sem luva. Mas aí eu procuro sempre agarrar, já agarrar bem pra não deixar escorrer o material na mão. Era ferro. A máquina cortou e ficou aquele fiozinho que eu não vi, empurrou lá e pronto. Ainda bem que não era coisa assim, mas tinha ferrugem (Márcio).

Outra situação que aumenta o risco de acidentes com objetos perfurocortantes é a coleta de materiais recicláveis no período noturno. Um dos catadores referiu utilizar uma lanterna encontrada entre os resíduos, visando “facilitar” o trabalho de identificação e seleção dos recicláveis nos latões de lixo durante a noite, sendo tal medida insuficiente, levando sua esposa a sofrer um acidente de trabalho.

Figura 40 – Fotografia produzida pelo catador Luiz.

Descrição: Essa lanterna a gente usa para catar à noite, e eu sei que aí tem o risco do acidente né? Já aconteceu com minha esposa. Ela foi abrir um saquinho, tinha arroz e tinha um copo quebrado no meio do arroz. E como era à noite, e eu tava usando a lanterna, era uma lanterna muito fraquinha, e ela pôs a mão, abriu o saquinho e enfiou a mão lá dentro e fez um corte, duas vezes já, um corte no dedo. Mesmo que ela tivesse com luva, ela tava com luva ou não, não sei, não ia adiantar, porque a luva é de borracha, e o vidro pontudo, e ela nem me falou porque ela sabia que eu ia ficar bravo com ela. Depois eu falei: “O que é isso aí?”, tava minando sangue. Aí ela foi embora, foi na pia, lavou bem com água, bastante água, e no outro dia tava ralando de novo! (risos). Mas eu fiquei preocupado! Mas ela continuou a trabalhar, e doía bastante, ela não fechava o dedo né. À noite a gente não tem uma lanterna adequada, então só por Deus mesmo entendeu? (Luiz).

Ainda com relação à falta de segurança na atividade realizada, os catadores relataram casos de picada de animais peçonhentos durante o manuseio dos resíduos urbanos.

Eu já acostumei já. Escorpião já pegou na minha mão, eu pulei dessa altura! Eu tava mexendo na caçamba e quando eu puxei umas madeira pra puxar um ferro o escorpião veio e saiu grudado aqui no dedo. Aí eu arranquei ele, matei, o dono da caçamba me levou na farmácia, tomei um remédio e continuei trabalhando! Sentindo dor, mas trabalhando! E escorpião dói! Deus me livre, nem penso nisso, dói! (Jonas).

Um escorpião já me picou. Só inchou um pouco, doeu. Eu tava mexendo no reciclável, mas eu não fiz nada! Eu matei o escorpião, era filhotinho, pequenininho. Mas eu não fiz nada! Continuei trabalhando. Só deu uma íngua debaixo do braço (Francisco).

Os acidentes de trânsito envolvendo os catadores que utilizam os carrinhos de propulsão humana também são situações presentes e podem causar graves lesões. Os depoimentos descritos a seguir mostram essas ocorrências no cotidiano dos catadores.

Uma vez o cara do carro abriu, eu estava estacionando do outro lado o carrinho, quando o carro veio e bateu o retrovisor no varal do carrinho. Eu pulei e só ficou o carrinho! (Antônio).

Teve um acidente comigo e com uma moto. Eu saía de casa com a carretinha e a bicicleta alí na Monteiro Lobato. E aí veio uma moto com tudo e bateu entre a carrocinha, a carretinha e a bicicleta. Ainda bem que eu não me machuquei, nem ele (Edson).

Em mim não aconteceu nada, mas já estouraram meu carrinho. O carro bateu no varal do carrinho, era um taxista, mas ele breiou de uma vez. Em mim não fez nada, mas no meu carrinho estourou tudo. Aí ele deu ré com o carro dele né, e disse: “Peraí que eu já volto pra te ajudar”. Até hoje to esperando...aí eu tive que comprar outro carrinho, tive que vender por preço de nada. Estourou o varal, o eixo, a roda, tudo! Em mim graças a Deus, a gente tem que ter fé em Deus pra nisso que a gente faz, pra ele estar junto com a gente, entendeu? (Jonas).

Eu caí da carroça entendeu? O rapaz, ele bateu na carroça, bateu bem no pneu, aí ela tombou, eu tombei também e aí eu caí. Eu machuquei o joelho e machuquei o braço. E ele saiu e foi embora! Aí quebrou um negócio da carroça e eu fiquei lá. Só ralei o braço e solei o joelho, aí peguei e tive que voltar pra trás. Aí o rapaz ajudou a trazer a carroça aqui porque não tinha como, quebrou o travessão, e eu trouxe a minha princesinha embora. E o rapaz foi embora! E eu falei, ah, graças a Deus não me machuquei mais...(Simone).

Acidentes de trabalho envolvendo o transporte de peso excessivo de material reciclável também foram relatados. Os catadores se queixaram da ausência de direitos trabalhistas em caso de ocorrência desses acidentes, visto que, inseridos na informalidade, “se você se machucou, tem que se virar”.

Eu tô assim, três anos fazendo, que eu machuquei esse joelho. Eu vim lá de cima do Sumaré, eu ganhei 240 kilos de ferro, sabe aqueles computador antigo de lata? Ganhei 240 kilos...aquele dia eu ganhei 230 reais! Quando chegou ali na Caramuru, a carga deu uma perdida e eu fui escorar o peso, pra num tombar na, sei lá, nos carro, e eu machuquei o joelho...aí eu fiquei um tempão parada sem pode ir trabalhar...mas aí depois agora graças a Deus eu voltei. Ainda dói de vez em quando, estrala... (Ana).

Já, eu já. Eu me acidentei com um cofre, que caiu em cima da minha perna. Eu fui em um prédio buscar uns material que a gente ganhou, aí eu tinha um carrinho de mão, e na hora que eu fui puxar o carrinho ele foi e empurrou. E como o chão era liso com as rodinha nova, o carrinho andou e veio pra cima de mim. Na hora que bateu ele virou. Fiquei 25 dias parado em casa, sem ganhar nem um real. Sem

ganhar nem um real! Então eu tive que ficar parado. Fui pro hospital, aí perguntaram se eu tinha INPS, mas eu não pagava INPS ainda, aí ele disse, “então você vai ficar parado, sem ganhar nada”. E as conta foi acumulando (Antônio).

É comum! Isso é comum! Você pode se machucar mexendo numa caçamba, cair um ferro no pé, ou você vai por a mão na caçamba e cai um ferro pesado em cima da mão, mas isso é normal, mesma coisa de um serviço de firma, só que tem uma desvantagem, se você se machucar e não agüentar trabalhar, você passa fome, entendeu? Porque ferro-velho não ajuda ninguém não! Se você se machucou, tem que se virar, porque ninguém ajuda ninguém não (Jonas).

Sobre os motivos dos acidentes de trabalho apontados por catadores, Almeida et al. (2009) identificaram a falta de atenção, não utilização de EPIs, contato com materiais perfurocortantes, sustos com animais e ratos, presença de escorpiões e cobras, aborrecimentos com colegas de trabalho e problemas pessoais. Outros relataram não saber a causa do acidente. A falta de atenção ou culpa do próprio trabalhador foi então considerado o motivo dos acidentes pela maioria dos entrevistados, refletindo que os trabalhadores ainda atribuem essas ocorrências a fatores individuais, desconsiderando os fatores ambientais, sociais e das relações e processos de trabalho do qual fazem parte.

A percepção de culpabilidade individual frente ao acidente de trabalho é uma situação comumente presente entre os trabalhadores; porém, tal concepção se produz devido aos vários profissionais e estudiosos do campo da saúde do trabalhador que ainda não superaram tal visão (LACAZ, 2007). Ao olhar para todo o processo de trabalho e valorização do capital presente no cotidiano dos catadores, torna-se clarividente o quadro de precarização laboral que os tem levado a tais ocorrências. Nesse sentido, olhar para além da situação pontual do acidente de trabalho, indo em direção à compreensão do processo de trabalho em toda a sua complexidade e riqueza, é um caminho coerente e uma responsabilidade social que os pesquisadores necessitam desenvolver para que o direito dos trabalhadores e a promoção de um trabalho decente sejam efetivados.

6.2.4.3. Ansiedade e estresse

Situações de ansiedade e estresse em decorrência das inúmeras dificuldades enfrentadas no cotidiano laboral foram relatadas pelos catadores. A instabilidade da renda adquirida com a reciclagem, sem a existência de um salário fixo, levou-os a preocupações com a sobrevivência futura.

Ah, o estresse né, é voltar com o carrinho vazio, sem ter nada dentro. Tem dia que tá melhor, tem dia que tá mais pior, é assim, só pensando nas conta pra pagar (Marcos).

E eu me sinto assim, um pouco sem mim, sem mim quanto ao meu trabalho, porque eu tenho que correr no tempo, porque eu pego o resto, eu não tenho aquele serviço fixo pra mim (Sandra).

A carga mental que a gente tem sempre foi assim, uma coisa difícil, porque a gente fica ansioso, a gente não dorme um sono gostoso. Dorme um sono porque a gente tá esgotado! Mas não é um sono tranquilo. Por quê? Porque amanhã a gente não sabe o que vai catar! Você só fica pensando no que você vai fazer amanhã, se vai ter muita coisa pra pegar, se vai ter menos, entendeu? Então a gente fica pensativo. Porque a boca não pára. A boca da gente tem que comer! (Luiz).

Ai fia, estresse, muito estresse! Porque tem vez que você sai e você não arruma nada! E você volta pra casa. E às vezes você tem uma coisa pra comprar, por exemplo, meu gás acabou. Se eu tivesse de sair agora, eu já ia em um estresse, porque você fica “oh minha nossa senhora, eu tenho que conseguir, eu tenho que conseguir”, e isso sua cabeça dói, o corpo dói, as perna dói... é o estresse! Você pega, você vem embora pra casa, e você não quer saber de nada. Você quer deitar, tomar um banho e dormir! (Simone).

Pesquisa realizada por Alencar, Cardoso e Antunes (2009) identificou entre catadores a existência de sentimentos de baixa autoestima, desamparo e ansiedade, esta última relacionada às preocupações de sobreviver frente à instabilidade financeira. Como o ganho dos catadores depende de sua produção diária, ou seja, da quantidade e qualidade do material coletado, esses trabalhadores também vivenciam um trabalho exaustivo, visto que não há períodos delimitados para o trabalho e o descanso, condição característica do trabalho informal e autônomo.

Ele (o catador) tem que ter um equilíbrio muito grande, porque o dia a dia é pesado, é difícil. Porque você tem contrariedade, você tem dor intensa, você tem

uma dor de dente, você tem uma dor de barriga, mas você não pode parar né? Como é que faz? Então a gente fica estressado, a mente às vezes fica cansada... (Luiz).

Por que a gente estressa? Porque o catador deveria ter um horário pra começar e um horário pra terminar, e o final de semana para descansar, o que não acontece. Então minha saúde vai, porque eu não tenho tempo de descansar o corpo. Minha saúde vai deteriorando. Fora a preocupação que eu tenho de coisas melhores. Eu quero coisas melhores entendeu? Eu quero descansar, uma coisa agradável entendeu? (Sandra).

As vivências no trânsito também foram citadas como situações geradoras de estresse e irritabilidade nos catadores, manifestadas pelo medo do acidente de trabalho e pelos conflitos interpessoais.

Estresse, problema no trânsito, ficar nervoso... Porque tem dia que tu não tá bem da cabeça, lógico né, não tem como não ter esse esgotamento da cabeça, de ver as outra pessoa brava sabe? No trânsito, eu fico apavorado mesmo! E pode causar, às vezes, tu causar um acidente por causa dela né, porque a gente gruda no carro né...se tu vê a pessoa estressada gritando com a outra, o motorista né, se tu tá estressado também já vai dar confusão, então aquilo ali é esgotante (Márcio).

O preconceito foi apresentado pelos trabalhadores também como um condicionante da produção de estresse. Os sentimentos de raiva, desvalorização e impotência frente à discriminação no trabalho podem resultar em desgaste mental, que quando permanente, pode gerar doenças importantes, dentre elas a depressão.

O catador, ele tem que ter uma cabeça boa, ele tem que sair tipo: "Eu vou trabalhar, e não vou pensar no que a outra pessoa pensa". Os dias que mais me estressa é quando eu saio pra catar e alguém me humilha. Aí eu fico muito estressada, aí eu ando pela rua conversando sozinha, e até a minha filha falou pra mim: "Você parece uma louca, você conversa sozinha!". Claro que eu converso sozinha! A coisa que eu tenho mais raiva é da pessoa passar perto de mim e falar: "Vai arrumar um serviço credo, não tem vergonha de mexer nessa nojeira não?". Eu fico pensando, tem gente que pensa assim, que vai ser assim bem pro resto da vida... Deus é justo fia! Deus é justo! (Simone).

Tem que ter paciência! Tem hora que você tem vontade de bater na pessoa, de mandar a pessoa para aquele lugar, mas não vai adiantar, não adianta! (Maria Aparecida).

Eles olha pra gente como se a gente fosse um bicho, entendeu? Então quando você chega em casa e toma um banho, e já tá assim, cansado mesmo, eh, mais um dia foi. Mas eu acho que, não sei se isso aí é psicólogo ou psiquiatra que vai entender, mas isso abala muito a emoção. Porque a gente vê, não é questão de inveja. Mas poxa vida, porque é que eu não podia ser fulano que sai, porque eu não posso limpar esse carro igual fulano faz? Acho que ele teve sorte? Pode ser que ele teve sorte... (Luiz).

Relatos de humilhação, desvalorização e vergonha também foram encontrados no estudo de Alencar, Antunes e Cardoso (2009), visto que os participantes da pesquisa referiam esconder-se de outras pessoas durante a realização de seu trabalho na reciclagem.

Um estudo transversal sobre a ocorrência de distúrbios psiquiátricos menores (incluindo ansiedade, depressão e distúrbios somatoformes) em catadores brasileiros, realizado por Silva, Fassa e Kriebel (2006), detectou que a prevalência dessas alterações foi 44.7% maior do que a identificada em um grupo controle com condições sociodemográficas semelhantes. Os referidos autores constataram que as posturas estáticas, a baixa satisfação no trabalho e a ocorrência recente de acidentes laborais foram fatores ocupacionais associados às alterações psíquicas.

Observa-se que a importância do valor social do trabalho do catador é comumente negada, apesar de sua contribuição para a sociedade, meio ambiente e mercado da reciclagem. Segundo Dejours (1994), um trabalho isento de significado e valorização produz um sofrimento com impactos cruciais na saúde mental dos trabalhadores.

Para Franco, Druck e Seligman-Silva (2010), os cenários de precarização laboral presentes na sociedade contemporânea têm mostrado um esvaziamento de sentido por meio do empobrecimento do significado do trabalho, produzido a partir de situações de humilhação, incertezas e injustiças vivenciadas pelos trabalhadores, o que representa a violação dos valores éticos e morais no trabalho.

As referidas autoras indicam que tais situações, características do trabalho precarizado, podem gerar desgaste mental, sendo comuns os quadros depressivos, o esgotamento profissional

(*Burnout*) e a dependência de bebidas alcoólicas e outras substâncias (FRANCO; DRUCK; SELIGMMAN-SILVA, 2010), sendo esta última frequentemente apontada em estudos com catadores (PORTO et al., 2004).

6.2.4.4. “Eu tomo um remédio e boa, eu não procuro médico não”.

Os catadores demonstraram que, da mesma forma que “se viram como podem” no seu processo de trabalho, tal mecanismo também funciona no enfrentamento do desgaste da saúde. Segundo relatos dos trabalhadores, a procura por um serviço de saúde só ocorre quando consideram grave a sua condição física e mental.

(...) Às vezes, de tanto minha mulher pedir eu vou, mas eu sou meio durão, eu não gosto de ir em médico não, entendeu? Mas quando eu tô vendo que tá difícil mesmo, aí eu vou... (Luiz).

Só quando eu tô assim, com febre, aí eu vou no médico, tomo injeção, te dá uma febre alta, aí eu sou obrigado a ficar em casa. Mas quando dá uma dorzinha de cabeça, uma dorzinha, aí eu não fico em casa não (José).

Só quando eu tô muito, muito mal mesmo, do contrário eu não procuro ajuda e não vou no hospital (Sandra).

Era para eu ir no médico, pra ver se foi lesão no tendão, mas aí eu não fui! E eles perguntaram: “E aí, foi lá no médico? Você não foi seu sem vergonha? Tu tem que ir!”. E eu: “Não, isso aqui vai passar, vai passar!” (Márcio).

Para Cavalcante e Franco (2007), os catadores tendem a minimizar, negar ou compensar os danos sofridos no desempenho de seu trabalho, naturalizando as ameaças existentes nesse contexto. Para esses autores, quando há uma preocupação com seu estado de saúde, os catadores desenvolvem estratégias de defesa autônomas, visto que não usufruem de direitos trabalhistas nem previdenciários. Neste sentido, os catadores entrevistados revelaram a automedicação como forma de solucionar seus problemas de saúde.

Eu sempre ando com dinheiro no bolso sabe? Porque se eu passar mal, o único mal que eu vou passar é uma dor de cabeça, uma dor no dente, isso aí é normal... Aí que eu faço? Eu vou na farmácia e compro um comprimido, e tomo e continuo trabalhando, até chegar em casa (José).

Ah, eu tomo um remédio pra resolver logo, pra melhorar. É muito difícil eu procurar médico, porque eu tento resolver meu problema eu mesmo. Pra mim, procurar médico só em último caso né... (Carlos).

Aí você toma um dorflex, você toma um outro, e a dor vai embora, aí você continua de novo... Ou é ou é, entendeu? Tem que ser assim (Sandra).

Eu procuro me medicar! Mediar assim, se é um corte eu procuro tomar um remédio, me cuidar. Não costumo ir no médico (Márcio).

A busca de outras formas de cuidado da saúde para além da medicina tradicional também foram referidas pelos catadores, dentre elas o uso de preparos caseiros, além da procura por ajuda espiritual.

Eu mesmo faço meu remédio. Eu faço um chá forte com limão, gengibre, tudo quanto é planta, tomo, e se não melhorar o cansaço, eu vou no posto e passo pelo médico (Edson).

Eu não vou muito em médico não, eu não gosto. Se eu fico muito gripada, eu sou muito de fazer chá pra tomar em casa, entendeu? E se eu tô com alguma dor, tipo assim, às vezes eu sinto muita dor no rim, então, nas antiga, como minha mãe não acostumava a levar no médico, então eu tenho um pouco dela. Se eu tô com dor no rim eu procuro um remédio de quebra-pedra, eu mesmo faço e eu tomo, aí eu saro, então eu não sou de procurar médico, prefiro em casa (Simone).

(...) Vou deixar o meu médico superior me curar. Aí eu vou indo, não fui atrás de nada... (Ana).

Ah, a proteção pra mim vem de Deus. Deus dando a proteção, o resto é resto (Marcos).

A partir dos depoimentos apresentados, torna-se necessário compreender os comportamentos adotados pelos trabalhadores, dentre eles a não procura por serviços de saúde e o uso de medicamentos sem prescrição médica. Segundo Minayo (1988), em seu clássico estudo sobre as representações sociais de saúde e doença, “(...) o sistema etiológico popular não é uniausal. Pelo

contrário, ele se define pelo pluralismo, é holístico, ecologicamente orientado, articula-se com as condições materiais da existência e as expressa” (MINAYO, 1988, p.379).

A complexidade e o paradoxo da relação trabalho e saúde na percepção do catador se evidencia quando estudos mostram a concepção de saúde e doença na perspectiva desses trabalhadores. Dall’Agnol e Fernandes (2007) identificaram que, para os catadores, “ter saúde é não contrair uma doença grave”, ou “é não ter que ir ao hospital, não tomar remédio”. Eles mostraram-se alarmados apenas quanto a doenças que julgam graves, como o câncer, o HIV, a tuberculose ou a “doença do rato”. Embora haja entendimento de que existem riscos no trabalho com os resíduos, os catadores desconsideraram tal situação como fator preocupante frente à necessidade de busca de renda para sobrevivência imediata.

Estudo de Medeiros e Macedo (2006) realizado com catadores ligados a duas cooperativas de reciclagem de Goiânia demonstrou que eles não consideravam cortes, perfurações e escoriações como acidentes de trabalho. Para eles, acidentes seriam ocorrências graves que os impediriam de trabalhar. Esses dados são semelhantes aos identificados na pesquisa de Cardozo (2009), bem como em estudo de Porto e colaboradores (2004, p.151) que constatou que:

Os catadores entrevistados percebem o lixo como fonte de sobrevivência, a saúde como capacidade para o trabalho e, portanto, tendem a negar a relação direta entre o trabalho e problemas de saúde. Se a associação automática entre lixo e doença é pouco reconhecida, não há como se ignorar que inúmeros são os riscos realmente existentes no trabalho de catação [...].

Nesse sentido, a saúde perde seu nexos evidentemente direto com a manutenção da vida. A questão da saúde fica, paradoxalmente, subjugada à sobrevivência do homem-trabalhador neste mundo de exploração do capital que se intensificou neste século XXI. O processo de sócio-metabolismo do capital desencadeia, portanto, o processo de adoecimento nesses trabalhadores, que quando fisicamente incapazes de trabalhar, serão substituídos como mercadorias velhas e inutilizáveis, sendo trocados por “mercadorias novas”. Assim o sistema se auto-reproduz, em um processo de “mercadorização” do trabalho vivo (ALVES, 2007).

Olhar para tais condições materiais, dentre elas o processo de trabalho, permite uma ampliação da visão sobre tal fenômeno, que mostra outra situação basal: a precarização das

condições de trabalho e vida e, portanto, a precarização também das condições de saúde. Os catadores, da mesma forma que elaboram seus próprios instrumentos de trabalho e organizam seu cotidiano laboral, improvisando e adaptando recursos técnicos e habilidades, também improvisam e sustentam o manejo de sua própria saúde, a partir dos recursos que lhe são alcançáveis. Por conseguinte, tal condição se torna mais um elemento que compõe este quadro de precarização laboral no cotidiano dos catadores, que precisa ser entendido de forma crítica para que transformações efetivas possam ser pensadas e desenvolvidas em benefício desses trabalhadores.

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou a compreensão do processo de trabalho e suas repercussões na saúde de catadores de materiais recicláveis, por meio da participação ativa dos trabalhadores no processo investigativo e a partir da utilização de um referencial teórico e metodológico em busca de um salto analítico necessário à compreensão deste fenômeno social.

A partir das fotografias e das reflexões verbais produzidas pelos catadores, analisadas à luz do materialismo histórico e dialético, foi possível compreender o processo de trabalho vivenciado pelos catadores, que é condicionado pelo processo de valorização do capital, cuja finalidade central é a extração da mais-valia. Os resultados mostraram que este processo se materializa por meio de três vias: a reutilização de um grande contingente de homens e mulheres desempregados, com baixa escolaridade e com históricos laborais precários, que se inserem na reciclagem informal como única alternativa para a sobrevivência; a inserção desigual dos catadores na cadeia de reciclagem, expressa pela baixa renda a eles fornecida e pela desvalorização e subjugação de seu trabalho, sendo vistos como um grupo que necessita apenas de “apoio social”; por fim, a utilização de uma mão de obra que transforma os restos em nova matéria-prima com valor de mercado, sendo que, enquanto o catador renova os resíduos, ele tem deteriorada a sua condição de saúde.

No interior do processo laboral, campo de confronto entre capital e trabalho, foi possível observar que o catador, ao fazer parte da informalidade ou do circuito inferior, é desprovido dos recursos necessários à execução de seu trabalho, dentre eles a inexistência de instrumentos laborais adequados, a ausência de um lócus ou ambiente de trabalho seguro e a falta de apoio por parte da sociedade, que desvaloriza sua atividade. Além disso, mesmo inseridos em uma atividade informal que possa sugerir a flexibilidade do trabalho e a liberdade do catador, esses homens e mulheres têm seu cotidiano sujeito às exigências das empresas compradoras, que decidem quais serão os materiais passíveis de compra e como deverão estar organizados ou preparados para a venda, controlando também os valores de comercialização.

Frente a tais empecilhos, os catadores encontram formas de adaptação do trabalho para gerar maior renda e diminuir as dificuldades enfrentadas. Este processo envolve a busca de melhores condições laborais, dentre elas a aquisição de veículos motorizados com maior espaço para alocação

dos recicláveis, além da procura por fornecedores fixos de materiais (residências, empresas, lojas, etc.), no intuito de adquiri-los em maior quantidade e melhor qualidade. Além disso, eles referiram que o trabalho em cooperativas pode ser uma oportunidade de vivenciarem melhores condições de trabalho e saúde, porém temem os conflitos entre catadores e a queda da renda financeira.

As principais cargas laborais enfrentadas pelos catadores foram as cargas biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas, que envolveram, respectivamente, a exposição a materiais biológicos, o risco de atropelamento no trânsito, o esforço físico pesado e o preconceito e desvalorização do trabalho, situações cotidianas que são produzidas pelas diversas formas de precarização vivenciadas no interior do processo de trabalho analisado.

Agravando o efeito dessas cargas laborais na saúde dos catadores, os recursos para sua proteção e segurança no trabalho praticamente inexistem, sendo comum a não utilização de equipamentos de proteção individual e de outras medidas de segurança, visto que não há condições financeiras para adquiri-las. Destaca-se ainda que estes recursos, mesmo se fossem utilizados pelos catadores, seriam medidas insuficientes frente à gravidade das cargas laborais enfrentadas.

O desgaste da saúde dos catadores, produzido no interior do processo de trabalho, foi manifestado por problemas osteomusculares, ansiedade, estresse e acidentes de trabalho (cortes, perfurações, quedas e lesões), gerando perda da capacidade potencial ou efetiva biopsíquica nesses trabalhadores. Estas formas de desgaste foram intensificadas pela necessidade de sobrevivência dos catadores, que mesmo fadigados e sem assistência à sua saúde, dependem da luta diária no trabalho da reciclagem informal.

Frente ao desgaste, os catadores relataram buscar medidas autônomas para cuidarem de sua saúde, em decorrência da falta de recursos sociais e de acesso a serviços de saúde. Adotando medidas alternativas, dentre elas a automedicação e a ajuda espiritual, eles vão encontrando formas de se proteger, seguindo a mesma lógica encontrada no processo de trabalho: “O catador se vira como pode”.

Retomando os pressupostos do estudo, foi possível identificar que:

1. Os catadores de materiais recicláveis autônomos enfrentam situações laborais precárias decorrentes da conformação do processo de trabalho que vivenciam, o qual é condicionado pelo processo de valorização do capital, que se materializa na frágil inserção do catador na cadeia de

reciclagem e na sua desvalorização histórica, influenciada pelo mercado laboral, poder público e sociedade;

2. Os catadores sofrem diversas formas de adoecimento ou desgaste da saúde decorrentes das cargas de trabalho que enfrentam. Estas, porém, não surgem apenas em decorrência do contato direto com os resíduos e rejeitos, mas devido aos elementos técnicos e sociais do processo de trabalho que interagem entre si e o trabalhador, gerando implicações para sua saúde;

3. Esses trabalhadores, embora conheçam aspectos do seu trabalho que possam levá-los ao adoecimento, priorizam a busca de renda para a sobrevivência. Esta situação não é decorrente de uma plena escolha pessoal, mas oriunda de sua frágil forma de inserção no mercado informal da reciclagem e da exclusão laboral e social vivenciada, além da falta de recursos necessários para tal proteção.

Mesmo frente a um quadro de precarização do trabalho, no qual olhar para o catador remete a sociedade a inúmeras questões laborais e sociais negativas, a possibilidade do uso da Fotovoz propiciou uma experiência importante no empoderamento desses trabalhadores, permitindo a troca de experiências e o reconhecimento de que podem ter voz no mundo do trabalho. Os dados coletados nas entrevistas individuais também foram relevantes, visto que cada trabalhador representou um universo de complexidades e riquezas na discussão do tema.

A partir dos resultados desta pesquisa, é possível apontar alguns aspectos que necessitam de maior atenção e estudos sobre a condição dos catadores, os quais podemos destacar:

1. A necessidade da inclusão de informações sobre os catadores de materiais recicláveis nos sistemas nacionais de informação, visto que se identifica uma escassez de dados estatísticos a nível nacional nos países latino-americanos, que poderiam explicitar o número real de trabalhadores envolvidos com a reciclagem informal, seu perfil sócio-demográfico e suas condições de trabalho, com potencial para direcionar políticas públicas voltadas para essa população. Os catadores, embora cada vez mais presentes nos ambientes urbanos, permanecem aquém desses dados, fator que influi no desconhecimento ou na exclusão dessa categoria laboral;

2. No universo dos catadores, também é importante considerar as diferenças de gênero, aspecto essencial para se compreender as percepções sobre o trabalho e seus efeitos sobre as condições de vida e saúde dessa população. Também é necessário compreender os efeitos da

reciclagem informal na vida de crianças e idosos, grupos vulneráveis que podem enfrentar maior precarização das condições de vida, trabalho e saúde que as demais categorias etárias. A necessidade dessa discussão é importante, visto que, embora o trabalho infantil seja considerado ilegal, constitui-se ainda um grave problema presente nos países subdesenvolvidos. Quanto ao trabalho dos idosos na reciclagem informal, também é necessário um olhar especial visto que a crescente flexibilização das relações de trabalho e o enfraquecimento das políticas previdenciárias podem levar trabalhadores idosos a viverem da reciclagem informal como única alternativa de sobrevivência;

3. Torna-se importante o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a incidência de algumas doenças que podem ser comuns no trabalho com os resíduos (HIV, hepatites, outras doenças infecciosas e parasitárias) e que podem resultar em graves problemas de saúde pública. Essas pesquisas poderão contribuir também para a promoção de ações de saúde voltadas para os catadores que, como evidenciado nos estudos, ainda sofrem da falta de direitos estabelecidos nas políticas nacionais;

4. Também se identificou a necessidade de mais estudos sobre a inserção do catador na cadeia de reciclagem. Dados sobre o funcionamento e a organização deste mercado nos países são escassos, especialmente em termos quantitativos, dificultando a compreensão da inserção do catador na cadeia produtiva, em aspectos tais como: qual a contribuição do trabalho do catador para a reciclagem em termos financeiros? Como funciona a variação de preços nesse mercado? Informações nesse sentido poderiam orientar as políticas públicas nacionais e locais para uma melhor inserção do trabalhador no mercado da reciclagem;

5. Identificou-se a necessidade de mais estudos sobre as experiências bem sucedidas em cooperativas de reciclagem tanto na América Latina quanto em outras regiões, comparando as condições de trabalho e saúde de catadores cooperativados com aqueles que atuam em lixões/aterros ou nas ruas, buscando compreender de que forma essa proposta pode ser estruturada para gerar um real efeito benéfico para esses grupos;

6. Por fim, observou-se uma demanda de maior envolvimento dos setores públicos para com o trabalho dos catadores, especialmente com a participação da sociedade e dos municípios. Segundo as preconizações nacionais, é necessidade urgente o cumprimento das normas de gerenciamento

dos resíduos sólidos, com a segregação dos resíduos na fonte e com a implementação dos programas de coleta seletiva com a inclusão dos catadores como protagonistas da cadeia de reciclagem. Entretanto, os catadores devem ser vistos pelos poderes públicos não apenas como pessoas que dependem de um auxílio social, mas devem ser reconhecidos como trabalhadores, obtendo todos os direitos que lhe são imputados frente a esta condição.

Sendo assim, os resultados deste estudo revelaram uma realidade que não pode estar omissa no cotidiano social. Os catadores e catadoras estão reduzindo gastos dos municípios com o gerenciamento dos resíduos sólidos, promovendo lucratividade às indústrias de reciclagem e reduzindo impacto ambiental desencadeado pelos comportamentos de desperdício da sociedade, sem serem de fato reconhecidos enquanto trabalhadores. Nesse sentido, a mobilização dos municípios no cumprimento das políticas e a atuação da sociedade no reconhecimento e valorização desses trabalhadores são questões importantes a serem desenvolvidas não apenas enquanto pauta de discussão, mas também resultando em ações concretas e transformadoras da realidade dos catadores.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS⁹

ACKERMANN, K. **Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no mercado informal, o emprego e o desemprego na trajetória de trabalhadores**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AFONSO, C.M. **Sustentabilidade: caminho ou utopia?** São Paulo: Annablume, 2006.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho?** 3ed, São Paulo: Brasiliense, 1988.

ALENCAR, M.C.B.; CARDOSO, C.C.O.; ANTUNES, M.C. Work conditions and health symptoms of ragickers in Curitiba. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 36-42, 2009.

ALMEIDA, J.F. **O discurso da obsolescência: o velho, o novo e o consumismo**. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

ALMEIDA, J.R. et al. Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.6, p. 2169-2180, 2009.

ALTVATER, E. **Existe um marxismo ecológico?** In: BORON, A.A.; AMADEO, J.; GONZÁLEZ, S. (org). A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Buenos Aires: Expressão Popular, 2006.

ALVES, G. **Dimensões da globalização: o capital e suas contradições**. Londrina: Práxis, 2001.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva – Ensaio de sociologia do trabalho**. 2ed, Londrina: Práxis, 2007.

ALVES, G. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v.12, n.2, p.188-197, 2009.

ALVES, M.A. **Setor infomal ou trabalho informal? Uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade**. 2001. 157f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 14ed, São Paulo: Cortez, 2010.

⁹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR 6023.

ANTUNES, R. **A dialética do Trabalho: Escritos de Marx e Engels**. 1 ed, São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, R. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 107, p. 405-419, 2011.

AQUINO, I.F.; CASTILHO J.R.; PIRES, T.S.L. A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. **Revista Gestão e Produção**, v. 16, n.1, 2009.

ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: Towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, p. 19–32, 2005. doi: 10.1080/1364557032000119616.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS – ABRELPE. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil, 2013**. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2013.pdf>. Acesso: 2 nov. 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. 2004. **Resíduos sólidos** – classificação: NBR-10004. Rio de Janeiro: ABNT 63p.

BAEDER, A.M. **Educação Ambiental e Mobilização Social: Formação de Catadores na Grande São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BALLESTEROS, V. L. et al. Factores de riesgo biológicos en recicladores informales de la ciudad de Medellín, 2005. **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, Medellín, v.26, n.2, p. 169-177, 2008.

BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAZO M.L., STURION L., PROBST V.S. Caracterização do reciclador da ONG RRV em Londrina-Paraná. **Fisioterapia e Movimento**, Curitiba, v. 24, n. 4, p. 613-620, 2011.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia sagrada - Nova tradução na linguagem de hoje**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTOLI, M.A. Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos. **Revista Katályses**, v.12, n. 1, p. 105-114, 2009.

BOSI, A. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.23, n. 67, p. 101-117, 2008.

BOURDIEU, P. **Esquisse d’une Théorie de la Pratique**. Paris: Librairie Droz, 1972.

BRAGA, H.M.C. Cooperativismo y reciclado: estrategias de supervivencia de los seleccionadores de basura de Salvador, Bahía, Brasil. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 45, n. 18, 1999.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações - CBO**. Ministério do trabalho e emprego. 2002. Disponível em <<http://www.mteco.gov.br/cbsite>>. Acesso em: 19 Out 2010.

BRASIL. Lei nº 11.107, de 06 de abril de 2005. **Dispõe sobre normas gerais de contratação de consórcios públicos**. Diário Oficial da União, Brasília, 06 abr. 2005.

BRASIL. Lei nº 11.445, de 05 de janeiro de 2007. **Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento**. Diário Oficial da União, Brasília, 08 jan. 2007.

BRASIL. Lei nº 12.187, de 29 de dezembro de 2009. **Institui a Política Nacional sobre a Mudança do Clima**. Diário Oficial da União, Brasília, 29 dez. 2009.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. **Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Diário Oficial da União, Brasília, 03 ago. 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Plano de gestão de resíduos sólidos: manual de orientação**. 2012. Disponível em: http://www.cataacao.org.br/wp-content/uploads/2012/05/Manual_PERS_PGIRS_2012.pdf. Acesso em 12 jan 2014.

BRASIL. Portaria nº 1.823, de 23 de agosto de 2012. **Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora**. Ministério da Previdência Social, Ministério da Saúde e Ministério do Trabalho e Emprego. 2012. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt1823_23_08_2012.html. Acesso em: 19 jan 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Salário Mínimo**. 2013. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/sal_min/. Acesso: 5 jan 2013.

BRECHBÜHL, S. **Female waste pickers in Côte D’Ivoire: a study of women’s livelihoods in the informal waste management sector of Abidjan**. 2011. 115f. Master thesis – Faculty of Natural Sciences, university of Berne, Switzerland, 2011.

CACCIAMALI, M.C. Globalização e Processo de informalidade. **Economia e Sociedade**. Campinas, n. 14, p.152-154, jun. 2000.

CACCIAMALI, M.C. **Setor Informal Urbano e Formas de Participação na Produção**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1983.

CARDOZO, M. **Percepção de riscos ambientais de trabalhadores catadores de materiais recicláveis em um aterro controlado do município de Duque de Caxias / RJ**. 2009. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis— considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **CADERNOS EBAPE**, Rio de Janeiro, v.7, n.4, artigo 5, 2009.

CASTILHOS-JUNIOR, A.B. et al. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, Nov. 2013.

CAVALCANTE, S.; FRANCO, M.F.A. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.7, n.1, p.211-231, 2007.

COCKELL F.F. et al. A Triagem de Lixo Reciclável: Análise Ergonômica da Atividade. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.29, n.110, p. 17-26, 2004.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Cempre review**. 2013. Disponível em: <http://cempre.org.br/artigo-publicacao/artigos>. Acesso: 28 mar 2014.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Mercado – Preço do material reciclável**. 2014. Disponível em: <http://cempre.org.br/servico/mercado>. Acesso: 15 out 2014.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM - CEMPRE. **Política Nacional de Resíduos Sólidos – Agora é lei, São Paulo, SP, 2010**. Disponível em <<http://www.cempre.org.br/artigos.php>>. Acesso: 25 jan. 2010.

CORRÊA, I. **Os catadores de recicláveis de Santo André**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Ambiental) - Centro Universitário Fundação Santo André, São Paulo, 2005.

COSTA, M.S. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 171-190, 2010.

DALL'AGNOL, C.M.; FERNANDES, F.S. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v., p., 2007. Número especial.

DEJOURS, C. et. al. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEMAJOROVIC, J.; LIMA, M. **Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores**. São Paulo: SENAC, 2013.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DIAS, A.R. **Condições de vida, trajetórias e modos de “estar” e “ser” catador: estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba (PR)**. 2002. 105p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FACCHINI, L.A. **Por que a doença? A inferência causal e os marcos teóricos de análise**. In: ROCHA, L.E.; RIGOTTO, R.M.; BUSCHIMELLI, J.T.P. (Orgs.). Isto é trabalho de gente? vida, doença e trabalho no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1994b. P. 33-55.

FACCHINI, L.A. **Uma contribuição da epidemiologia: o modelo de determinação social aplicado à saúde do trabalhador**. In: ROCHA, L.E.; RIGOTTO, R.M.; BUSCHIMELLI, J.T.P. (Orgs.). Isto é trabalho de gente? vida, doença e trabalho no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1994a. P. 33-55.

FERREIRA, J.A.; ANJOS, L.A. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p. 689-696, 2001.

FERREIRA, S.L. Os catadores de lixo na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental. **Revista Urutágua**, Maringá, v. 7, 2005.

FIGUEIREDO, P. J. M. **A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental**. 2. ed. Piracicaba : Unimep, 1995.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Coleta de lixo reciclável tem queda de 86% em Ribeirão Preto**. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/05/1450414-coleta-de-lixo-reciclavel-registra-reducao-de-86-em-ribeirao-preto.shtml>. Acesso: 10 nov 2014.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J.; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.17-27, 2008.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 35, n. 122, 2010.

GARCÍA, C.M. Possibilities and Challenges of Solidarity Organizations: the Case of Recyclers' Organizations in Bogotá. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, v.7, n. 2, p. 265-80, 2011.

GONÇALVES, M. A. **O Trabalho no Lixo**. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2006.

GONÇALVES, R.S. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2004.

GUTBERLET, J.; BAEDER, A. M. Informal recycling and occupational health in Santo André, Brazil. **Internation Journal of Environmental Health Research**, England, v. 18, n. 1, p. 1-15, 2008.

HERÉDIA, V.B.; SANTOS, S. R. One face of the informality: the waste market. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 11, n. 47, 2007.

INFO. **Comércio eletrônico alcança 51,3 milhões de consumidores no Brasil**. 2014. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/2014/03/comercio-eletronico-alcanca-51-3-mi-de-consumidores-no-brasil.shtml>. Acesso em: 13 out. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa mensal do comércio**. 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/>. Acesso em: 25 nov 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2010**. 2012. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso: 26 nov 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos**. Brasília: Ipea, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise**. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt56_completo.pdf. Acesso: 5 out 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável – Brasil**. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacao_social_mat_reciclavel_brasil.pdf. Acesso em: 15 out 2013.

INTELBRASIL. **Ultrabook Conversível**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jXGSguSfqU>. Acesso: 25 set 2014.

IRIART, J.A.B. et al. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre domésticas e trabalhadores da construção civil. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Salvador, v. 13, n.1, p.165-174, 2008.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos na Região Metropolitana de São Paulo - avanços e desafios. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.20, n.2, 2006.

JESUS, M.C.P. et al. Avaliação da qualidade de vida de catadores de materiais recicláveis. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 277-285, 2012.

JUNCÁ, D.C.M. **Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo**. 2004. 250p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

KIRCHNER, R.M.; SAIDELLES, A.P.F.; STUMM, E.M.F. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 5, n. 3, p. 221-232, 2009.

KOWARIC, L. **Capitalismo e Marginalidade na América Latina**. 2ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LACAZ, F.A.C. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, 2007.

LAURELL, A.C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

LAURELL, A.C. **La construcción teórico-metodológica de la investigación sobre la salud de los trabajadores**. In: LAURELL, A.C. (Org.). Para la investigación sobre la salud de los trabajadores. Washington: OPAS/OMS, cap. 1, p.13-35, 1993.

LEAL, A.C.; et al. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Revista Terra Livre**, São Paulo, v.18, n.19, p.177-190, 2002.

LEVAC, D.; COLQUHOUN, H.; O'BRIEN, K.K. Scoping studies: advancing the methodology. **Implementation Science**, v. 5, p. 69, 2010. doi: 10.1186/1748-5908-5-69.

LOMBARDI, M.R. Reestruturação produtiva e condições de trabalho: percepções dos trabalhadores. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v.18, n.61, p. 64-87, 1997.

LONG W.A. La recuperación informal de los residuos sólidos en Guadalajara: una investigación del conflicto entre los pepenadores y la economía formal de los desechos. **Revista Ecología Política**, México, v.19, p.13-20, 2000.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. Temas de Ciências Humanas n. 4. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MACIEL, R.H. et al. Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, p. 1-104, 2011. Número Especial.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. 2ed. Campinas: Editora Átomo, 2005.

MARIATTI, A. Metamorfosis laboral y reciclaje. **Revista katálysis**, Florianópolis, v.12, n. 1, 2009.

MARINI, R.M. **Dialética da Dependência**. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J.P. [orgs.]. Ruy Mauro Marini, vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 1973.

MARTINS, C.H.B. Catadoras/recicladoras na Região Metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade ocupacional. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 5, p. 65-78, 2005.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MARX, K. **O Capital – Crítica da Economia Política**. (Livro 1), Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

MATSUO, M. **Trabalho Informal e Desemprego: Desigualdades Sociais**. 2009. 371 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MEDEIROS, L.F.R; MACEDO, K.B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v.18, n.2, p. 62-71, 2006.

MEDINA, M. Reciclaje de desechos sólidos en América Latina. **Fronteras Norteadoras**, México, v. 11, n. 21, p. 7-31, 1999.

MENDES, R.; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.25, n. 5, p.341-349, 1991.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MINAYO-GOMEZ, C.; LACAZ, F.A.C. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.797-807, 2005.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.13, supl.2, p. 21-32, 1997.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.239-262, 1993.

MINAYO, M.C.S. Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 1988.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ed. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC - ABRASCO, 2004.

MIZIARA, R. Por uma história do lixo. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 1, art. 6, 2008.

MONTENEGRO, D. M. Trabalho, lixo e lucro: precariedade do trabalho no circuito econômico da reciclagem. In: **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: diversidades e (des)igualdades**. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308335335_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO-XICONGLUSOAFROBRASCOSOCIAIS.pdf. Acesso: 12 jan 2013

MOTA, A. E. Entre a Rua e a Fábrica: Reciclagem e Trabalho Precário. **Revista Temporais**. Brasília: Ano 3, n. 6, 2002.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCR. **História e missão**. 2014. Disponível em: <http://www.mnccr.org.br/>. Acesso: 18 jan 2014.

NETO, A.L.G.C. et al. Consciência ambiental e os catadores de lixo do lixão da cidade do Carpina - PE. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 17, p. 99-109, 2007.

NUN, J. **Superpopulação relativa, exército industrial de reserva e massa marginal**. In: PEREIRA, L. (org). **Populações Marginais**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **E-waste world map**. 2013. Disponível em: <http://www.step-initiative.org/index.php/WorldMap.html>. Acesso: 24 mar 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **OIT e o desafio de "formalizar a informalidade" na América Latina.** 2014a. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/oit-e-o-desafio-de-formalizar-informalidade-na-america-latina>. Acesso em 05 nov 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **Desemprego e informalidade afetam os jovens na América Latina.** 2014b. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/desemprego-e-informalidade-afetam-os-jovens-na-america-latina>. Acesso em 05 nov 2014.

ORTÍZ, B. Los nuevos recolectores: los Guahibos recicladores de basura en Ciudad Bolívar. **Boletín Antropológico**, Bogotá, v.20, n. 54, p. 483-498, 2002.

PALACIO, D. L. Y.; GUZMÁN, P. A. V.; SALAZAR, W. M. G. Factores que afectan la productividad del reciclador informal - Caso Medellín. **Gestión y Ambiente**, Bogotá, v.11, n.1, p. 85-96, 2008.

PAOLI, M.C. **A marginalidade no Capitalismo Dependente: um problema deslocado.** In HOGAN, D. et al. Cidade Usos e Abusos. São Paulo: Brasiliense, 1978.

PERELMAN, M.D. Memórias de la quema - o cirujeo em Buenos Aires trinta anos depois. **Revista MANA**, Buenos Aires, v.16, n.2, p. 375-399, 2010.

PERNA, P.O.; CHAVES, M.M.N. O materialismo histórico-dialético e a teoria da intervenção prático da enfermagem em saúde coletiva: a demarcação do coletivo para a ação da enfermagem. **Revista Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, a.6, n.6, 2008.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu.** São Paulo: Boitempo, 2001.

POCHMANN, M. **O Excedente de Mão-de-Obra no Município de São Paulo.** In Jakobsen, K. et al. (orgs). Mapa do Trabalho Informal – Perfil Sócio-Econômico dos Trabalhadores Informais na Cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, pp.18-23.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PORTO, M.F.S. et al. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.6, p. 1503-1514, 2004.

QUIJANO, A. **Notas sobre o conceito de marginalidade social.** In: PEREIRA, Luiz (Org.). Populações "marginais". São Paulo: Duas Cidades, 1978.

RIBEIRÃO PRETO. **O gerenciamento do lixo em Ribeirão Preto.** 2013. Disponível em: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/smambiente/i22principal.php>. Acesso: 5 nov 2013.

RODRIGUES I.J. O sindicalismo brasileiro: da confrontação à cooperação conflitiva. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v.9, p. 116-26, 1995.

ROZMAN, M.A. et al. Anemia em catadores de material reciclável que utilizam carrinho de propulsão humana no município de Santos. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.13, n.2, 2010.

ROZMAN, M.A. et al. HIV infection and related risk behaviors in a community of recyclable waste collectors of Santos, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 5, p. 838-843, 2008.

RUSSO, M.A.T. **Tratamento de resíduos sólidos: texto de apoio para os alunos da disciplina de tratamento de resíduos sólidos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2003.

SANTOS, G.O.; SILVA, L.F.F. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n.2, p.689-716, 2009.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, D.B.; LIMA, S.C. Catadores de materiais recicláveis em Uberlândia - MG, Brasil: estudo e recenseamento. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 21, p. 82-98, 2007.

SILVA, M.C.; FASSA, A.G., KRIEBEL, D. Minor psychiatric disorders among Brazilian ragpickers: a cross-sectional study. **Environmental Health: A Global Access Science Source**. v.5, n.17, 2006.

SKALINSKI, L.M.; PRAXEDES, W.L.A. A abordagem marxista aplicada aos métodos de investigação em saúde. **Revista Acta Scientiarum - Humanand Social Sciences**, Maringá, v.25, n.2, p.305-316, 2003.

SOUZA, C. M.; MENDES, A. M. Viver do lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal - Estudo exploratório. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 6, n. 2, p. 13-42, 2006.

SOUZA, P.R. **Empregos, salários e pobreza**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

STERCHILE, S.P.W.; BATISTA, A. O espaço da cooperativa “amigos do meio ambiente”: cooperativa de trabalho ou cooperfraude? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 106, p. 314-334, 2011.

TASCHNER, G.B. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 40, n. 4, p.38-47, 2000.

TAVARES, M.A. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME - UNEP. **Guidelines for National Waste Management Strategies: Moving from Challenges to Opportunities**. 2013. Disponível em <http://www.unep.org/ietc/Portals/136/Publications/Waste%20Management/UNEP%20NWMS%20English.pdf>. Acesso: 30 nov 2014.

VELLOSO, M.P. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. Supl, p. 49-61, 2005.

WANG, C; BURRIS, M.A. Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. **Health Educational Behavior**, v.24, n.3, p.369-387, 1997.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 6 ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1989.

ZANETI, I.C.B.B.; SÁ, L.M.; ALMEIDA, V.G. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 173-192, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICES**APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Individual**Dados Gerais

1. Data de nascimento: ____/____/____

2. Sexo: () Feminino () Masculino

3. Estado Civil:

() Solteiro () Casado/Com companheiro estável

() Separado/Divorciado () Viúvo () Outro:

4. Escolaridade: () Nível fundamental () Ensino Médio

() Nível superior () Outro:

5. Cidade de Origem:

6. Moradia:

7. Dependentes financeiros:

8. Há quanto tempo trabalha como catador(a) de material reciclável:

9. Antes de ser catador(a), você já trabalhou em outras atividades?

Quais? _____

10. Além de ser catador(a), o(a) senhor(a) desenvolve outras atividades de trabalho ou possui outra forma de renda? Quais?

11. Horas de trabalho por dia:

12. Renda diária e mensal (individual e familiar):

Roteiro de perguntas

1. O que você acha do trabalho do(a) catador(a)?
2. Conte-me o que te levou a trabalhar como catador(a).
3. Conte-me com detalhes como é um dia de trabalho do(a) catador(a).
4. Em sua opinião, o que é ter saúde?
5. Você acha que o trabalho do catador afeta a saúde?
6. No trabalho do catador é comum ocorrer acidente de trabalho?
7. Você já teve ou tem algum sintoma ou doença que você acha que tem a ver com o seu trabalho?
8. Você faz alguma coisa para evitar ficar doente no trabalho ou evitar acidentes?
9. Quando ocorre algum acidente no trabalho ou você fica doente, o que você faz?

APÊNDICE B - Orientações para a realização das fotografias

Perguntas

(Mínimo de 5 fotos e máximo de 22 fotos).

- Como é o seu dia a dia de trabalho como catador(a) de materiais recicláveis?
- Existe algo no seu trabalho que traz risco para a sua saúde ou segurança? Existe algo que possa te levar a sofrer um acidente de trabalho ou ficar doente?

Manuseando a câmera:

- Você pode começar pendurando a câmera no seu pescoço ou envolvendo na sua mão a corda da câmera, evitando que ela caia.
- Você vai tirar a foto apertando um botão que fica na parte superior da câmera, no canto direito. Você vai ouvir um barulho ao apertar o botão, indicando que a foto foi tirada.
- Você quer fazer outra foto? Você precisará girar o rebobinador da câmera até o fim (até que ela não gire mais), e agora você poderá fazer outra foto. Cada vez que você for fotografar, rebobine antes.
- Você só irá manusear esses dois dispositivos: o rebobinador e o botão para tirar a foto. Não mexer nos demais botões da câmera.
- Quando você terminar todas as fotos, não abra a câmera e não clique ou mexa em nenhum outro botão, pois todas as fotos feitas podem ser perdidas ou danificadas.

Dicas para fotografar:

- Proteger a câmera: evite contato com água, terra, calor ou frio extremos. Evitar a queda da câmera.
- Cuidado com os dedos: evitar colocar a mão na frente da lente da câmera.
- Distância: ficar distante daquilo que vai fotografar (cerca de um metro longe do cenário). Fotos tiradas muito de perto podem ficar borradas.
- Luz: tirar fotos sempre com o sol atrás de você. Evitar fotografar em um local sem luz, pois as fotos sairão escuras e esconderão a imagem.

- Ajuda para fazer a foto: você pode querer sair na foto. Neste caso, alguém pode te ajudar, fotografando para você. Você pode montar uma cena também, para expressar aquilo que você deseja (você pode colocar objetos em algum lugar ou chamar pessoas e fotografar).
- Quando outra pessoa for sair na foto, avise-a que se trata de uma pesquisa, e que nenhuma pessoa será identificada, já que os pesquisadores esconderão os rostos que aparecerem nas fotos.
- As fotos são suas: tire as fotos que você desejar, mas sem esquecer-se dos temas que você precisa trazer nas fotos. Não existe foto certa ou errada. É você quem escolhe como responder as perguntas da pesquisa.

MUITO OBRIGADA PELA PARTICIPAÇÃO.

APÊNDICE C – Roteiro para direcionamento do grupo de discussão.

I. Iniciando o grupo

- Crachá com o nome de cada um (como gostaria de ser chamado).
- Oferecimento de um café-da-manhã.
- Apresentando cada membro do grupo.
- Dinâmica: quebra-gelo.
- Esclarecer como se desenvolverá o grupo focal.
- Esclarecer a pesquisa (questões éticas).
- Explicar as regras gerais do grupo de discussão (confidencialidade ou sigilo, respeitar a opinião dos demais, falar um de cada vez, e esclarecer que “não existe o certo ou errado, existe a sua opinião”).
- Testar gravadores de áudio.

II. Dialogando sobre as fotografias

1. Fotografias: apresentação aleatória e discussão em grupo.
2. Temas gerais (perguntas propulsoras - O que representa essa foto pra você? Qual a primeira palavra que vem na sua cabeça quando você vê essa imagem? Que nome você daria para essa foto?).
 - A. Processo de trabalho.
 - Instrumentos de trabalho.
 - Objeto de trabalho.
 - Atividade / Organização do trabalho.
 - B. Saúde: conceitos, percepções e estado.
 - C. Saúde e sua relação com a atividade laboral.
 - D. Cargas de trabalho - físicas e mentais.
 - E. Desgaste da saúde.
 - F. Cadeia de reciclagem.
 - G. O(a) catador(a) e a sociedade.
 - H. Percepções atuais e perspectivas sobre o futuro.
3. Atividade sintetizadora - eleger as fotografias mais importantes, no sentido de sintetizar os temas centrais da discussão.

III. Agradecimentos. Esclarecimentos.

IV. Reembolso pelos gastos com transporte.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Tanyse Galon, sou enfermeira, e estou desenvolvendo uma pesquisa chamada “Processo de trabalho, cargas de trabalho e desgaste da saúde de catadores de materiais recicláveis”, orientada pela Profa. Dra. Maria Helena Palucci Marziale.

O objetivo do meu estudo é analisar as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis e as suas conseqüências para a saúde desses trabalhadores.

Convido o(a) senhor(a) a participar desta pesquisa da seguinte forma:

1. Realizarei uma entrevista gravada, fazendo perguntas sobre seu trabalho e sua condição de saúde, que terá uma duração média de 30 minutos e será realizada neste próprio local (Empresa MS Sucatas, em sala particular) ou na sua casa, conforme sua escolha;
2. Acompanharei o seu trabalho por um período do dia (manhã ou tarde), registrando por escrito informações sobre as características do seu trabalho;
3. Farei fotografias do senhor(a) e do seu ambiente de trabalho, sem mostrar o seu rosto em momento algum, com o objetivo de registrar as características do seu trabalho.
4. Entregarei uma câmera fotográfica ao senhor(a), para que o(a) senhor(a) faça fotografias, mostrando o que há no seu trabalho que lhe traz risco à saúde, ou que pode levá-lo (la) a sofrer algum acidente no trabalho ou adoecimento. Após as fotografias, o (a) senhor (a) devolverá a câmera para mim, para que eu fique com as fotografias e as utilize no meu projeto de pesquisa. O(a) senhor(a) terá direito a uma cópia das fotografias, caso queira. Por fim, junto a outros catadores, falaremos sobre as fotos produzidas, sendo que a conversa em grupo será gravada.

A participação nesta pesquisa é voluntária e o (a) senhor (a) é livre para se recusar a participar e para retirar sua permissão em qualquer momento, sem sofrer prejuízo algum.

Caso aceite participar, não haverá qualquer prejuízo ou alteração no seu trabalho por causa das informações fornecidas.

Garanto que as suas informações e as fotografias realizadas pela pesquisadora e pelo(a) senhor(a) serão utilizadas somente para a realização desse trabalho e que você receberá uma cópia deste documento assinada por mim e pela minha orientadora.

Não haverá gastos e nem remuneração pela sua participação. Quando apresentar o meu trabalho e quando enviá-lo para publicação em revista científica, não citarei o seu nome, não mostrarei o seu rosto nem o rosto de outras pessoas através de imagens e não darei nenhuma informação que possa identificá-lo(a).

Sua colaboração e participação poderão trazer benefícios para o desenvolvimento científico e para a criação de estratégias de melhoria das condições de trabalho e saúde dos catadores de material reciclável.

Gostaria de contar com sua participação e desde já agradeço.

Eu, _____, RG _____,
declaro que obtive conhecimento sobre a pesquisa “Processo de trabalho, cargas de trabalho e
desgaste da saúde de catadores de materiais recicláveis”, aceito participar de entrevista gravada,
individual e em grupo, sobre minhas condições de trabalho e saúde, e permito ser acompanhado
durante um dia de trabalho, no qual o pesquisador vai registrar por escrito informações sobre as
características do meu trabalho.

_____, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do Participante ou Impressão Digital

Tanyse Galon
Pesquisadora Responsável
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP
Endereço: Av. Bandeirantes, 3900
Telefone: (16) 3602-3430

Profa. Dra. Maria Helena Palucci Marziale
Orientadora da Pesquisa
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP
Endereço: Av. Bandeirantes, 3900
Telefone: (16) 3602-3430

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA OBTENÇÃO DE IMAGENS

Eu, _____, RG _____, declaro que obtive conhecimento sobre a pesquisa “Processo de trabalho, cargas de trabalho e desgaste da saúde de catadores de materiais recicláveis”, aceito ser fotografado pela pesquisadora responsável, durante minha jornada de trabalho, sem que eu seja identificado ou tenha meu rosto exposto nas fotografias; e aceito realizar fotografias do meu ambiente de trabalho, para depois entregá-las à pesquisadora, sem que minha face e/ou a face de outros sujeitos sejam expostas nas mesmas.

_____, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do Participante ou Impressão Digital

Tanyse Galon
Pesquisadora Responsável
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP
Endereço: Av. Bandeirantes, 3900
Telefone: (16) 3602-3430

Profa. Dra. Maria Helena Palucci Marziale
Orientadora da Pesquisa
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP
Endereço: Av. Bandeirantes, 3900
Telefone: (16) 3602-3430

ANEXOS

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde
para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3361 - Fax: 55 16 3602.0518
www.eerp.usp.br - eerp@adu.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 098/2012

Ribeirão Preto, 23 de agosto de 2012

Prezada Senhora,

Comunicamos que as modificações no título do projeto de pesquisa, abaixo especificado, foram analisadas e consideradas **APROVADAS AD REFERENDUM**, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 21 de agosto de 2012.

Protocolo: nº 1269/2011

Projeto: A saúde do trabalhador informal: um estudo com catadores de material reciclável.

Pesquisadores: Maria Helena Palucci Marziale
Tanyse Galon

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.
Profª Drª Maria Helena Palucci Marziale
Departamento de Enfermagem Geral e Especializada
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP